

Directora

Maria da Conceição Saraiva da Silva
Costa Bento

Coordenador Redactorial

José Carlos Pereira dos Santos

Redacção

Carlo Bruno Santos

Conselho Redactorial

Alberto José Barata Gonçalves Cavaleiro
Anabela de Sousa Salgueiro Oliveira
Armando Manuel Marques Silva
João Manuel Lucas da Costa
Jorge Manuel Amado Apóstolo
José Carlos Pereira dos Santos
Luís Miguel Nunes de Oliveira
Manuel Gonçalves Henriques Gameiro
Maria de Lurdes Ferreira de Almeida
Maria de Lurdes Lopes de Freitas Lomba
Paulo Joaquim Pina Queirós
Pedro Miguel Dinis Parreira
Providência Pereira Marinheiro
Teresa Maria de Campos Silva

Propriedade e Edição

Escola Superior de Enfermagem de Coimbra
Rua 5 de Outubro ou Av. Bissaya Barreto
Apartado 55
3001-901 Coimbra
Tel.: 239802850/239487200
E-mail: esenfc@esenfc.pt
www.esenfc.pt

Periodicidade

Semestral

Tiragem

1500 exemplares

Paginação

Carlo Bruno Santos

Impressão

Redhorse - Indústria Gráfica, Lda
Tel.: 239702210 Fax: 239701239

Depósito legal

265996/07



Sumário

EDITORIAL	5
DISCURSO DIRECTO	7
Professora Doutora Joana Fabião	8
Professor Doutor João Apóstolo	12
Professor Doutor José Carlos Martins	16
Professor Doutor Luís Loureiro	20
Professor Doutor Rogério Rodrigues	24
ORDEM DO DIA	29
Um novo Centro de Simulação de Práticas Clínicas	29
Unidade de Investigação: novas instalações, novo “staff” e o “BOM” da FCT	31
Abertura solene do ano lectivo 2008-2009	32
Seminário “Menopausa... Uma Nova Fase”	34
10º aniversário da Revista Referência	37
EUA diz que Escola de Enfermagem de Coimbra tem condições para ser ensino universistário	40
Encontro sobre Feridas... da prevenção ao tratamento	42
“Antes que te Queimes” na Covilhã	43
17 de Março: Dia da ESEnfC	44
Posses: Conselho Geral presidido pelo professor Domingos Fernandes	46
Mais de 500 nas Jornadas de Enfermagem Médico-Cirúrgica	48
INTERNACIONAL	51
Cooperação: ESEnfC na origem da primeira licenciatura em Enfermagem em Cabo Verde	51
Professores da ESEnfC em mobilidade	54
ESEnfC inicia processo de constituição em capítulo da Sigma Theta Tau International	64
Finalistas angolanos receberam formação na ESEnfC	65
Ana Sobral e Daniel Costa: uma experiência Erasmus em Copenhaga	66
PROJECTOS	68
Um serviço de apoio a novos licenciados	68
Enfermagem: Ver... para QUERER!	70
Melhorar o acesso das mulheres imigrantes à saúde	72
“(O)Usar & Ser Laço Branco no Brasil	73
Os novos laboratórios: José Pinto Teles	74
BIOGRÁFICAS	77
Homenagem à Enfermeira Mariana Diniz de Sousa	77
ESTUDANTES	79
REGISTOS	84



Olhar para a frente

MAIS UM ANO LECTIVO que passou e do qual tanto de bom há a registar.

As primeiras palavras deste editorial são para agradecer e para reconhecer a todas e a todos aqueles que ao longo do processo de construção da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra têm participado na concepção, crescimento, desenvolvimento e transformação desta Instituição.

A VISÃO QUE, EM CONJUNTO, DEFINIMOS para a nossa Escola foi a de ser “uma referência nacional e internacional no desenvolvimento e afirmação da disciplina de Enfermagem”.

Foi por isso, e pela ambição de melhoria contínua da nossa instituição, que nos submetemos à Avaliação Internacional Externa pela Associação das Universidades Europeias, entidade escolhida pelo Ministério da Ciência Tecnologia e Ensino Superior para avaliar as instituições de ensino superior portuguesas, a quem devemos a atribuição do financiamento que permitiu concretizar este nosso objectivo.

Permitam-me que cite as palavras de uma Equipa de Peritos Internacionais independentes, que «entende a Escola de Enfermagem de Coimbra como uma Instituição de Ensino Superior que olha para a frente, em direcção ao futuro».

A equipa de avaliação mostrou-se «impressionada com a eficácia da transformação» operada após a finalização da fusão (Agosto, 2006), o que considera poder ser atribuído, «por um lado, à liderança da ESEnC e, por outro lado, à atitude positiva e ambiente colaborativo» no interior da instituição.

Ficou, ainda, impressionada com o forte empenho de todas as pessoas dentro da ESEnC, desde a direcção ao pessoal (docente, administrativo, de investigação) e aos estudantes.

Um empenho, que sublinharam os peritos, «se estende ao exterior, isto é, à região, à sociedade no geral». Daí a elevada reputação local que temos e que queremos continuar a construir.

A equipa de avaliação também salientou, «com satisfação, que a questão da qualidade está no centro das preocupações da ESEnC, e que têm sido dados passos significativos no sentido de estabelecer estruturas e processos para criar e manter uma cultura da qualidade em toda a Escola. A criação do Conselho para a Qualidade e Avaliação, definido nos estatutos da ESEnC, é um bom indicador nesse sentido».

A EQUIPA DE AVALIAÇÃO FICOU IMPRESSIONADA com o empenho do corpo docente da ESEnC, tendo ainda constatado que «a Unidade de Investigação apresenta uma actividade significativa resultante de um progresso sólido durante os últimos anos» e que, «após a avaliação internacional de 2008 (...) recebeu da Fundação para a Ciência e Tecnologia a classificação de Good», sendo «a primeira Unidade de Investigação



PERMITAM-ME QUE VOLTE
A CITAR O RELATÓRIO
DA AVALIAÇÃO EXTERNA
INTERNACIONAL: «A ESCOLA
SUPERIOR DE ENFERMAGEM
TEM DE TRABALHAR AINDA
MAIS PARA ENFRENTAR O
PRINCIPAL DESAFIO QUE
É A CONSOLIDAÇÃO DO
POSICIONAMENTO DOS
ESTUDOS DE ENFERMAGEM
AO NÍVEL UNIVERSITÁRIO.
O LUGAR NATURAL DO
ENSINO DA ENFERMAGEM NO
FUTURO SERÁ DENTRO DO
ENSINO UNIVERSITÁRIO, UMA
VEZ QUE A ENFERMAGEM É,
HOJE EM DIA, UMA DISCIPLINA
DE CONHECIMENTO EM
CRESCENTE CONSOLIDAÇÃO,
COM A SUA PRÓPRIA
INVESTIGAÇÃO, CRIANDO,
REPRESENTANDO
E APLICANDO O
CONHECIMENTO NECESSÁRIO
PARA A PRÁTICA DOS
CUIDADOS, UMA IDEIA QUE SE
ENQUADRA NO CONCEITO DE
ENSINO UNIVERSITÁRIO».

em Enfermagem a receber esta classificação». A equipa de avaliação testemunhou que a ESEnFC tem «uma preocupação constante com investimentos e remodelações, o que resulta na boa conservação das instalações e dos equipamentos».

TODOS ESTAMOS DE PARABÉNS com o sucesso alcançado. Contudo, neste momento, há três preocupações da Escola, nas quais temos de continuar a centrar a nossa atenção.

A primeira preocupação diz respeito à necessidade de reforçarmos a componente de investigação, para que passemos de uma instituição de ensino para uma instituição cada vez mais de ensino e investigação.

A segunda preocupação refere-se à necessidade de aumentar o envolvimento dos estudantes na vida da Escola, assumindo-se como parceiros na governação. O sucesso dos princípios de Bolonha depende deste envolvimento.

A terceira preocupação, talvez a maior, porque a sua resolução não depende do trabalho ou da vontade da Escola, diz respeito aos Ciclos de Estudos em funcionamento na ESEnFC. Trata-se da adequação dos programas de estudos de Pós-Licenciatura de Especialização em Enfermagem, que garantem a formação especializada dos enfermeiros, nas seis áreas de especialidade que a Ordem dos Enfermeiros reconhece para atribuição do título de Especialista, ao segundo ciclo de Bolonha.

Em Dezembro de 2007, a Escola adequou os planos de estudo dos cursos de pós-licenciatura ao 2º Ciclo de Bolonha e submeteu-os à Direcção Geral do Ensino Superior, para aprovação.

Esperamos no próximo ano lectivo poder iniciá-los assim se conjuguem os esforços e vontades políticas.

Permitam-me que volte a citar o Relatório da Avaliação Externa Internacional: «A Escola Superior de Enfermagem tem de trabalhar ainda mais para enfrentar o principal desafio que é a consolidação do posicionamento dos estudos de Enfermagem ao nível universitário. O lugar natural do ensino da Enfermagem no futuro será dentro do ensino universitário, uma vez que a Enfermagem é, hoje em dia, uma disciplina de conhecimento em crescente consolidação, com a sua própria investigação, criando, representando e aplicando o conhecimento necessário para a prática dos cuidados, uma ideia que se enquadra no conceito de ensino universitário».

É PARA A CONSTRUÇÃO DESTE FUTURO que continuamos a contar com o talento e envolvimento de cada um e de cada uma de vós!





ENTREVISTAS A PROFESSORES QUE CONCLUÍRAM DOUTORAMENTO

Professora Doutora Joana Fabião - Tese de doutoramento: “Mães Adolescentes: Percursos de Vida”
[Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Fevereiro de 2009]

Professor Doutor João Apóstolo - Tese de doutoramento: “O imaginário conduzido no conforto de doentes em contexto psiquiátrico” [Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Maio de 2008]

Professor Doutor José Carlos Martins - Tese de doutoramento: “O Direito do Doente à Informação: Contextos, Práticas, Satisfação e Ganhos em Saúde” [Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Novembro de 2008]

Professor Doutor Luís Loureiro - Tese de doutoramento: “Representações Sociais da Loucura: Importância para a Promoção da Saúde Mental” [Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Setembro de 2008]

Professor Doutor Rogério Rodrigues - Tese de doutoramento: “Avaliação Comunitária de uma População de Idosos: da funcionalidade à utilização de serviços” [Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Julho de 2008]

“A gravidez na adolescência começa a surgir em meninas cada vez mais novas”

Professora Doutora Joana Fabião defende maior empenho ao nível da prevenção destas situações e a elaboração de programas de intervenção em saúde que envolvam um trabalho em rede, com jovens, professores e famílias. Nem sempre os pais e os professores se sentem preparados para falar sobre sexualidade com os adolescentes

Ser mãe antes da idade adulta é, quase sempre, visto como uma revolução numa vida. É a interrupção dos estudos e o adiar de alguns projectos que se tinha para o futuro. De acordo com o estudo que fez sobre percursos de mães adolescentes, que conduziu à sua tese de doutoramento, não parece ser sempre assim. As jovens consideraram o acontecimento muito positivo.

Na verdade, e nos casos específicos das jovens que integraram o estudo, nem sempre a maternidade na adolescência surge como um acontecimento desestabilizador, com repercussões negativas nos projectos de vida. Da análise e interpretação das narrativas obtidas, salientaram-se alguns aspectos que nos surpreenderam: a gravidez na adolescência pode constituir uma experiência positiva no percurso desenvolvimental da adolescente e, simultaneamente, surge como meio de valorização pessoal perante a família, a comunidade e o grupo de amigos. Enquanto mães, as adolescentes accionam um conjunto de capacidades do ponto de vista desenvolvimental e interrelacional para assumirem o seu novo papel social, surgindo a maternidade como uma oportunidade de dar e receber afecto, como fonte de alegria e felicidade, dando um novo significado às suas vidas.

Ainda assim, as dificuldades por que cada uma delas passou foram diferentes.

As dificuldades por que cada adolescente passou no processo de transição para a maternidade variaram de acordo com os diferentes contextos familiares em que nasceram e cresceram, bem como em função das interacções neles estabelecidas.

O conceito de rede social (e familiar) de apoio para lidar com esta situação “inesperada” é fundamental.

A rede social assume uma importância capital no processo de adaptação à maternidade de cada uma

das mães adolescentes, sendo ainda facilitadora da sua integração no meio envolvente. No entanto, a forma como cada uma das adolescentes utiliza o apoio facultado pelos actores que integram a rede social varia de acordo com as suas expectativas e necessidades, o que é reflexo das suas vivências em contexto familiar.

Que estruturas são mais importantes no apoio às mães adolescentes? Ou, então, quais as que elas entendem como mais relevantes?

A opinião destas adolescentes é convergente relativamente à importância atribuída à família, à escola e aos profissionais de saúde na construção do seu projecto de desenvolvimento em saúde. Mas o seu meio envolvente é povoado de outros actores que, tal como a família e os professores (escola), funcionam como um apoio de elevado valor na vivência da situação de maternidade, do qual faz parte o grupo de pares, sejam colegas de escola, amigos ou colegas de trabalho.

De qualquer forma, é conveniente prevenir a maternidade precoce...

É óbvio que todo este processo de adaptação ao seu novo papel social não é isento de sentimentos desagradáveis, senão mesmo negativos, que acabaram em algumas situações por serem causadores de rupturas familiares, interrupções no percurso escolar e afastamento dos amigos. Os custos do ponto de vista individual e social são demasiado elevados, pelo que a prevenção se impõe, sobretudo se tivermos em conta que a gravidez na adolescência começa a surgir em meninas cada vez mais novas, perante a passividade da sociedade.

Os pais e os professores estão preparados para abordar esta temática?

Nem sempre pais e professores se sentem prepara-



Os pais precisam de desenvolver a capacidade de escuta. Ao serem confrontados com questões relacionadas com a sexualidade dos filhos, têm de ter a capacidade de evitar o inevitável conjunto de recriminações aos comportamentos e ideias dos jovens e optarem pelo diálogo com aconselhamento e até orientação para técnicos de saúde, no sentido de evitar gravidezes indesejadas, entre outros problemas tão ou mais graves como as infeções sexualmente transmissíveis

dos para falar sobre sexualidade com os adolescentes. Os pais precisam de desenvolver a capacidade de escuta. Ao serem confrontados com questões relacionadas com a sexualidade dos filhos, têm de ter a capacidade de evitar o inevitável conjunto de recriminações aos comportamentos e ideias dos jovens e optarem pelo diálogo com aconselhamento e até orientação para técnicos de saúde, no sentido de evitar gravidezes indesejadas, entre outros problemas tão ou mais graves como as infecções sexualmente transmissíveis. Simultaneamente, os pais têm que confiar nas escolas que, ao preocuparem-se com os seus alunos, optam por colocar em prática as aulas de educação sexual e que, quando não têm professores disponíveis, recorrem a técnicos de saúde para as sessões de educação para a saúde, abordando temas relativos à sexualidade. Os professores, apesar de sensíveis à temática, referem a necessidade de formação que lhes permita a sua abordagem integrada nos diferentes conteúdos a leccionar e, simultaneamente, assumem grande dificuldade de articulação com os encarregados de educação.

É necessário interiorizar que a educação sexual tem como objectivo principal permitir ao adolescente assumir opções conscientes no que diz respeito à concepção da sua vida pessoal. A educação sexual é essencial, já que sensibiliza o adolescente para as consequências do sexo desprotegido (nomeadamente gravidezes precoces e ainda a exposição a infecções sexualmente transmissíveis), ajuda-o a explorar e a sentir-se bem com a sua sexualidade. Através de uma educação sexual adequada, os adolescentes poderão desenvolver conhecimentos e a confiança que lhes permita tomar decisões relativas ao seu comportamento sexual.

No seu estudo também fez uma abordagem ao papel dos profissionais de saúde nesta questão. Chegou a alguma conclusão importante?

Os profissionais de saúde (que fazem parte do estudo) que contactam frequentemente com adolescentes grávidas/mães defendem o trabalho desenvolvido por uma equipa multiprofissional que possibilite um trabalho concertado com outras instituições e outros actores sociais, visando a resolução dos problemas imediatos de cada adolescente e a sua adequada (re)inserção no meio familiar, social e escolar, assegurando o seu processo de desenvolvimento humano. O êxito do trabalho desenvolvido por estes profissionais passa pela necessidade de compreender cada adolescente, eliminando ideias preconcebidas, que permita um acompanhamento das adolescentes e suas famílias para minimizar as repercussões negativas de uma gravidez/maternidade. O estabelecimento de parcerias activas com cada adolescente, grávida ou mãe, e os restantes in-

tervenientes no processo que constituem o meio envolvente, constitui um caminho de resolução para alguns dos problemas com que se confrontam todos os envolvidos no processo, de forma directa ou indirecta.

Não há receitas para se baixar o número de gravidezes precoces. A professora Joana Faibão defende mais e melhores programas de intervenção em saúde, que envolvam trabalho em rede...

Na verdade, não existem receitas, sobretudo perante um grupo com características tão diversificadas, pelo que é urgente implementar medidas preventivas mais eficazes. Torna-se importante compreender os comportamentos das jovens ligados ao risco de engravidar, para se partir para a elaboração esclarecida de programas de intervenção, que promovam comportamentos de saúde como um objectivo das

Os professores, apesar de sensíveis à temática, referem a necessidade de formação que lhes permita a sua abordagem integrada nos diferentes conteúdos a leccionar e, simultaneamente, assumem grande dificuldade de articulação com os encarregados de educação.

jovens e dos jovens e apoiem a implementação e manutenção de estilos de vida saudáveis.

O desenvolvimento saudável das populações juvenis representa um aspecto estratégico importante na vida de qualquer comunidade.

A maior parte dos problemas de saúde e de comportamentos de risco associados ao ambiente e aos estilos de vida pode ser prevenida ou significativamente reduzida através da aplicação de programas de saúde escolar efectivos.

Os muitos factores que determinam os comportamentos juvenis exigem formas de intervenção menos estereotipadas e mais esclarecidas relativamente aos fenómenos que as condicionam. Neste sentido, é reforçada a necessidade de estabelecer parcerias sólidas que desenvolvam um trabalho em rede, organizado por equipas multiprofissionais.

A educação sexual continua a não ser do agrado de todos, sendo tabu para alguns. É difícil mudar mentalidades.

Enquanto os educadores, sejam pais e/ou professores, não entenderem a educação sexual como uma temática que deve ser abordada ao longo do pro-



cesso educativo, de uma forma contínua e diversificada, continuará a haver grupos a quem não agrada que a educação sexual seja integrada nos currículos escolares.

Esta mudança de atitude educativa relativamente à educação sexual é difícil de alcançar com a magnitude que se pretende para que comece a ter reflexo no comportamento dos adolescentes em termos de vivência da sexualidade, mas, gradualmente, vão acontecendo algumas mudanças.

Muitos jovens ainda correm riscos desnecessários ao não usarem qualquer tipo de contraceptivo e Portugal é o segundo país europeu com maior número de casos de jovens grávidas. Quer deixar-lhes uma última mensagem?

Dirijo a minha mensagem, em primeiro lugar, aos pais dos adolescentes, apelando a que apoiem a educação sexual em meio escolar, pois esta pode contribuir para promover mais responsabilidade nos jovens no que se refere à vivência da sua sexualidade. Assim, teremos adolescentes mais saudáveis e, conseqüentemente, mais felizes.

Dirijo a minha mensagem, em primeiro lugar, aos pais dos adolescentes, apelando a que apoiem a educação sexual em meio escolar, pois esta pode contribuir para promover mais responsabilidade nos jovens no que se refere à vivência da sua sexualidade. Assim, teremos adolescentes mais saudáveis e, conseqüentemente, mais felizes.

Aos jovens diria que os comportamentos iniciados nesta idade são cruciais para a vida futura, pois têm repercussões no seu desenvolvimento integral enquanto pessoas.

Diria que devem procurar um profissional de saúde sempre que as dúvidas surjam, pois este irá compreender a sua realidade, preservar a sua dignidade, dar informação e explicações, ou seja, vai ajudá-los a crescerem saudavelmente.



“Pensar em imagens positivas diminui os níveis de depressão”

Professor Doutor João Apóstolo construiu um CD para doentes com depressão. Suporte digital sugere exercícios respiratórios, musculares e a elaboração de imagens mentais positivas. Após a intervenção, os doentes em regime de internamento sentem maior conforto, sobretudo na capacidade percebida para pôr em marcha o projecto pessoal

12

*Imaginário
conduzido*
JOÃO APOSTOLO • 2005

Voz Na investigação que conduziu ao seu doutoramento estudou os efeitos da intervenção com imagens mentais positivas em doentes internados com perturbações depressivas. A que resultados chegou?

Verificou-se que a utilização de imagens mentais positivas em doentes com perturbações depressivas e o relaxamento associado diminuem os níveis de depressão, de ansiedade e de stress e aumentam os níveis de conforto nas várias dimensões, à excepção do conforto relativo ao ambiente.

O que são, afinal, imagens mentais positivas? Os doentes são estimulados a pensar em algo

que os deixe bem-dispostos, ou que lhes dê autoconfiança, é isso?

Dirige-se a atenção ou a imaginação da pessoa para a criação de imagens mentais através da indução de um conjunto organizado de estímulos exteriores, como objectos, cenários, emoções, relações pessoais, cores, cheiros, sons, texturas, sabores... para que ela pense de forma positiva e descentre os pensamentos negativos, passando a desenvolver pensamento positivo relativamente a um conjunto de aspectos da sua vida e do contexto onde está inserida.

Como é que a pessoa internada no serviço de clínica psiquiátrica se sente?

Essa foi a primeira grande questão, para a qual foi feito um estudo qualitativo fenomenológico. A pessoa sente-se incapaz de se transcender, de fazer face ao seu projecto de vida, e essa prisão é resultante da doença e não da hospitalização em si. Ou seja, a pessoa sente que está aprisionada na doença e precisa de ser hospitalizada para se libertar dessa prisão.

Estes doentes encaram a hospitalização como um aspecto positivo?

Apesar de um hospital psiquiátrico ser imaginado pela maioria das pessoas como um sítio onde os doentes se sentem aprisionados, ele é, ao contrário, um factor de libertação da doença. Embora também traga algum desconforto, porque não é o contexto social e familiar onde as pessoas habitualmente vivem.

Como é feita esta intervenção com imagens positivas? São sugeridos cenários consoante o estado clínico do doente e o seu grau de depressão?

Todos estes doentes tinham características idênticas: foram avaliados como clinicamente deprimidos. Os doentes com perturbações do tipo psicótico não foram seleccionados para a intervenção.

A questão que me coloca é interessante, porque esta intervenção pode ser feita também na presença do terapeuta e o terapeuta adequar o tipo de estímulos, de imagens mentais, às características daquele doente.

No caso deste estudo, foi feito um guião estruturado, padronizado, que foi utilizado em todos os doentes. Este guião foi construído com base naquilo que os doentes dizem sentir quando estão internados no serviço de clínica psiquiátrica.

Uma crítica que se pode fazer é o facto de todos os doentes utilizarem o mesmo guião, que foi materializado num CD. Mas também traz vantagens, porque os doentes podem fazer aquela intervenção quando, no seu dia-a-dia hospitalar, se propiciarem essas condições.

A gravação do CD tem esta finalidade: ser uma espécie de manual de exercícios?

A gravação do CD teve como finalidade principal servir de suporte à intervenção neste estudo e poder também ser usado nos serviços, noutros doentes, conforme está a acontecer. Se pensarmos que um terapeuta está com um doente 20 a 30 minutos por dia, se tiver de estar com cinco ou dez doentes torna-se complicado. Se houver um suporte digital, ou suportes digitais diferentes, com diferentes guiões, ajustados a diferente tipo de doenças, esses doentes podem fazer esse tipo de intervenção, sem que isso acarrete mais recursos humanos. Nesse sentido, há uma relação custo/benefício muito grande.

O relaxamento e o alívio são apenas momentâneos ou esta metodologia do imaginário conduzido produz efeitos de conforto duradouros?

Essa também é uma questão interessante e num estudo próximo seria uma avaliação a ser feita. Aliás, poderá ser considerada como uma limitação do estudo. As avaliações foram realizadas logo após o ciclo de dez intervenções diárias. Porque o objectivo do estudo era avaliar a diminuição da depressão, ansiedade e stress, e o aumento do conforto enquanto os doentes estão internados. Teria sido positivo uma avaliação do follow-up destes doentes após a alta, mas esse aspecto não foi considerado no estudo.

A metodologia do imaginário conduzido ainda não tinha sido utilizada em contexto de clínica psiquiátrica? Como é que se tem procurado dar conforto a estes doentes?

Este tipo de intervenção é usado em contexto psiquiátrico. Os enfermeiros costumam utilizar técnicas de relaxamento e também de indução de imagens positivas...

Mas não desta forma sistemática?

A questão é que na literatura portuguesa não havia estudos sistemáticos com uma metodologia científica que desse credibilidade aos resultados.



É possível dizer se os doentes sentem mais conforto a nível físico, se a nível psicológico ou espiritual?

É possível dizer que a intervenção não altera os aspectos do conforto ambiental. Ou seja, o que tem que ver com a estrutura física do contexto psiquiátrico. Não mudamos com isto aquele contexto. As dimensões onde a pessoa sente maior conforto são a transcendência – a pessoa com capacidade percebida para fazer face às demandas da vida e para pôr em marcha o seu projecto pessoal – e os aspectos psicoespirituais. Não obstante, o aspecto específico onde foi verificado maior aumento de conforto foi ao nível do relaxamento corporal.

O stress e a depressão são fenómenos em crescendo. Os enfermeiros estão bem preparados para aliviarem estes doentes?

Penso que as escolas têm feito um trabalho meritório na preparação dos enfermeiros para intervirem nesta área. Contudo, este tipo de trabalhos vem trazer resultados credíveis e científicos que permitem suportar a intervenção dos enfermeiros. E vem alargar o corpo de conhecimentos da disciplina de Enfermagem, que permite aos enfermeiros, no futuro, afirmarem-se enquanto profissionais autónomos neste tipo de intervenções.

Se houver um suporte digital, ou suportes digitais diferentes, com diferentes guiões, ajustados a diferente tipo de doenças, esses doentes podem fazer esse tipo de intervenção, sem que isso acarrete mais recursos humanos. Nesse sentido, há uma relação custo/benefício muito grande.

O seu doutoramento pode contribuir para uma melhor preparação dos alunos da ESEnfC?

Enquanto professor, tenho vindo a preparar os meus alunos nas metodologias de investigação. Este trabalho vem ajudar a apresentar um conjunto de argumentos, quer relativamente à construção do problema, quer quanto à construção e validação de instrumentos. Este relatório final é o relatório de doutoramento, mas o processo foi extremamente importante. Durante o processo, o conjunto de resultados foi sendo submetido à crítica nacional e internacional, quer através da apresentação em congressos, quer pela submissão de artigos científicos. Essa submissão à crítica nacional e internacional foi permitindo verificar que, no contexto do ensino da Enfermagem, a ESEnfC está a desenvolver a área da investigação ao nível daquilo que se faz nos países estrangeiros. Mas convém dizer que, no ensino te-





na preparação dos enfermeiros para intervirem nesta área

órico e prático, a intervenção tem sido desenvolvida para os alunos apresentarem, quando estão em contexto clínico psiquiátrico, competências mais desenvolvidas para fazerem este tipo de trabalho. E o CD também tem sido utilizado nas aulas práticas de saúde mental.

Estes trabalhos (...) vêm alargar o corpo de conhecimentos da disciplina de Enfermagem, que permite aos enfermeiros, no futuro, afirmarem-se enquanto profissionais autónomos neste tipo de intervenções.

Nesta área, e na sequência do seu estudo, o que importaria estudar de seguida?

Há um conjunto de aspectos que podem vir a ser desenvolvidos, nomeadamente criar guiões ajustados a outro tipo de situações (não só de depressão) e a um conjunto de áreas, clínicas ou não clínicas, da cirurgia ou da oncologia. E fazer estudos de follow-up no sentido de perceber até que ponto é que estes resultados se podem prolongar no tempo.

“Na maioria dos casos é útil dizer tudo aos doentes”

O Professor Doutor José Carlos Amado Martins analisou, num estudo que serviu de base à tese de doutoramento, de que forma se processa a troca de informação entre os profissionais de saúde e o doente oncológico: o que se diz, o que não se diz, por que é que se diz e como se diz. De acordo com as conclusões deste trabalho, desenvolvido no IPO de Coimbra, a ideia algo paternalista de que é melhor não dizer tudo ao doente revela-se errada



O seu estudo conclui que a grande maioria dos doentes oncológicos quer ser informada sobre a doença, o que revela que muitas vezes isso não acontecerá.

Isso revela que existem muitas lacunas. O estudo que fiz tem três vertentes principais: uma dirigida aos enfermeiros, uma à população em geral e outra a doentes oncológicos. O objectivo central era trabalhar em torno da informação em contexto da doença grave. Não unicamente em contexto de doença oncológica. Tanto os elementos recolhidos entre as pessoas com experiência de doença sobre as quais não há controlo, se é oncológica ou não, como os dados recolhidos junto dos doentes oncológicos, revelam alguma insatisfação com a informação sobre a doença. Isso não significa que eles tenham sido mal informados, porque eu não avaliei quanta informação eles têm, mas quão satisfeitos estão com a informação que têm sobre a doença. Muitas vezes até são transmitidas informações ao doente, só que todos sabemos que uma coisa é aquilo que se diz ao doente, outra coisa é aquilo que ele ouve, outra coisa é aquilo que ele memoriza e que percebe, e outra coisa, ainda, é aquilo que ele é capaz de mobilizar quando precisa dessa informação.

Quer dizer que não é conveniente que tudo seja dito ao doente?

Eu penso que haverá sempre situações em que poderá não ser útil dizer tudo aos doentes, mas na maioria dos casos é útil. Ou melhor: é útil que, no fim de uma relação entre um profissional de saúde e um doente, o doente se sinta satisfeito com o que lhe foi dito, que sinta que sabe tudo do que necessita, que sinta que não está a ser enganado, que não lhe estão a esconder coisas. E é isso que nem sempre acontece.

Com a nossa pressa do dia-a-dia da relação com os doentes, com a nossa linguagem que muitos doentes não entendem – até mesmo pessoas com elevados níveis educativos que são iletradas na área da saúde –, com o próprio stress que acompanha o doente numa consulta num hospital, muitas vezes os doentes saem insatisfeitos deste processo de interacção. Foi isso que eu avaliei.

O que é que está a ser feito para que o doente se sinta menos insatisfeito?

Definir standards de informação não é o melhor caminho. O melhor caminho é termos tempo para ouvir o doente e para o estimular a colocar dúvidas. E isso não significa que tenhamos de ter uma hora por consulta. O senhor Balint, um médico de clínica geral que tem um livro que se chama “Seis minutos com o seu doente”, diz que, em média, mais um minuto ou dois por consulta são suficientes para permitir que o doente tenha tempo para colocar as

suas dúvidas. Uma obra brilhante que eu costumo recomendar é o livro “Para compreender os doentes”, do enfermeiro Paul Morrison. É uma resenha muito importante das principais dificuldades, especialmente das dificuldades de comunicação com os doentes.

Portanto, mais do que quantidades de informação, importa criar o ambiente para que haja interacção e diálogo entre o doente e o profissional de saúde.

Exactamente. Imaginemos que acabamos de fazer uma intervenção a um doente. Se no fim lhe dedicarmos um ou dois minutos para o doente colocar questões, do género “Quer saber como é que estava a sua ferida?”, ou “Tem receios?”, isto vai ter reflexos em várias áreas da recuperação e da saúde do doente. Aquilo que eu chamei no trabalho os “ganhos em saúde”.

Encontrámos relações significativas entre a satisfação do doente com a informação e, por exemplo, a incidência e os níveis de ansiedade; entre a satisfação do doente com a informação e a percepção do seu estado de saúde; entre a satisfação com a informação e a satisfação com os cuidados recebidos dos enfermeiros, dos médicos e da própria organização; ou entre a satisfação com a informação e a ocorrência de sintomas, quer psicológicos, quer físicos. São dados muito interessantes, que mostram que estes dois minutos que vamos dedicando de vez em quando ao nosso doente se vão reflectir em ganhos em termos de recuperação do estado de saúde.

Todos sabemos que uma coisa é aquilo que se diz ao doente, outra coisa é aquilo que ele ouve, outra coisa é aquilo que ele memoriza e que percebe, e outra coisa, ainda, é aquilo que ele é capaz de mobilizar quando precisa dessa informação.

Quanto mais satisfeitos estão com a informação, menos ansiedade...

Menos ansiedade, melhor percepção do estado de saúde, menos sintomas ocorrem e mais satisfeitos saem com os cuidados recebidos.

Mas para os profissionais de saúde não será fácil veicular algum tipo de informação. Por exemplo, dizer a um doente que tem dois meses de vida.

Isto é aquele tipo de situação paradigmática. Nós sabemos que devemos dizer, que ele tem direito a que lhe seja dito, mas ao mesmo tempo estamos com receio que isto vá contribuir negativamente para a

sua saúde.

Existem vários bloqueios à informação: bloqueios individuais, muitos deles relacionados com a nossa dificuldade em transmitir más notícias; outros relacionados com as nossas dúvidas sobre se o doente quer ou não saber, sobre se devo ou não devo dizer neste momento; e alguns bloqueios formais, especialmente relacionados com pedidos da família para que não seja transmitida a informação ao doente.

Eu diria que, numa grande parte das situações, a iniciativa de não se informar o doente parte da família.

E a família tem direito a fazê-lo?

A família não tem direito, como é lógico. Cada um de nós é dono da informação que nos diz respeito, a não ser que não tenhamos competência para tal.

Cada um de nós é dono da informação que nos diz respeito, a não ser que não tenhamos competência para tal. [Mas] o facto de termos de olhar outra pessoa nos olhos e de lhe transmitirmos uma má notícia cria muitas dificuldades em todos nós.

[Mas] o facto de termos de olhar outra pessoa nos olhos e de lhe transmitirmos uma má notícia cria muitas dificuldades em todos nós. Eu trabalhei muitos anos com doentes oncológicos e, na maioria das vezes, quando o doente pergunta quanto tempo é que tem de vida, a nossa resposta não pode ser quantificar. Tem de ser perceber é em que aspecto é que isso é uma preocupação para ele. Eu tenho exemplos muito interessantes na minha vida. Há uma mulher que pergunta claramente: “E agora, o meu futuro! Quanto tempo?” O mais importante disto foi perceber que aquilo que a estava a preocupar neste futuro era como é que havia de assegurar o futuro dos filhos. E, portanto, perceber que a preocupação desta senhora é não os meses de vida que tem pela frente, mas quanto tempo tem para assegurar a vida dos filhos. Isto é muito importante, porque permite que até nós consigamos agilizar um intervalo nos tratamentos para que ela possa ir a casa e tratar da situação das crianças.

Noutros casos são processos que têm a ver com a gestão de dinheiros, das suas economias. Ou com a gestão de outros dependentes, que não filhos, mas pais. Isto pode ser a diferença entre um filho deixar um pai ao abandono ou ter tempo para o colocar num lar.

Fez questionários a doentes internados no IPO, a enfermeiros e à população. Há sintonia



Esta dissertação apresenta várias pistas para futuros trabalhos de investigação nesta área, para procurar outros ganhos em saúde, para procurar envolver outros profissionais: médicos, assistentes sociais, psicólogos...

nas respostas sobre esta questão?

Há sintonia nalguns aspectos e também existem algumas diferenças. Por exemplo, quando perguntamos à população e aos doentes internados se desejam ser informados sobre a situação de saúde, mais de 90% dizem que sim, que querem ser informados sobre tudo o que diz respeito à sua saúde. Quando lhes perguntamos se têm a noção de que os profissionais de saúde dizem sempre tudo sobre a doença, existe também alguma sintonia: respondem que os profissionais nem sempre dizem tudo e que, no

contexto de doença grave, muitas vezes dizem mais à família do que aos próprios doentes. E consideram que a família muitas vezes contribui para que sejam ocultadas essas informações.

E estas respostas têm fundamento?

Muitas destas pessoas falam da sua experiência. Em algumas situações são os próprios doentes que dizem: “Eu tenho a noção de que há familiares meus que sabem mais do que eu”.

O que é que os doentes querem saber que não lhes é transmitido?

A satisfação com a informação foi avaliada através de um instrumento a que chamámos a escala de conhecimentos sobre a doença. Esta escala tem duas dimensões. Uma relativa aos aspectos sobre a doença: o diagnóstico, o prognóstico, os exames de diagnóstico, as análises, etc. E outra sobre o que está nas mãos do doente fazer para contribuir para o processo de cura. Onde se verificaram maiores níveis de insatisfação foi na dimensão relativa à doença. Ou seja, como profissionais de saúde, temos mais facilidade em esclarecer o doente sobre aspectos relativos ao exercício físico, à dieta, à forma como há-de tomar os medicamentos, como há-de vir às consultas, aos exames e tratamentos que poderá vir a ter de fazer no futuro. Temos mais facilidade em falar sobre isso do que sobre a doença em si.

Que contributos é que a esta tese traz para a Enfermagem e para a sua prática enquanto professor?

O futuro dirá quais serão os ganhos. Eu penso que, fundamentalmente, este trabalho, por um lado, dá várias pistas para mudanças de estratégia em contexto de trabalho, para termos a iniciativa de informar, para termos a tal postura de estimular o doente a fazer perguntas.

Depois, esta dissertação apresenta várias pistas para futuros trabalhos de investigação nesta área, para procurar outros ganhos em saúde, para procurar envolver outros profissionais: médicos, assistentes sociais, psicólogos... Diria também que podem sair daqui pistas para o próprio ensino e para a profissão.

Que pistas para a profissão?

Nós tendemos, muitas vezes, a dizer que aquilo que compete aos enfermeiros informar um doente é aquilo que no nosso regulamento profissional surge num artigo como o dever do enfermeiro de informar tudo aquilo que se refere aos cuidados de Enfermagem que presta. OK! O que são cuidados de Enfermagem, o enfermeiro tem de informar, mas aspectos médicos tem de ser o médico. Isto tem o

Não podemos mais pactuar com situações em que dizemos: “Isso pergunte ao médico. Não me compete a mim”. Temos, é, de dizer assim: “Eu não lhe posso falar sobre isto, ou não tenho os dados, mas vou arranjar forma de o médico o informar.

seu quê de verdade. Mas, por outro lado, muitas vezes esquecemo-nos que existem outros deveres no código deontológico do Enfermeiro, que nos obrigam a ir muito além daquilo que são informações relacionadas com os cuidados de Enfermagem. Porque o nosso código deontológico obriga-nos a que sejamos prestadores de cuidados no respeito integral pela dignidade da pessoa humana. E, portanto, quando sabemos que estão a ser prestados cuidados de saúde sem a pessoa estar perfeitamente informada, isto não é contribuir para a sua dignidade. Somos obrigados pelo código deontológico a assegurar o consentimento informado do doente. Ora, como é que o doente pode escolher entre duas coisas se não tiver sido bem informado? O nosso dever de informar o doente, e isto penso que também pode ser um contributo deste trabalho, vai muito além da informação relativa aos cuidados de Enfermagem. O que pode acontecer é o enfermeiro não sentir segurança, não ter conhecimento, ou achar que, por uma questão de bom funcionamento de equipa, não deve informar sobre uma determinada matéria. Mas tem sempre o dever de arranjar forma de essa informação chegar aos doentes. Não podemos mais pactuar com situações em que dizemos: “Isso pergunte ao médico. Não me compete a mim”. Temos, é, de dizer assim: “Eu não lhe posso falar sobre isto, ou não tenho os dados, mas vou arranjar forma de o médico o informar, ou de me transmitir a mim para eu o informar a si.



Doenças mentais

“Encontramos atitudes de maior benevolência e paternalismo para com os doentes”

20

Resultados do estudo do Professor Doutor Luís Loureiro mostram que há atitudes positivas relativamente às doenças e aos doentes mentais, que podem corresponder a comportamentos de menor segregação. Porém, mantêm-se as crenças na perigosidade, imprevisibilidade e incurabilidade destes doentes

A ideia que as pessoas têm da loucura é determinante no planeamento de programas de promoção da saúde mental?

Claramente que é. O relatório da OMS de 2001 não denuncia apenas que muitos doentes sofrem em silêncio, na vergonha, ou que estão na fronteira do estigma e da exclusão. Ele refere, de modo vincado, que existe na sociedade um preconceito e ignorân-

cia generalizados acerca dos doentes e das doenças, representações negativas que têm impacto, tanto na relação com os doentes (estigma e discriminação) como na relação do próprio indivíduo com a doença (ocultação/temor).

As pessoas sabem das implicações e custos que as doenças mentais acarretam, por serem estigmatizantes e móbil de discriminação. Depois acabam

por resguardar-se, escondendo-se, encobrindo por medo, por vergonha. Não querem ver e não querem que os outros vejam, e isso acontece com os profissionais de saúde mental. Depois é a espiral de problemas decorrentes que se conhecem.

O desafio passa, como refere o relatório da OMS de 2001, por desenvolver programas de promoção da saúde e prevenção das doenças mentais, até porque funcionamos muito na lógica do ditado popular: “casa roubada, trancas à porta”. Isto porque se pensa que é qualquer coisa que só acontece aos outros, ou então, mais grave, subsiste a ideia de que “coisas da cabeça” só existem, se existem, na cabeça de quem diz que as tem.

A promoção da saúde, que até há bem pouco tempo foi vista como um custo, e a prevenção, como um gasto, começam paulatinamente a serem vistas como ganhos, especificamente quando os programas são contextualizados e procuram desafiar as representações socialmente construídas dos públicos a que se destinam.

Com este trabalho, que conduziu ao seu doutoramento, verificou que existem crenças e atitudes mais positivas relativamente aos doentes mentais. Pode dar-nos exemplos?

Os primeiros estudos empíricos com alguma envergadura relativamente a estas questões foram realizados nos EUA, nas décadas de 40/50 do século XX. Utilizei neste estudo instrumentos de recolha de dados muito similares, e verifiquei que actualmente, ao contrário dos resultados dos primeiros estudos, existe um reconhecimento e consciência pública para a natureza e impacto que estas doenças têm para o doente, a família e para a sociedade. As pessoas sabem que estas doenças têm um cunho médico e que é necessária ajuda profissional, existindo mesmo a consciência do valor das terapias psicofarmacológicas. Encontramos atitudes de maior benevolência e paternalismo para com os doentes. Esta aceitação pode corresponder a comportamentos de menor segregação dos doentes. No entanto, paralela e paradoxalmente, mantêm-se as crenças na perigosidade, imprevisibilidade e incurabilidade, o que está também reportado em muitos estudos.

O gozo ou a chacota para com estes doentes tendem a diminuir?

Tenho dúvida e os factos não aquietam em nada. Então se tomarmos como exemplo o que se passa nos “mass media”, especificamente na TV, ficamos ainda mais perplexos. O gozo é feito pelo uso e abuso indiscriminado dos termos psiquiátricos, apelando num tom claramente depreciativo para aquilo que se pode considerar de ideologia de menoridade ou inferioridade intelectual, e que tem efeito no modo como olhamos os doentes.

As análises feitas aos filmes produzidos para crianças mostram que, associado à diminuição grosseira da condição de doente, se agrupa toda uma panóplia de rótulos e imagens. Eles são pinguins «esquizofrénicos», «zebras maníacas», um «leão bipolar», um «empilhador obsessivo», ou mesmo um burro com «delírios de grandeza». Isto não é senão um forte aditivo para o prejuízo corrente. No caso dos programas para adultos, basta lembrar que a série “Malucos no Hospital” obteve um “share” de 33,2%. Foi vista por quase 1,3 milhões de pessoas. Agora repare-se na contradição: um programa transforma e ridiculariza estas pessoas, quando, meia hora antes, num programa noticioso do mesmo canal televisivo, se reclama do desmando dalgum louco.

Por um lado, existe um modo da sociedade, tal como antigamente, se divertir com a loucura dos outros, que propicia grandes fanfarras. Por outro, induz-se o medo desses lobisomens, como refere o Dr. Milheiro, que habitam o nosso quotidiano.

As estatísticas da criminalidade violenta, se comparados indivíduos com diagnóstico psiquiátrico com indivíduos da população geral, mostram que a probabilidade de ocorrência é superior nos segundos

A sociedade continua a ver muitos deles como indivíduos perigosos ou imprevisíveis.

A perigosidade aparece muitas vezes associada à criminalidade violenta e na opinião publicada é muito raro não introduzir um termo psiquiátrico quando parece não haver justificação para o comportamento de determinado indivíduo. Será de questionar se não seremos todos nós perigosos, ou se os doentes são perigosos para si ou para os outros?

A questão da imprevisibilidade é também ela preocupante, até porque a barreira que separa um indivíduo dito “normal” de um doente é muito ténue. É tão verdade que um indivíduo que padece de uma esquizofrenia, em determinadas circunstâncias possa cometer um crime, como o cidadão comum despedir a razão numa zanga de trânsito ou numa pendência sentimental.

É contraproducente esconder a realidade, e essa realidade é que os comportamentos agressivos para os outros não são generalizáveis a todo o tipo de perturbações, nem todas as situações vêm a desaguar num crime violento.

E alguns não serão mesmo perigosos e im-

previsíveis?

Como referi anteriormente, há doenças em que o comportamento pode ser mais imprevisível e há doenças onde o risco é fundamentalmente para o próprio, mas isso não justifica o alarmismo corrente. Se essa for a ideia que passa, de que servem os programas com intuito de reduzir o estigma e discriminação? Nunally afirmou, já na década de 60, que os doentes com patologia psiquiátrica grave podem ser perigosos e imprevisíveis. É um facto. Mas que deveríamos ser cautelosos, até porque as estatísticas da criminalidade violenta, se comparados indivíduos com diagnóstico psiquiátrico com indivíduos da população geral, mostram que a probabilidade de ocorrência é superior nos segundos.

Como acabar com os estereótipos associados aos doentes e às doenças mentais?

Acabar com os estereótipos relativos às doenças e doentes mentais é de todo impossível. Eles são, também, parte constitutiva daquilo que designamos de loucura. As reflexões teóricas realizadas ao longo de séculos mostram-no, os estudos empíricos produzidos nos últimos 70 anos evidenciam-no clara-

mente.

Penso que a resposta passa por incentivar programas de promoção da saúde e prevenção das doenças mentais, que desafiem as imagens estereotipadas socialmente construídas. Apesar de não existir uma prescrição universal que nos diga que agindo assim os problemas desaparecem, existem experiências que têm mostrado que seguindo determinadas estratégias e abordagens os resultados mostram-se satisfatórios em termos de mudança de estereótipos. Uma boa estratégia passa pelo uso conjugado de estratégias de educação+denúncia+contacto.

A verdade é que é quase tabu dizer-se no local de trabalho, por exemplo, que se tem uma depressão.

O local de trabalho é o habitat mais comumente referenciado para a ocorrência de situações de estigma e discriminação sociais. Basta desfolhar o relatório da OMS de 2001, como o Plano Nacional de Saúde Mental 2007-2016, para nos acercarmos da denúncia e da forma declarada como é necessário intervir a esse nível.

No caso da depressão, os estudos realizados noutros países têm mostrado mais do que uma realidade alarmante, um problema inquietante no que concerne aos profissionais de saúde e profissionais de saúde mental. Por um lado, as pessoas sabem que a depressão acarreta estigma e discriminação, patenteado nos comportamentos de benevolência e paternalismo, como que atribuindo-lhes automaticamente uma condição de fraqueza e inferioridade. Por outro, os próprios doentes sabem que serão sujeitos a todo um conjunto de juízos de valor, que mais não fazem que fragmentar as já frágeis relações do indivíduo com o quotidiano. Daí a escusa, a ocultação, o medo.

O encerramento de hospitais psiquiátricos será um caminho para o fim da discriminação destes doentes?

Efectivamente, as medidas conducentes à desinstitucionalização assentam na promoção e garantia dos direitos humanos e cívicos dos doentes, e no humanismo que o retorno e tratamento na comunidade representam para o indivíduo doente, mas questiono-me se seremos hoje uma “sociedade antropofágica”, capaz de absorver o que rejeitámos durante séculos.

As doenças mentais são a história das rejeições, segregações, da repulsa, manifestadas no medo de contacto e da convivência. De facto, poderemos transformar um passo humanista num novo acto de violência e de opressão. Algumas reestruturações dos serviços eram necessárias, mas a discriminação não acaba por decreto-lei. Questiono-me também se alguns doentes querem regressar ao convívio co-



munitário donde saíram, até porque é na comunidade que eles são discriminados.

Ainda sobre o encerramento dos hospitais, veja-se, por exemplo, na reforma em curso a utilização do termo “doentes difíceis”. Retirando todo um conjunto de questiúnculas semânticas e ideológicas, é necessário, por exemplo, abolir esse tipo de expressões, até porque o cidadão comum não tem um especialista de saúde mental como anjo da guarda, nem um linguista a segredar-lhe ao ouvido, que o que se queria dizer era doente de difícil colocação. A Psiquiatria veicula muitas vezes expressões que facilmente se transformam em juízos pejorativos junto do público e que também conduzem à discriminação.

O Professor defende que os programas de saúde mental devem pensar no que fazer por aqueles que ainda não estão doentes...

Essa deve ser obrigatoriamente a lógica dos programas de promoção da saúde e prevenção das doenças mentais. Em Portugal os programas são escassos, tirando situações pontuais, mas esses assentam numa lógica quase sempre de “gestão da doença”. É a velha questão: os profissionais de saúde existem para o doente e para o são. Há que alargar estes programas a toda a comunidade.

Propõe ainda centros de promoção da Saúde Mental...

A proposta decorre das metas enunciadas no PNSM: 2007-2016 e daquele que é o compromisso social das instituições de ensino superior ligadas à área da saúde, como é a ESEnfC. As novas realidades emergentes no quadro de desenvolvimento sustentado e sustentável das instituições de ensino e os desafios que se lhes colocam vão no sentido de terem um papel activo na execução dos planos e programas de âmbito regional e nacional no domínio da saúde.

Um exemplo disso está operacionalizado nos projectos em curso no âmbito da Pós-Licenciatura de Especialização de Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiatria. Há claramente uma preocupação por intervir na comunidade.

Quando refiro os centros de promoção da Saúde Mental, falo, como vem sendo feito noutros países, na criação de programas de intervenção comunitária em termos de literacia em saúde mental, utilizando os recursos humanos e materiais existentes. O PNSM: 2007-2016 refere a necessidade de criar redes de conhecimento que permitam efectuar campanhas de educação, sensibilização e informação baseados em plataformas Web. Sabendo nós do poder da Internet como meio de comunicação e do uso maciço, falta um pequeno passo. Esse é o projecto que foi apresentado à Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: domínio de Enfermagem.



Por que escolheu como amostra para o seu estudo residentes em Penacova? Devido à proximidade do Hospital Psiquiátrico de Lorrvão?

A generalidade dos estudos produzidos que se debruçam sobre o efeito da proximidade geográfica com as instituições psiquiátricas tem mostrado resultados inconsistentes com os modelos teóricos subjacentes. Espera-se que a exposição à instituição psiquiátrica tenda a diluir as diferenças, isto é, quando uma população é exposta de modo contínuo e reiterado ao contexto psiquiátrico, desenvolvem-se comportamentos menos discriminatórios, as comunidades criam laços com os doentes, aprendem a viver com eles. A proximidade apazigua o medo, sendo de esperar que o contacto/proximidade com os doentes mentais tivesse um efeito redutor deste distanciamento ancestral. Mas não observei isso! Pelo contrário, existem mecanismos de categorização e diferenciação social bem elaborados e partilhados pela comunidade, agindo como mecanismo de defesa identitária. As pessoas conhecem as técnicas de ascendência sobre os doentes, distinguem o bom doente do mau doente.



Idosos

É necessário distinguir necessidades reais de necessidades sentidas

Quando se fala de população idosa, o planeamento em saúde deve ter em conta as necessidades locais. Tem de haver informação sobre as capacidades dos idosos, para se perceber quais são os serviços necessários para responder às suas incapacidades.

Foi sobre a (in)capacidade funcional dos idosos que incidiu o estudo do Professor Doutor Rogério Rodrigues

24

A sua tese de doutoramento incidiu sobre a avaliação funcional de um grupo de idosos e sobre o grau de utilização de serviços por esta população. O que o levou a escolher este tema?

Isto vem de há uns dez anos. Começou com o meu mestrado em Saúde Pública, na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. O que se pretendeu foi trabalhar um instrumento e uma metodologia que permitissem, de algum modo, fazer a conjugação de três aspectos. Por um lado, ter a noção daquilo que é a capacidade ou incapacidade funcional do idoso em cinco áreas: recursos sociais, recursos económicos, saúde mental, saúde física e actividades de vida diária. E, ao mesmo tempo, conjugar essa

informação com a utilização e a necessidade sentida de serviços, que é a única forma de se promover uma intervenção comunitária nesse grupo etário, devidamente pensada e organizada.

Quanto mais avançada a idade, maior debilidade física, mental e dificuldade nas actividades da vida diária acusa esta população.

Temos ideia de que aquilo que mais interfere com as pessoas são as actividades físicas e de ordem mental. O que é certo é que essas, por si só, não explicam tudo. Pode existir alguma grande incapacidade física, mas se as estruturas de apoio social, familiar e económico forem razoáveis e derem resposta, essas situações podem ser facilmente superadas.

Não basta haver serviços de saúde e de apoio social?

Não, porque não resolvem. Vamos pensar naquilo que são os apoios domiciliários feitos por algumas instituições. Esse apoio é feito durante meia hora por dia, quando são deixadas as refeições. Portanto, acabam por ser apoios pontuais. O grande apoio das pessoas é a estrutura familiar.

As conclusões a que chega vêm, de alguma forma, confirmar a nossa experiência quotidiana do que são as dificuldades desta população.

O problema em muitos estudos é que temos a sensação de que conhecemos as coisas, de que conhecemos quais são as dificuldades, as limitações... Mas isso não serve para planear, porque não permite quantificar: não permite dizer quantos, onde, em que situação... É certo que estamos a falar de pessoas com mais de 65 anos. E que somos capazes de apontar as situações de maior problema. Só que este grupo não é homogéneo: as limitações ou necessidades de alguém com 65 anos são diferentes das de alguém com 75 ou 80 anos. E não sabendo isso, em termos de planeamento de cuidados de saúde, ou de serviços de apoio social, não se pode decidir com base na percepção que se tem das coisas. Tem de se decidir em função de valores concretos. Daí o trabalho também ser feito com o apoio das pessoas da área da Economia da Saúde. Desde há dez anos que trabalho nesta área com o Professor Pedro Ferreira, da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

O problema em muitos estudos é que temos a sensação de que conhecemos as coisas, de que conhecemos quais são as dificuldades, as limitações... Mas isso não serve para planear, porque não permite quantificar: não permite dizer quantos, onde, em que situação...

O estudo incidu sobre 202 idosos utentes do Centro de Saúde de Eiras, em Coimbra.

É uma população relativamente reduzida, que resulta de uma área de intervenção de um centro de saúde. No entanto, serve para mostrar que é possível ter este tipo de estudos, não de uma forma alargada, porque numa área muito grande perde-se a noção de onde intervir. Quem planeia a nível regional, planeia para um conjunto alargado de pessoas. Agora, as intervenções não podem ser para uma área alargada. Têm de ser pontuais, para responder

às necessidades daquelas pessoas em concreto. Os dados que obtivemos neste centro de saúde podem ser completamente diferentes noutra.

Notou que há uma deficiente articulação entre os centros de saúde e os serviços de apoio social?

Não era esse o objectivo do estudo. Era identificar as incapacidades e as necessidades de serviços dessa população. Percebemos que há serviços em falta, que há respostas que são razoáveis e satisfatórias e percebemos que, de uma forma geral, e isso é reconhecido pelos serviços e pelas instituições, funcionam cada uma dirigindo-se a um determinado aspecto, sem perceberem que esse aspecto é uma parte do conjunto.

Este centro de saúde em concreto é bem referenciado.

Aparece, normalmente, referenciado como sendo constituído por pessoas com preocupações nesta área. E têm de ter mesmo, porque em termos populacionais o grosso de utilizadores de cuidados de saúde acaba por ser o grupo dos idosos. Mas não havendo coordenação entre entidades de saúde, de respostas sociais e instituições particulares de solidariedade social, estão a trabalhar cada uma para seu lado.

Curiosamente, estes idosos sentem maior necessidade dos serviços gerais de apoio (como sejam serviços domésticos e administrativos), do que dos serviços de saúde e de apoio económico, que utilizam mais vezes.

Temos de perceber que estamos a falar de um grupo populacional que não terá exactamente a mesma visão que os grupos etários mais jovens têm das coisas. Se olharmos para aquilo que era tradicionalmente a história de vida das pessoas que têm hoje 70 ou 80 anos, esse tipo de apoios não existia. O nosso serviço de saúde é recente. Já foi apanhar essas pessoas na casa dos 40 ou 50 anos. Não era essa a tradição e a perspectiva que tinham quando cuidaram dos pais ou dos avós.

O que significa que estão satisfeitos?

Significa que, comparando com aquilo que viveram no passado, a diferença é grande. Nesse aspecto, sentem-se bem. Mas, ao mesmo tempo, temos de perceber que, tradicionalmente, as pessoas quando chegavam à idade que eles têm agora, e foi isso que experienciaram com os pais e com os avós, ou viam do rendimento que tinham amealhado, ou com o rendimento dos filhos. Portanto, hoje, mesmo tendo uma reforma ou pensão relativamente baixa, é uma diferença muito grande. Têm algum conforto e alguma segurança.

Muitas das limitações que são referidas nos relatos orais, como a assinatura de um cheque ou ler uma carta, conjugam-se com aquilo que foi a experiência de vida dessas pessoas, maioritariamente analfabetas. Essas pessoas têm enormes incapacidades em responder àquilo que são, hoje, as necessidades do dia-a-dia.

É também no grupo etário dos 85 anos em diante que se dá maior importância aos recursos económicos.

Porque, sendo aquele que tem maiores incapacidades, é aquele que tem também maiores gastos.

O dinheiro é uma salvaguarda, é uma “bengala”...

É. Mas esses têm um problema em relação aos idosos mais novos. É que muitos deles não participaram em sistemas contributivos de Segurança Social. E são maioritariamente mulheres, que, regra geral, também não eram empregadas. Significa que hoje não têm rendimentos de reforma tão altos como os idosos mais novos e, ao mesmo tempo, têm mais gastos.

Não é de estranhar, pois, que as mulheres sintam mais dificuldade em actividades como administrar a reforma, utilizar o telefone ou os transportes públicos. Não estiveram na vida activa como os homens.

Têm uma experiência de vida que não lhes permitiu, mesmo do ponto de vista social, participar tanto. Têm maiores incapacidades do ponto de vista físico e, ao mesmo tempo, menores rendimentos. Tudo se conjuga para que as maiores dificuldades sejam sentidas nessas áreas.

Portanto, há que actuar mais neste grupo, que é o que apresenta mais carências?

São aqueles que têm mais limitações e muitas dessas limitações que são referidas nos relatos orais, como a assinatura de um cheque ou ler uma carta, conjugam-se com aquilo que foi a experiência de vida dessas pessoas, maioritariamente analfabetas. Essas pessoas têm enormes incapacidades em responder àquilo que são, hoje, as necessidades do dia-a-dia. Em coisas simples como administrar uma reforma ou ir ao banco.

Por que é que as mulheres se percebiam

com pior saúde mental do que os homens?

O facto de se percecionarem com maiores problemas na área de saúde mental não significa que, objectivamente, em termos de patologias mentais, isso aconteça. Aquilo de que estamos a falar é da percepção. Se as pessoas sentem que não têm apoio social e familiar, que têm problemas a nível económico e limitações físicas, tudo isso se conjuga para que, de uma forma geral, não se sintam bem.

A faixa etária dos 75-84 anos dá pior nota aos recursos sociais existentes. Alguma interpretação particular para isto?

É uma fase de transição para uma situação de maior dependência, quer dos filhos, quer de apoio institucional. Se tivéssemos ainda de espartilhar mais os idosos, se calhar verificávamos que seria mais para os 80. Acaba por ser um grupo de transição daquilo que tradicionalmente considerávamos a terceira idade para algo em que agora começamos a pensar, que é a quarta idade.

Estes resultados podem servir de indicadores para que se encontrem respostas que melhor preenchem as necessidades desta população. Que sugestões é que deixa?

Para planear é necessário primeiro conhecer e, portanto, a primeira recomendação é que seja possível encontrar os instrumentos e mecanismos de avaliação que permitam comparar. Não é possível avaliar uma intervenção se não se conhecer o antes, para se saber qual foi o resultado. Uma recomendação que é feita já há algum tempo é de que, antes de mais, se conceba uma avaliação em que seja possível medir e conhecer em concreto quais são as necessidades da população, distinguindo o que são necessidades reais do que são necessidades sentidas.

Nestas idades, de maior debilidade, as pessoas queixam-se de quase tudo?

Olhando para os rendimentos de determinadas pessoas, temos dificuldade em perceber como é que conseguem sobreviver. Nenhum de nós conseguia sobreviver com 300 e poucos euros mensais. Não dava sequer para a renda da casa. E, no entanto, aquelas pessoas conseguem. As pessoas não se queixam...

De alguma forma, as pessoas idosas sentem que não estão muito mal, porque o termo que têm de comparação não é o nosso. É o delas.



Quem planeia a nível regional, planeia para um conjunto alargado de pessoas. Agora, as intervenções não podem ser para uma área alargada. Têm de ser pontuais, para responder às necessidades daquelas pessoas em concreto

Às vezes até conseguem ter o seu pé-de-meia.

De acordo com algumas instituições bancárias, as pessoas que têm poupanças, por incrível que pareça, são as mais idosas e as que, de alguma forma, têm menores rendimentos. Aqui voltamos a lidar com aspectos culturais e histórias de vida de uma sociedade e de um tempo em que era necessário irem amalhando, porque não havia o tipo de respostas que há hoje. Se tivesse peso político, este era um grupo fantástico e com uma força [reivindicativa] enorme. Por exemplo, em relação aos valores da

reforma. Mas isso não acontece. De alguma forma, as pessoas idosas sentem que não estão muito mal, porque o termo que têm de comparação não é o nosso. É o delas.

Os seus alunos vão ganhar também com o estudo que fez, nas aulas que der?

Aquilo que as instituições podem ganhar com este tipo de estudos é perceber que a cada momento é necessário estar actualizado e perceber aquilo que vai acontecendo à nossa volta. E muitas vezes a percepção que temos das coisas pode estar já atrasada em relação àquilo que é a realidade. Em relação à Escola e ao que pode ser feito com este tipo de estudos, é um contributo para que estas áreas possam ser estudadas e se possa partir para aquilo a que chamam a prática baseada na evidência. E isso só é possível com conhecimento do que se passa no terreno. Às vezes, quando damos aulas e há o recurso a fontes bibliográficas, corremos o risco de estar a recorrer a estudos que não têm necessariamente a ver com a nossa realidade.





Um novo Centro de Simulação de Práticas Clínicas

Com este investimento, Coimbra passa a ter laboratórios clínicos de Enfermagem ao melhor nível da Europa e, actualmente, inexistentes em Portugal

A Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnC) requalificou alguns dos seus espaços indiferenciados, transformando-os em laboratórios de práticas clínicas, que está a apetrechar com os meios adequados à aprendizagem dos estudantes, à investigação e à inovação em Enfermagem, por forma a que se assemelhem o mais possível a unidades de cuidados diferenciados.

Só no Pólo A existe, agora, uma ala com cinco modernos laboratórios: de Cuidados Intensivos, de Enfermagem Médico-Cirúrgica/Cuidados Intermédios, de Urgência e Emergência/Suporte Básico e Avançado de Vida, de Oncologia/Hospital de Dia, e de Saúde Mental/Técnicas de Comunicação Terapêutica.

Este novo Centro de Simulação de Práticas Clínicas, que foi financiado pelo Quadro de Referência Estratégico Nacional 2007-2013, no âmbito do Programa Operacional Temático Valorização do Território, vai, complementarmente, permitir que todos os estudantes e docentes da ESEnC usufruam das vantagens das novas tecnologias, porquanto a instituição recorreu a simuladores e a equipamentos de ponta. Enquanto Escola de referência na formação em Enfermagem em Portugal, que tem procurado desenvolver-se e actualizar-se de modo a, permanentemente, ser reconhecida como instituição de excelência no universo das congéneres europeias, a ESEnC procura estar apetrechada com equipamentos especializados que, pela sua raridade e diferenciação, relativamente aos existentes hoje em Portugal, permitirão que a área da Enfermagem se afirme em Coimbra de forma diferenciada.

Desta forma, a ESEnC está, também, a contribuir para a afirmação de Coimbra como cidade da saúde, na medida em que a urbe do Mondego continuará a dispor das melhores condições no âmbito do ensino superior, nas diferentes disciplinas desta área, lê-se

na fundamentação do Projecto de Remodelação e Apetrechamento de Laboratórios Clínicos e de Investigação e Ensino da ESEnC.

Com mais este investimento na ESEnC, os estudantes ganham uma formação que lhes facultará vivências e experiências muito idênticas ao contexto real de trabalho que irão encontrar.

Paralelamente, o novo Centro de Simulação de Práticas Clínicas poderá ser utilizado para a actualização dos enfermeiros das instituições de saúde que trabalham com a ESEnC, acolhendo os estudantes da Escola nos ensinamentos clínicos em contexto real.

A outro nível, este novo Centro de Simulação de Práticas Clínicas vai permitir aumentar a capacidade empregadora da escola, já que serão necessários recursos humanos em termos de apoio técnico e de investigação aos laboratórios.

Laboratório de Cuidados Intensivos

Este espaço simula todas as condições de uma Unidade de Cuidados Intensivos.

Foi pensado para que estudantes e investigadores possam contar com as condições descritas cientificamente como mais adequadas à prestação de cuidados de Enfermagem à pessoa em situação crítica. As pinturas de tectos e paredes, bem como a iluminação do espaço, são exemplo disso.

Tudo foi arquitectado para garantir a adequada estimulação aos utentes com alterações da consciência ou com deficits de estimulação visual e proprioceptiva.

O laboratório tem ligação visual com uma sala técnica de apoio, onde tecnologicamente será possível, através da presença de um professor neste espaço e de um simulador no espaço do laboratório, simular



em tempo real as reacções verbais e fisiológicas de um utente.

Laboratório de Enfermagem Médico-Cirúrgica/Cuidados Intermédios

Lidar com situação de traumatologia, com simulações de casos de utentes com problemas cirúrgicos, médicos, neurocirúrgicos, ou urológicos, são possibilidades oferecidas por este laboratório.

Tem, igualmente, ligação visual com uma sala técnica de apoio, onde será possível tecnologicamente, através da presença de um professor neste espaço e de um simulador no espaço do laboratório, simular em tempo real as reacções verbais e fisiológicas de um utente.

Neste laboratório serão instalados simuladores de Hemodiálise e ostomias diversas.

Laboratório de Urgência, Emergência/Suporte Básico e Avançado de Vida

Este laboratório permitirá a aprendizagem, o treino e a investigação de técnicas que permitem conhecer a cadeia de sobrevivência, identificar uma paragem respiratória e cardiorespiratória, treinar a abordagem da via aérea, a execução de manobras de ventilação e compressão cardíaca externa, assim como a monitorização avançada, a utilização de Desfibrilhador Automático Externo (DAE) e a administração

de farmacologia urgente.

Laboratório de Oncologia/Hospital de Dia

A importância deste espaço, organizado de forma a simular um Hospital de Dia de Oncologia, explica-se pela frequência de cada vez maior número de problemas de saúde que exigem recurso a técnicas de quimioterapia, radioterapia e cuidados psicoeducativos a pessoas com doença oncológica.

Laboratório de Saúde Mental/Técnicas de comunicação terapêutica

Dois espaços contíguos (sala de práticas e sala de observação), separados por um vidro unidireccional, permitem a observação de práticas simuladas sem interferência directa nesses exercícios. Esta é a orgânica do novo Laboratório de Saúde Mental/Técnicas de comunicação terapêutica.

Os dois espaços estarão ligados por um sistema de som, para permitir a audição de tudo o que se passar na sala de práticas.

Este laboratório vai permitir o desenvolvimento de competências de comunicação requeridas para a utilização das técnicas de relação e entrevista de ajuda. Também aqui se desenvolverão a aprendizagem e o estudo das técnicas não farmacológicas de alívio da dor, de prevenção do stress e de outras técnicas comportamentais em saúde mental.

Unidade de Investigação tem novas instalações e novo “staff”

A ESCOLA SUPERIOR de Enfermagem de Coimbra (ESEnfC) transferiu os espaços de trabalho e de apoio técnico da Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: domínio de Enfermagem (UICISA-dE), que acolhe nas instalações do Pólo A, para novas salas, que requalificou e equipou, dando melhores condições a todos os que ali desenvolvem actividade.

Esta intervenção incluiu os serviços correspondentes aos postos de trabalho dos investigadores, o secretariado e a sala de direcção da Unidade de Investigação.

Nas palavras do coordenador da UICISA-dE, professor Manuel Rodrigues, «houve o cuidado da direcção da instituição de colocar a Unidade com recursos materiais e humanos melhorados».

É que além de um equipamento mais actualizado e com outros níveis de conforto, procedeu-se à contratação, a tempo parcial, de «três licenciados em Enfermagem que estão a ajudar na prossecução dos objectivos da UICISA-dE, que já são significativos».

«São compromissos que têm a ver com o incentivo à investigação, mas também com a divulgação, com o aumento da edição de números da revista [científica “Referência”] e com os protocolos relacionados com a formação de investigadores», explica o professor Manuel Rodrigues.

Portanto, a requalificação das instalações afectas à UICISA-dE veio permitir «uma melhor organização interna do sistema administrativo e científico, e a mobilidade das pessoas que trabalham» na Unidade.

Quanto à sala para a actividade dos investigadores, ela destina-se a todo o processo de pesquisa, planeamento, tratamento de dados e execução de relatórios de investigação, assim como ao trabalho de produção da revista “Referência”, e às reuniões de trabalho, quer da Comissão Científica Unidade de Investigação, quer dos investigadores envolvidos nas três Linhas de investigação da UICISA-dE.

É, ainda, neste espaço que estão disponíveis para consulta dos investigadores os periódicos e as monografias científicas mais recentes, o mesmo sucedendo em relação aos artigos e posters científicos produzidos pelos membros da Unidade.

A UICISA-dE é acreditada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. Tem 108 investigadores inscritos, 36 dos quais são doutores.



> O “BOM” DA FCT

A Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: domínio de Enfermagem (UICISA-dE), acolhida pela Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnfC), foi classificada com “bom” pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT).

A UICISA-dE recebeu o benefício de unidade acreditada, subindo de classificação: na última avaliação (2004) teve “suficiente”.

Sendo a primeira unidade de investigação na área da Enfermagem a merecer esta classificação, a UICISA-dE mantém o financiamento público que lhe era atribuído e abre novas perspectivas de intervenção, que, por certo, se traduzirão em ganhos para o desenvolvimento do conhecimento em Enfermagem e para o bem-estar das populações.

Para o coordenador científico da UICISA-dE, professor Manuel Alves Rodrigues, o resultado obtido por esta jovem unidade «coloca uma enorme responsabilidade no processo de produção, divulgação e aplicação do conhecimento científico em Educação e Saúde e, especificamente, na construção da disciplina científica de Enfermagem».

O painel de avaliadores internacionais foi coordenado pelo reputado neurocientista português Fernando Henrique Lopes da Silva (Universidade de Amesterdão – Holanda) e dele fizeram, ainda, parte as Professoras Carol Tishelman (Escola de Enfermagem da Universidade de Manchester) e Mieke H. F. Grypdonck (Universidade de Utreque – Holanda).

“Queremos ser uma Escola de excelência”

A SESSÃO solene de abertura das aulas no ano lectivo 2008-2009 ficou marcada pela apresentação da síntese do Plano Estratégico 2009-2013: Desenhar o Futuro com Todos.

No documento ficou expresso que a Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnC) quer, em 2013, ser «primeira na atracção de estudantes para os três ciclos de formação em Enfermagem».

Nas palavras proferidas pela presidente da ESEnC, Professora Maria da Conceição Bento, durante a cerimónia, ficou espelhada a visão que a comunidade educativa tem do presente e a visão que quer projectar num futuro imediato, através de um conjunto de acções e de metas a alcançar nos próximos anos: «Concluimos que somos uma escola muito boa, mas queremos ser uma escola de excelência».

Para isso, além da contínua formação pedagógica de docentes, a ESEnC vai criar uma plataforma de e-learning e um portal de formação em saúde. Vai, também, procurar articular melhor as práticas laboratoriais com as instituições de saúde.

Este ambicioso projecto contempla vários outros objectivos, que passam, por exemplo, por desenvolver a Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: domínio de Enfermagem como um centro líder de redes de produção, divulgação e aplicação do conhecimento em Enfermagem. Mas também por promover o reconhecimento e a procura da Escola a nível internacional, ou por implementar um sistema de qualidade total.

Entre os exemplos apontados podem destacar-se o início do funcionamento de unidades curriculares em inglês, o apoio à formação de jovens investigado-

Além da contínua formação pedagógica de docentes, a ESEnC vai criar uma plataforma de e-learning e um portal de formação em saúde. Vai, também, procurar articular melhor as práticas laboratoriais com as instituições de saúde,



res e o aumento da participação de toda a comunidade educativa na vida da Escola.

E, justamente na abertura solene das aulas, a professora Conceição Bento considerou «da maior justiça» agradecer às pessoas que tornaram possível os resultados que a escola alcançou no último ano. Em áreas como a investigação e a divulgação do conhecimento, as actividades de extensão à comunidade, a mobilidade, ou a reorganização dos serviços, para os centrar cada vez mais nos estudantes.

Incentivar a realização pessoal e profissional das pessoas que trabalham na Escola é outro compromisso da ESEnC, no âmbito do Plano Estratégico 2009-2013: Desenhar o Futuro com Todos.

Depois de saudar toda a comunidade educativa, a presidente do Conselho Directivo deu os parabéns aos 320 novos alunos, porque de um universo de 2675 candidatas à Escola ficaram no grupo dos que concretizaram esse desejo.

O Professor Doutor João Rogério Valença Vieira, presidente do Conselho Científico da ESEnC, proferiu a aula “Os desafios de Bolonha”, no ano em que, pela primeira vez, todos os planos de estudos foram adequados à reforma do ensino superior concertada a nível europeu.

Após a apresentação do Plano Estratégico, seguiu-se uma actuação da Tuna de Enfermagem de Coimbra. Presentes na cerimónia estiveram, entre outros, o ajunto do governador civil de Coimbra, Dr. Paulo Valério, o professor Fernando Regateiro (presidente do Conselho de Administração dos Hospitais da Universidade de Coimbra), o engenheiro João Vasco Ribeiro (responsável pela administração do QREN na região Centro), o enfermeiro Manuel Oliveira (presidente da Secção Regional do Centro da Ordem dos Enfermeiros), o enfermeiro Sérgio Gomes (Chief Nursing Officer) e o professor Joan Cortadellas (director técnico da Cátedra UNESCO de Direcção Universitária da Universidade Politécnica da Catalunha, que assessorou a ESEnC na elaboração do Plano Estratégico).



Estarão as mulheres a aceitar melhor a menopausa?

UM ESTUDO que foi divulgado, no dia 17 de Outubro, na Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESENFC), apresenta resultados algo surpreendentes sobre o modo como a mulher estará a encarar a entrada na menopausa.

De acordo com o trabalho de investigação “Ser mulher no climatério”, realizado por duas professoras da ESENFC (Ana Poço e Ana Bela Caetano) e por duas enfermeiras do Serviço de Ginecologia dos Hospitais da Universidade de Coimbra (Teresa Neves e Joana Coleta), uma dezena de mulheres inquiridas (através de entrevistas em profundidade) afirma estar a viver esta fase «como se fosse outra fase qualquer».

Embora não deixe de enumerar as inerentes implicações na qualidade de vida, como os calores, as alterações de sono, as noites que não consegue dormir...

Para a professora Ana Poço, da Unidade Científico-Pedagógica de Saúde Materna, Obstétrica e Ginecológica, «as mulheres, hoje, já não vivem com os mitos de antigamente, que associavam a menopausa ao envelhecimento, e isso é muito positivo».

Segundo a docente da ESENFC, que participou neste estudo que foi divulgado no seminário “Menopausa... Uma Nova Fase” (que teve lugar no auditório do Pólo A da instituição), as mulheres entrevistadas revelaram mesmo estarem «a viver a sexualidade em pleno».

Apesar de não se poder generalizar os dados obtidos – são dez mulheres –, o estudo já dá uma indicação de que algo pode estar a mudar.

«Podemos de algum modo começar a vislumbrar um outro olhar e uma outra vivência desta fase da vida», admite, por seu turno, a Professora Maria Neto Leitão, da comissão organizadora do seminário.

A esperança de vida aumentou e «as mulheres, ao chegarem aos 50 anos, já não se sentem no fim da vida; sentem que estão a entrar numa nova fase», realça a professora da ESENFC, ao notar que esta atitude «é importante, porque um terço da vida das mulheres é vivida após a menopausa».

De acordo com a professora Maria Neto Leitão, «a fase reprodutiva da mulher terminou, mas há toda uma outra vivência pessoal, conjugal, social e familiar que é importante que ela desenvolva, sentindo-se valorizada neste processo».

Quanto ao papel do enfermeiro neste cenário, deverá ser o de promover junto da mulher «comportamentos de saúde no domínio da alimentação, do sono e do repouso, da actividade física, da sexualidade, da relação com os outros, do sentir-se útil para os outros, pensando e cuidando também dela».

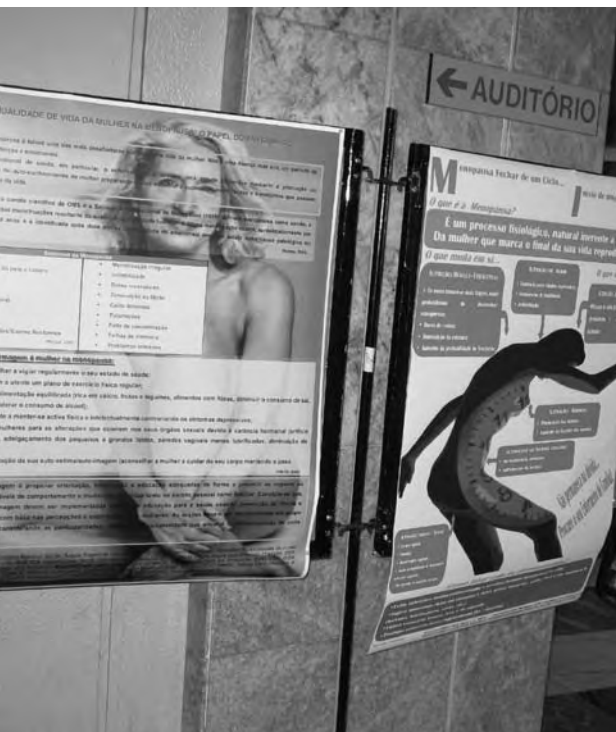
«A menopausa é uma fase que é preciso ser preparada, porque traz grandes implicações na qualidade de vida da mulher, não só pelas alterações biológicas, mas também psicossociais. E nós [enfermeiras e enfermeiros], actuando, podemos promover mais saúde e prevenir alguns aspectos menos positivos. Não só ajudando a perceber que é uma nova fase da vida, em que as mulheres têm novas responsabilidades, mas que é uma fase enriquecedora. O que não pode é ser olhada com base nos estereótipos de juventude, ou nos modelos de beleza de 20 anos, porque é de uma outra beleza, de uma outra forma de estar e de olhar a vida que se trata», conclui a Professora Maria Neto.

Para cima de 250 participantes, entre enfermeiros, assistentes sociais e alguns psicólogos, inscreveram-se no seminário.

Do programa do encontro fizeram parte duas mesas redondas: “Mulher na Menopausa: Diferentes Olhares” e “Contributos de Enfermagem para a saúde da mulher na fase da menopausa”.

Aprofundar conhecimentos sobre menopausa (ao nível da fisiologia e da terapêutica hormonal de substituição), compreender as alterações psicológicas e comportamentais de menopausa e reflectir sobre o papel do enfermeiro na promoção da saúde da mulher na menopausa forma os objectivos deste seminário.

“[a menopausa] é uma fase enriquecedora. O que não pode é ser olhada com base nos estereótipos de juventude, ou nos modelos de beleza de 20 anos, porque é de uma outra beleza, de uma outra forma de estar e de olhar a vida que se trata”.



Comemorações

10 anos de Referência

A UNIDADE de Investigação em Ciências da Saúde: Domínio de Enfermagem (UICISA-dE) comemorou, nos dias 16 e 17 de Outubro de 2008, o 10.º aniversário da Revista Referência.

Tratou-se de um momento muito significativo, que serviu, entre outras coisas, para analisar os critérios relacionados com a qualidade das revistas de Enfermagem, para progredir nos índices de indexação da Referência e para analisar os hábitos de produção de autores, bem como as áreas de preferência na investigação.

Do programa das comemorações constaram três iniciativas relevantes: a 2.ª Reunião de *Referees* da Revista Referência (coordenada pelo professor Manuel Gameiro), o 1.º Encontro de Editores de Revistas Científicas Portuguesas de Enfermagem (coordenado pelo professor Paulo Queirós) – ambos realizados no dia 16 de Outubro – e uma Conferência sobre Investigação e Divulgação do Conhecimento Científico (dia 17), dirigida a um público mais alargado. Esta conferência procurou contribuir para a reflexão sobre o estado actual da investigação e

da redacção científica na área da Enfermagem, com contributos para o seu desenvolvimento e internacionalização.

As comemorações tiveram lugar nos dois pólos da instituição – o primeiro dia no Pólo A (Avenida Bisaya Barreto, em Celas) e o segundo dia no Pólo B (Rua 5 de Outubro, em S. Marinho do Bispo).

2.ª Reunião de *Referees* da Revista Referência

Entre os participantes na 2.ª Reunião de *Referees* da Revista Referência, foi consensual a importância da iniciativa, sobretudo pelo esclarecimento dos princípios e do sistema de revisão duplamente cega dos artigos, pelo contributo para uma maior objectividade, rigor, sensibilidade aos autores e harmonização dos pareceres, tanto na forma como no conteúdo. Foram 21 os “referees” que estiveram presentes nesta reunião, assim como quatro elementos do Conselho Redactorial (gestores de artigo) da Referência e o director da Revista, professor doutor Manuel Rodrigues.



De uma forma simplista, os “referees” são os “árbitros” no processo de aceitação dos artigos de investigação submetidos a publicação em determinada revista. São colegas dos investigadores, que lêem esses trabalhos e que avaliam o respectivo interesse. Quando o artigo é recomendado para publicação pelos “referees”, por norma é aceite pela revista.

1.º Encontro de Editores de Revistas Científicas Portuguesas de Enfermagem

A diversidade do sector editorial português em Enfermagem – com tipologias de publicação diversas (de carácter científico ou de natureza informativa e de opinião) – é uma vantagem, em diferentes contextos, para um objectivo comum: contribuir para o desenvolvimento da Enfermagem.

Esta foi uma das conclusões do 1.º Encontro de Editores de Revistas Científicas Portuguesas de Enfermagem, no qual se fizeram representar dez das 18 publicações periódicas de Enfermagem convidadas para a iniciativa: Revista Enfermagem Oncológica, Revista Investigação em Enfermagem, Revista Nursing Portuguesa, Revista Pensar Enfermagem, Revista Percurso, revista Ecos de Enfermagem, Revista En-

fermagem em Foco, Revista Servir, SOS Jornal de Enfermagem e Revista Referência.

Em matéria de decisões, ficou definida a criação de ligações de acesso rápido aos outros periódicos, a partir de cada página online, para facilmente se poder aceder ao estatuto editorial e às normas de publicação de cada um dos periódicos.

Foi também considerada a constituição de uma página Web, propondo-se a designação de “Periódicos de Enfermagem em Rede” como conceito de marca a desenvolver.

Neste encontro, o professor Manuel Rodrigues mostrou-se preocupado com algumas questões éticas e com a falta de um mecanismo regulador que permita controlar o plágio.

Tendo em conta a diversidade de periódicos que estiveram reunidos, foi proposto que os próximos encontros a realizar no âmbito dos “Periódicos de Enfermagem em Rede”, se passem a designar Encontros de Editores de Periódicos de Enfermagem Portugueses.

Um 2.º encontro deverá ocorrer, em Junho de 2009, no Porto, sendo organizado pela Revista Ecos de Enfermagem.





Conferência sobre Investigação e Divulgação do Conhecimento Científico

A presidente da ESEnC, professora Maria da Conceição Bento, considera que «estamos, hoje, em Portugal, num momento importante do desenvolvimento da Investigação em Enfermagem», mas que «o financiamento ainda está longe de dar resposta às necessidades».

Ao abrir a Conferência sobre Investigação e Divulgação do Conhecimento Científico, a presidente da ESEnC observou que «a investigação é na sua maioria custeada pelos investigadores, nalguns casos, como nesta casa, com o apoio das instituições de acolhimento das unidades de investigação, sem o qual não conseguem sobreviver».

A professora Conceição Bento considera, por isso, que «urge» uma acção concertada, sobretudo devido à actual «escassez de recursos financeiros de que dispõem as instituições de ensino superior», sob pena de esta situação as levar «obrigatoriamente a reduzir as verbas que investem em divulgação do conhecimento e/ou transferem para o funcionamento das unidades [de investigação]».

Para a presidente da ESEnC, as comemorações do 10º aniversário da Referência podem ser «uma oportunidade» para reflectir sobre três áreas estratégicas para o desenvolvimento da investigação e divulgação do conhecimento produzido: o financiamento; a optimização do trabalho em rede das unidades de investigação em enfermagem nacionais e internacionais; e a criação de mecanismos facilitadores da transferência de conhecimento, aumentando

Presidente da ESEnC, professora Maria da Conceição Bento, considera que «estamos, hoje, em Portugal, num momento importante do desenvolvimento da Investigação em Enfermagem», mas que «o financiamento ainda está longe de dar resposta às necessidades»

exponencialmente a possibilidade de contribuir para o aumento de ganhos em saúde das pessoas.

Nesta Conferência sobre Investigação e Divulgação do Conhecimento Científico, interveio, também, o presidente do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge, professor catedrático José Pereira Miguel, que falou sobre as “Possibilidades de Investigação na área da Saúde”.

Para o professor José Pereira Miguel, a Enfermagem pode e deve desempenhar um papel pró-activo nos vários projectos de investigação que decorrem nas áreas afectas à saúde, o que deixa abertas as portas para uma futura ligação entre o INSA e a UICISA-DE.

Por sua vez, a coordenadora do Projecto SciELO (Scientific Electronic Library Online) em Portugal, doutora Isabel Soares Carneiro, apresentou alguns dados estatísticos do grupo SciELO no mundo e particularizou a situação do Projecto SciELO em Portugal, esclarecendo algumas dúvidas dos presentes sobre a integração de revistas SciELO Portugal.

EUA diz que a Escola de Enfermagem de Coimbra tem condições para ser ensino universitário

A EUA (European University Association) considera que a Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (EEnfC) tem condições para alcançar o estatuto de ensino universitário.

O desafio foi lançado pelos peritos internacionais que, em 2008, fizeram a avaliação institucional da EEnfC.

Durante a apresentação pública do relatório de avaliação, a 31 de Outubro último, o professor austríaco Winfried Müller afirmou que «a escola deve seguir as suas ambições, que são legítimas, e assumir algum risco em relação ao futuro».

Para a equipa de avaliadores da EUA, a EEnfC deve ter «confiança nas suas capacidades» e deve procurar «convencer os políticos de que a Enfermagem é uma disciplina científica», abrindo, assim, caminho para a passagem de ensino politécnico a ensino universitário.

De acordo com o painel internacional de avaliadores, a EEnfC deve «trabalhar para influenciar a legislação portuguesa», exercendo «pressão junto do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior».

O trabalho da EEnfC terá de ser o de «levar os governantes a assumirem que é preciso investigação nesta área do conhecimento», o que trará ganhos para saúde e para o bem-estar das populações.

«Há muitos exemplos na Europa em que o ensino da Enfermagem está ao nível universitário», afirmou o professor Winfried Müller.

A presidente da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, professora Maria da Conceição Bento, mostrou-se satisfeita com todas as recomendações feitas pela EUA, mas sublinhou que «esta foi a mensagem mais importante que nos podia deixar».

A professora Conceição Bento recordou o trabalho já iniciado pela EEnfC para a concretização de um doutoramento em Enfermagem em parceria com outras universidades, assim como o crescente trabalho ao nível da investigação que está a ser coordenado pela Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: domínio de Enfermagem.

No âmbito do relatório da EUA, os peritos internacionais consideram que a maior escola de Enfermagem do país se caracteriza por uma grande dedicação à região Centro e ao País, que transmite uma imagem muito positiva para o exterior, que denota um ambiente de cooperação impressionante e que tem uma governação muito activa.

Além do pessoal e dos alunos motivados e muito dedicados, também a autonomia e a flexibilidade em relação aos recursos disponíveis na EEnfC foram avaliadas positivamente – neste último aspecto, a equipa da EUA considerou que a EEnfC se destaca quando comparada com outros politécnicos do País.

Por outro lado, a EUA considera que as instalações da EEnfC estão em bom estado de conservação, que há uma preocupação constante com a sua remodelação e actualização e que a Escola possui equipamentos de ponta.

A EEnfC foi uma das dez instituições seleccionadas pela Direcção-Geral do Ensino Superior para o cofinanciamento do programa voluntário de avaliação pela EUA em 2008.

Enquanto instituição de ensino superior não integrada, foi a primeira Escola de Enfermagem a ser avaliada pela EUA em Portugal e na Europa.

A equipa de avaliação internacional foi constituída pelos Professores Winfried B. Müller (Áustria), Dionyssi Kladis (Grécia) e Mette Karoliussen (Noruega), assim como pela estudante Sanja Brus (Eslovénia).

Para a equipa de avaliadores da EUA, a EEnfC deve ter «confiança nas suas capacidades» e deve procurar «convencer os políticos de que a Enfermagem é uma disciplina científica», abrindo, assim, caminho para a passagem de ensino politécnico a ensino universitário.»





O peritos internacionais consideram que a maior escola de Enfermagem do país se caracteriza por uma grande dedicação à região Centro e ao País, que transmite uma imagem muito positiva para o exterior, que denota um ambiente de cooperação impressionante e que tem uma governação muito activa.

São necessários estudos que suportem a prática dos enfermeiros no tratamento de feridas

A PRESIDENTE da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnC), professora Maria da Conceição Bento, defendeu a necessidade de estudos preditivos na área do tratamento de feridas, que suportem as práticas clínicas dos profissionais de saúde.

Ao intervir na abertura do “Encontro sobre Feridas... da prevenção ao tratamento”, que decorreu no dia 5 de Janeiro no campus A da ESEnC, a professora Conceição Bento notou que «não temos dados de evidência científica capazes de sustentar a decisão dos enfermeiros». Isto apesar de haver muito trabalho desenvolvido nesta área.

«A prática clínica de Enfermagem precisa cada vez mais de ser sustentada em dados científicos», afirmou a professora Maria da Conceição Bento, desafiando os enfermeiros presentes a desenvolverem, em colaboração com a ESEnC, projectos de investigação que conduzam a esse objectivo.

No primeiro dia de actividades da ESEnC em 2009, o auditório do pólo A encheu. Foram 320 os inscritos no Encontro, entre estudantes e enfermeiros.

«Isto quer dizer que os enfermeiros estão disponíveis para continuarem a formar-se e para darem melhores respostas às necessidades» em saúde, observou, ainda, a presidente do Conselho Directivo da ESEnC.

“A importância da prestação de cuidados no tratamento de feridas”, “Feridas crónicas – abordagem multidisciplinar na prevenção e tratamento”, “A cirurgia de ambulatório: uma realidade emergente” e “Métodos naturais para o tratamento de feridas” – exemplos da aplicação de mel ou do uso de larvas – foram os temas dos painéis propostos para este Encontro.

De acordo com a comissão organizadora do evento, a diversidade de novos materiais no mercado que podem ser utilizados na prevenção e no tratamento de feridas exige um olhar atento de todos os profissionais que prestam cuidados de saúde.

O Encontro proporcionou a troca de conhecimentos e de boas práticas entre os interessados pela área da prevenção e do tratamento de feridas.

Além da presidente da ESEnC, também a coordenadora da Unidade Científico-Pedagógica de Enfermagem Médico-Cirúrgica, professora Luísa Pinto Coelho, interveio na sessão de abertura.





“Antes que te Queimes na Covilhã”

ALGUNS ESTUDANTES da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (EEnfC) afectos ao projecto “Antes que te Queimes” intervieram, este ano, nas noites de festa da Queima das Fitas da Covilhã, numa iniciativa que decorreu entre os dias 24 e 28 de Março.

Esta actividade, que foi realizada em parceria com o Núcleo de Estudantes de Medicina da Universidade da Beira Interior, envolveu 17 estudantes da EEnfC, 9 estudantes de Medicina da UBI e um estudante de Língua Gestual Portuguesa.

Os estudantes foram supervisionados e acompanhados por três enfermeiros e por três professores da EEnfC.

A intervenção resultou de um protocolo assinado entre as entidades envolvidas, que incluiu formação prévia sobre metodologia de Educação pelos Pares, Intervenção de Rua, Sexualidade Responsável, Consumo e abuso de álcool e intervenção em situação de intoxicação aguda alcoólica.

O “Antes que te Queimes” é um projecto que tem como objectivo principal reduzir o consumo abusivo de bebidas alcoólicas e minimizar os riscos associados, como as infecções sexualmente transmissíveis e a condução perigosa de veículos.

O projecto pretende promover a diversão sem risco, tendo como lema “Antes que te queimes - Age com Responsabilidade”.

Com início em Maio de 2007 na Queima das Fitas de Coimbra, onde foi testado e posteriormente implementado em todas as festas académicas de Coimbra até então (Queima das Fitas e Festa das Latas), o projecto, desenvolvido pelo Atelier de Expressividade da Associação de Estudantes da EEnfC, começa a expandir-se a outras festas académicas do país.

«Se esta iniciativa se alargar a todos os campos universitários que organizam este tipo de festivais académicos, talvez seja possível acreditar que os consumos de álcool possam ser reduzidos e se possa pensar em diversão sem risco», afirma a professora Irma Brito, que coordena o Atelier de Expressividade.

Este ano, participam no projecto na Queima das Fitas de Coimbra sete dezenas de estudantes da EEnfC, que pretendem ajudar jovens como eles a terem comportamentos sexuais e rodoviários seguros.

Nesta edição, são 14 os parceiros do projecto: EEnfC, Associação de Estudantes da EEnfC, Governo Civil do Distrito de Coimbra, Comissão Central da Queima das Fitas 2009, Administração Regional de Saúde do Centro, Instituto da Droga e Toxicod dependência, Associação Académica de Coimbra, Núcleo de Estudantes da AAC, Instituto Português da Juventude, Linha SOS-Estudante, Saúde em Português, Associação para o Planeamento da Família, Associação Existências e Canal UP.



Aniversário

17 de Março: Dia da ESEnfC teve honras de secretário de Estado

44

EM DIA de aniversário, que prenda melhor do que sermos elogiados e reconhecidos? Foi isso que aconteceu na sessão comemorativa do 3º aniversário da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnfC). E o mimo veio do secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros, Dr. Jorge Lacão.

O governante, que no dia 17 de Março também inaugurou o novo Centro de Simulação de Práticas Clínicas da ESEnfC (ver texto na página 29), qualificando-a como uma «unidade de elevadíssimo nível», mostrou-se satisfeito com a «visão integrada de ensino» seguida pela ESEnfC, que não esquece a perspectiva humanista, e convocou a atenção de alunos e de alunas para que tenham em linha de conta a importância do respeito pela igualdade entre ho-

mens e mulheres, combatendo todas as formas de discriminação, tenham a veste que tiverem.

O secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros valorizou muito o projecto (O)Usar & Ser Laço Branco, desenvolvido por estudantes e por docentes, que visa prevenir e combater a violência nas relações de intimidade, a começar pela exercida no namoro, destacando a «preocupação» de levar essa mensagem «para fora da escola».

Para o Dr. Jorge Lacão, «é mesmo disto que o nosso país precisa»: de gente confiante e «que saiba transmitir o sentido da confiança».

Na inauguração do Centro de Simulação de Práticas Clínicas, que dispõe de simuladores e de equipamentos de ponta, todos os laboratórios estiveram em actividade, com docentes e estudantes da ESEnfC.



fC a fazerem simulações simultâneas de diferentes cenários clínicos.

Este moderno Centro de Simulação de Práticas Clínicas foi apetrechado com os meios tecnológicos adequados à aprendizagem dos estudantes, à investigação e à inovação em Enfermagem, para que os laboratórios se assemelhem o mais possível a unidades de cuidados diferenciados.

O programa festivo compreendeu, ainda, a apresentação do Livro “A Arte de Enfermeiro: Escola de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca”, a assinatura de um protocolo com a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, a homenagem aos funcionários aposentados e aos que perfizeram 25 anos de serviço na ESEnC, a entrega de bolsas de mérito e a atribuição de um prémio aos melhores alunos de 2007/2008.

Foram, ainda, entregues certificados de formação em Teatro do Oprimido a estudantes e docentes que participam no projecto “O(U)sar & Ser Laço Branco”. Seguiu-se a apresentação da peça de teatro “Um Presente Envenenado”.





Posses

Conselho Geral presidido pelo professor Domingos Fernandes

TOMARAM POSSE, no dia 27 de Fevereiro, as sete personalidades externas de reconhecido mérito que integram o Conselho Geral da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnfC).

São elas os professores doutores Domingos Fernandes – eleito depois presidente deste órgão de governo da Escola –, Fernando de Jesus Regateiro (presidente do Conselho de Administração dos Hospitais da Universidade de Coimbra), Isabel Amélia Mendes (Secretária Geral da Rede Global de Centros Colaboradores da OMS para a Enfermagem e Obstetrícia), Joan Cortadellas (director técnico da Cátedra UNESCO de Direcção Universitária da Universidade Politécnica da Catalunha) e José Pereira Miguel (presidente do Conselho de Administração do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge), o engenheiro João Vasco Ribeiro (membro da Comissão Directiva do QREN) e o enfermeiro Sérgio Gomes (Chief Nursing Officer).

Trata-se de um núcleo de figuras da vida pública e do ensino superior, nacionais e estrangeiras, que, embora não pertencentes à instituição, possuem conhecimento e experiência relevantes para a ESEnfC.

O antigo secretário de Estado da Administração Educativa (do XIV Governo Constitucional) e professor da Universidade de Lisboa, Domingos Fernandes,

mostrou-se «sensibilizado» com esta eleição, que encara «como uma responsabilidade profissional, académica e cívica».

Vê a entrada em funcionamento deste órgão de governo da instituição como «mais um passo que a ESEnfC está a dar no sentido de concretizar de forma mais sustentada a sua visão, as suas metas estratégicas e a ideia que tem da produção do conhecimento e da formação de enfermeiros».

Para o professor Domingos Fernandes, «a formação da Enfermagem está numa fase de consolidação e de afirmação, por via da concretização de projectos de ensino cada vez mais próximos da investigação».

Com a melhoria contínua dos docentes e da investigação nas escolas de Enfermagem o ensino vai melhorar, considera

O presidente do Conselho Geral da ESEnfC salienta que a afirmação da Escola a nível internacional – como o melhor ou um dos melhores estabelecimentos de formação de enfermeiros no mundo – deve ser um dos eixos estratégicos de desenvolvimento da instituição, sendo esta uma meta que está ao seu alcance.

Três meses antes (a 28 de Novembro), tomaram posse os membros da comunidade educativa da ESEnfC que integram o Conselho Geral.

Clarinda Cruzeiro, Maria Neto, Maria Luísa Pinto Coelho, Aida Mendes, Manuel Rodrigues, Maria Paula Cordeiro, Dulce Galvão, Jorge Apóstolo, Maria Clara Amado Apóstolo Ventura, Maria Teresa Tanqueiro, Manuel Augusto Mariz, Marília Neves, Alberto Barata Gonçalves Cavaleiro e José Carlos Martins foram os representantes do corpo docente eleitos, a 24 de Novembro, para este novo órgão de governo da instituição.

Na mesma data, pelo corpo não docente foi eleito João Nuno Oliveira, enquanto pelo corpo discente foram eleitos Ana Mafalda Pereira Ribeiro Fernandes, Ana Catarina Alves Gonçalves e Rui Pedro Dinis Borges.

Provedor do estudante

Na cerimónia de 28 de Novembro foi, ainda, investido o provedor do estudante, um outro novo órgão

da ESEnfC, que funcionará em articulação com a Associação de Estudantes e com os órgãos e serviços da Escola, designadamente com o Conselho Pedagógico.

Para o lugar de Provedor do estudante, de acordo com a candidatura apresentada pelos discentes, foi eleito o professor João Franco, para um mandato de dois anos.



Conselho Pedagógico, vice-presidentes e Conselho de Gestão

Ainda no dia 27 de Fevereiro, a presidente da ESEnfC, professora Maria da Conceição Bento, conferiu posse aos professores e estudantes eleitos para o Conselho Pedagógico, aos vice-presidentes da instituição e aos membros por si nomeados para o Conselho de Gestão.

Cumprindo com o novo Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior e com os novos estatutos da Escola, o Conselho Pedagógico da ESEnfC é constituído por quatro representantes do corpo docente e por quatro representantes dos discentes. São eles os professores Manuel Gonçalves Henriques Gameiro, Maria da Ascensão Calvário Antunes, Maria Vitória Pereira de Almeida, Rui Filipe Lopes Gonçalves e, ainda, os estudantes Catarina Isabel Sousa Santos, Melanie



Duarte da Mota, Luís André Matos Abrantes e Vítor Emanuel Ferreira de Oliveira.

Como vice-presidentes, a professora Conceição Bento nomeou os professores até aqui em funções nesses cargos: Fernando Dias Henriques e José Reis dos Santos Roxo.

Por sua vez, para o Conselho de Gestão foram investidos os professores Fernando Dias Henriques, José Carlos Pereira dos Santos e Maria Luísa de Lemos Pinto Coelho.

O Conselho de Gestão da ESEnfC é composto pela presidente da Escola – que preside –, por um vice-presidente por si designado, pelo administrador e ainda por dois membros de entre o pessoal docente ou não docente e não investigador da escola ou um estudante.

Compete a este órgão conduzir a gestão administrativa, patrimonial e financeira da instituição, bem como a gestão dos recursos humanos.

Conselho Técnico-Científico

Tomaram posse, no dia 5 de Março, os membros do novo Conselho Técnico-Científico da ESEnfC eleitos a 20 de Fevereiro de 2009.


São eles os professores Águeda da Assunção Gonçalves Marques, Carlos Alberto Cruz de Oliveira, Irma da Silva Brito, Isabel Margarida Marques Monteiro Dias Mendes, Joana Alice da Silva Amaro de Oliveira Fabião, João Luís Alves Apóstolo, João Manuel Garcia Nascimento

Graveto, José Manuel de Matos Pinto, Jorge Manuel Amado Apóstolo, Luís Manuel da Cunha Batalha, Manuel Alberto Pereira Pinto, Manuel Gonçalves Henriques Gameiro, Maria da Ascensão Calvário Antunes, Maria da Conceição Giestas Baía Saraiva,

Maria Isabel Dias Marques, Maria de Lurdes Ferreira de Almeida, Maria Teresa Calvário Antunes Martins, Paulo Alexandre Carvalho Ferreira, Pedro Miguel Santos Dinis Parreira, Rogério Manuel Clemente Rodrigues (que preside), Rosa Cristina Correia Lopes, Rui Carlos Negrão Baptista e Virgílio da Cruz Conceição.

Em representação da Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: domínio de Enfermagem, foram eleitos Aida Maria de Oliveira Cruz Mendes e Manuel Alves Rodrigues.





Jornadas de Enfermagem Médico-Cirúrgica juntaram mais de 500 participantes em Coimbra



FORAM MAIS de cinco centenas os enfermeiros e estudantes que se inscreveram nas Jornadas de Enfermagem Médico-Cirúrgica, promovidas, entre os dias 4 e 6 de Março, pela Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnC).

Durante esses três dias, os participantes debateram, trocaram experiências e conhecimentos e partilharam os avanços registados ao nível desta especialidade, num encontro subordinado ao tema “Cuidar a Pessoa em Estado Crítico: da Avaliação à Intervenção Especializada”.

Do programa do evento, que teve lugar no Pólo B da ESEnC (em S. Martinho do Bispo, junto ao Hospital dos Covões), fizeram parte quatro mesas-redondas: “Cuidar do Doente em Estado Crítico: Contributos dos Cuidados Intensivos”, “Implicações da Doença Oncológica para o Doente e Família”, “O Doente em Estado Crítico na Urgência: Da admissão à Alta, a Continuidade dos Cuidados” e “A Problemática do Doente Cardíaco”.

A organização preparou, ainda, cinco workshops (sobre “Tratamento de Feridas Crónicas”, “Bloco Operatório”, “Massagem Terapêutica no Alívio da Dor”, “Ostomias - Dimensões do Cuidar” e “Estratégias

de Comunicação com o Doente em Estado Crítico”) e três cursos breves (eventos pré-jornadas).

A conferência de abertura das Jornadas, intitulada “Cuidados al paciente crítico basados en la evidencia”, foi proferida pela professora titular da Escuela Universitaria de Enfermería da Universidad de Murcia (Espanha), Maria Ruzafa Martínez.

Do elenco de conferencistas constaram enfermeiros chefes, especialistas e graduados, provenientes de várias unidades hospitalares do país; o Chief Nursing Officer da Direcção Geral de Saúde, enfermeiro Sérgio Gomes; e alguns professores da ESEnC, da Unidade Científico-Pedagógica (UCP) de Enfermagem Médico-Cirúrgica.

Também participaram não enfermeiros. Foi o caso do presidente do Instituto Nacional de Medicina Legal, professor Duarte Nuno Vieira, do director do Centro de Cirurgia Cardiorádica dos Hospitais da Universidade de Coimbra, professor Manuel Antunes, e do presidente da Associação Portuguesa de Bioética, professor Rui Nunes.

O professor Duarte Nuno Vieira disse sobre “A Manutenção de Provas em Contexto de Urgência. O professor Manuel Antunes falou da “Cirurgia car-

díaca em Portugal: Percursos e Recursos”. O professor Rui Nunes analisou os “Dilemas e Conflitos éticos em Contextos de Urgência”.

Na abertura das Jornadas, a presidente da ESEnfC, professora Maria da Conceição Bento, desafiou os enfermeiros dos Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC) e do Centro Hospitalar de Coimbra (CHC) a evoluírem nas parcerias com a instituição, com vista a, juntos, desenvolverem investigação nesta área do conhecimento.

Para a presidente da ESEnfC, a investigação é «fundamental para garantir a qualidade dos cuidados de Enfermagem», enquanto contributo para «resolver os novos problemas em saúde que afectam as populações».

Por outro lado, só com a cooperação das instituições de saúde a ESEnfC poderá desenvolver-se como instituição de excelência na área da investigação, à semelhança do que tem sido na área do ensino, observou a professora Maria da Conceição Bento.

As Jornadas “Cuidar a Pessoa em Estado Crítico: da Avaliação à Intervenção Especializada” foram organizadas pela UCP de Enfermagem Médico-Cirúrgica, com a participação dos alunos/enfermeiros do 2.º Curso de Pós-Licenciatura de Especialização em Enfermagem Médico-Cirúrgica da ESEnfC.





GAGO
COUTINHO
SADACURA
CABEÇA
PRIMEIRA
TRAVESSA
4.ª LATA
AT. ANTI
SUL
1921

ESTE MONUMENTO NA ANTONIA DO ESCULTOR
JUAN COUTINHO E RESERVADO A CIDADE DO
MUNICIPIO PELA COMISSÃO MUNICIPAL PARA A
CONSERVAÇÃO DOS MONUMENTOS POR
TUBOSES POR DECISÃO DA COMISSÃO DE
DO Y DESEIGNADO NA ASSIMILADA CONTRA
DO DE TUBOSES Nº 20 DE JULHO DE 1924



Cooperação

EEnfC na origem da primeira licenciatura de Enfermagem em Cabo Verde

ALGUNS PROFESSORES da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (EEnfC) deram início, no passado mês de Outubro de 2008, à primeira licenciatura em Enfermagem da jovem Universidade de Cabo Verde.

No presente ano lectivo estima-se que 25 docentes da EEnfC venham a leccionar unidades curriculares do novo 1.º ciclo de Enfermagem (em colaboração com professores da instituição africana), além de abrirem dois cursos de complemento de formação

(assegurados na íntegra pelos docentes de Coimbra) – no Mindelo e na cidade da Praia –, dirigidos a enfermeiros com experiência profissional, mas que não estavam habilitados com o grau de licenciatura. Para a professora Aida Mendes, que coordena este projecto de cooperação da EEnfC, o trabalho que está a ser desenvolvido «é importante, não só para Cabo Verde, como também para a EEnfC, pelas ligações que a unem aos países que falam português».



Trata-se, ainda, de uma oportunidade para «contactar outras realidades e outras formas de entender os problemas de saúde», explica a especialista em Enfermagem de Saúde Mental e Psiquiatria.

Sendo este um trabalho de voluntariado, que os professores da escola de Coimbra vão continuar a prestar durante algum tempo, foi interessante verificar o acolhimento muitíssimo forte que houve por parte da comunidade docente da ESEnfC e o ânimo emprestado ao projecto.

Para a professora Dionísia Loreto, esta foi uma oportunidade de conhecer uma realidade diferente, «em termos de cuidados de saúde», mas também ao nível da «forma de viver e de estar da população» cabo-verdiana. Além disso, pôde sentir que «estava a contribuir para o progresso da Enfermagem» num país onde, tinha a ideia, «as coisas ainda precisavam de evoluir» e onde, «a posteriori», constatou haver «algum défice de equipamentos médicos».

Já a professora Ana Albuquerque realça ter encontrado jovens muito motivados para estarem a estudar na área da Saúde, com uma grande capacidade intelectual e de entrega.

Os 30 jovens da licenciatura que conheceu na cidade da Praia mostraram um entusiasmo que não encontra nos estudantes em Portugal.

Por outro lado, diz que «eles gostam do país onde vivem» e que «não querem aproveitar a formação como trampolim para irem para fora».

“Estes jovens sentem que a população precisa deles»

«Em Cabo Verde é preciso mais vacinas, mais cuidados infantis. Estes jovens sentem que a população precisa deles», prossegue a professora Ana Albuquerque, ao acrescentar que, sendo o ordenado do enfermeiro equivalente a 400 euros – para eles «um bom vencimento» –, constitui «uma motivação muito grande poderem ser enfermeiros». São estudantes «com muitas dificuldades económicas», pelo que serem enfermeiros daqui a quatro anos significa «poderem dar melhores condições de vida à família».

Por sua vez, para o professor Manuel Gameiro, o que o levou a aceitar este desafio foi a curiosidade de conhecer uma realidade diferente, do ponto de vista humano e da organização dos cuidados.

Este docente da ESEnfC foi dar aulas ao curso de complemento de formação, que constatou ser «uma oportunidade» que os enfermeiros locais «não querem perder».

Por isso, observa, «estão a fazer um grande esforço: alguns trabalham em turnos consecutivos sem folgas, outros têm duplo emprego».

O docente da ESEnfC, que diagnosticou muitas carências ao nível bibliográfico em Cabo Verde, procurou treinar os estudantes na pesquisa e na procura

de artigos de investigação que, de alguma forma, tivessem a ver com as realidades deles.

“Uma lição de vida”

Também o professor José Carlos Martins disse sim ao desafio de voar até solo cabo-verdiano.

O docente da ESEnfC considera que «o esforço [dos enfermeiros que estão em complemento de formação] é meritório, num país onde as necessidades são várias».

A título de exemplo, relata que cinco deles se deslocam «da ilha de Santo Antão para o Mindelo, o que para alguns significa duas horas e meia de viagem de vinda, a dormida na cidade do Mindelo e, no outro dia de manhã, mais duas horas e meia para o local de trabalho». «Ganhei 24 amigos com os quais me continuo a corresponder. Outro grande ganho, para além do científico, que é ir conhecer uma realidade nova e ter de me aplicar nessa área, é o ganho humano, que me permite, hoje, olhar com olhos diferentes para muitas das minhas queixas habituais e dos meus alunos e dizer: são muito mesquinhas», salienta, ainda, o docente especialista em Enfermagem Médico-Cirúrgica. Que conclui: «Isto para nós é uma lição de vida».

«Outro grande ganho, para além do científico [...] é o ganho humano, que me permite, hoje, olhar com olhos diferentes para muitas das minhas queixas habituais e dos meus alunos e dizer: são muito mesquinhas».

Estes cursos resultam de um protocolo de cooperação assinado em Abril de 2008 no arquipélago africano, com vista à colaboração dos professores de Coimbra na concepção e na implementação de

OS MEMBROS DO PROJECTO

Aida Maria de Oliveira Cruz Mendes, Amélia Filomena de Oliveira Mendes Castilho, Ana Maria Correia Albuquerque Queiroz, Cândida Rosalinda Exposto da Costa Loureiro, José Carlos Amado Martins, Maria Manuela Frederico-Ferreira, Irma da Silva Brito, João Manuel Garcia Nascimento Graveto, Jorge Manuel Amado Apóstolo, Isabel Maria Henriques Simões, Manuel Gonçalves Henriques Gameiro, Maria Arminda Gomes, Maria Clara Amado Apóstolo Ventura, Maria Margarida Carreto Louro Madeira, Providência Pereira Marinheiro, Cidalina da Conceição Ferreira de Abreu

> A ESTRUTURA DOS CURSOS:

- O curso de licenciatura (horário diurno) está a ser frequentado por 30 estudantes cabo-verdianos, ao passo que nos dois cursos de complemento de formação (pós-laborais) estão inscritos 55 enfermeiros (25 no Mindelo e 30 na Praia).

- O curso de licenciatura tem 4 anos de duração, à semelhança do 1º ciclo da ESEnfC, e a mesma carga horária deste. No entanto, houve a preocupação de atender àquilo que são os problemas sanitários particulares e as necessidades de organização dos cuidados de saúde em Cabo Verde.

- O plano de estudos do curso de complemento de formação decorre durante um ano lectivo (1.400 horas presenciais) e dará equivalência à licenciatura.

- Para rentabilizar os recursos humanos da ESEnfC, as unidades curriculares foram organizadas em blocos temáticos. Os professores vão completar esses blocos temáticos para que não tenham de se deslocar ao arquipélago várias vezes ao longo do ano. Nesse sentido, as missões variam entre duas semanas a um mês.

planos de estudos de graduação e de pós-graduação em Enfermagem.

Rubricaram o documento, na altura, a presidente da ESEnfC, Professora Maria da Conceição Bento, e o reitor da Universidade de Cabo Verde, Professor António Correia da Silva.





> Professora Ananda Fernandes fez um estágio de curta duração no laboratório de investigação na área da dor na criança da Universidade McGill, no Canadá. Para isso teve o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

Canadá



Brasil

> Professora Dulce Galvão esteve em Blumenau, em Belém do Pará e em Florianópolis (nos últimos dois destinos juntamente com a colega Rosa Pedroso). O interesse pelo aleitamento materno e pelos cuidados com o recém-nascido de baixo peso foi o que as levou até território brasileiro.



> Professores Cidalina Abreu e Alfredo Lourenço estiveram numa missão de ensino na Grécia, no Technological Educational Institute of Thessaloniki e no Technological Educational Institute of Athens

Grécia

Israel



> Professores João Apóstolo e Manuel Rodrigues participaram em Jerusalém na “Conferência Internacional de Enfermagem: Encarando o desafio dos sistemas de saúde em transição”. Professor Manuel Rodrigues foi, ainda, ao 11º Congresso Brasileiro dos Conselhos Regionais de Enfermagem

Tailândia



> Professor Pedro Parreira participou na conferência internacional “Healthy People for a Healthy World” realizada em Banguecoque

Professores da ESEnfC em mobilidade

Oito professores da Escola de Enfermagem de Coimbra falam de algumas das suas experiências de mobilidade internacional na Europa, na América e na Ásia



Professora Ananda Fernandes esteve no Canadá a analisar dados de um estudo sobre a dor em recém-nascidos

A PROFESSORA Ananda Fernandes fez um estágio de curta duração (15 dias) no laboratório de investigação na área da dor na criança da Universidade McGill, no Canadá, para o qual teve o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

De 1 a 17 de Novembro de 2008, a docente da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnfC) pôde contactar com a equipa de investigação da sua orientadora de doutoramento, a Dra. Celeste Johnston, e fazer a análise de dados inerentes ao estudo que está a desenvolver, sobre a eficácia da combinação de duas técnicas na diminuição da resposta de dor dos recém-nascidos prematuros face a procedimentos susceptíveis de os magoarem.

É sabido que colocar sacarose na chupeta do bebé um pouco antes do procedimento doloroso (a intervenção analisada pela investigadora da ESEnfC foi a punção venosa, que é feita por rotina nas unidades neonatais, para tirar sangue) atenua os sinais de dor.

Também se sabe que o “canguru materno” – contacto pele a pele entre a mãe e o bebé – antes e depois

do procedimento doloroso é eficaz na redução da resposta de dor.

O que não se sabe, e que Ananda Fernandes está a estudar, é se juntando as duas técnicas melhora o efeito de redução das respostas de dor.

Os dados que a investigadora recolheu para análise, extraídos de mais de uma centena de bebés prematuros (observados nas duas maternidades de Coimbra), são imagens vídeo com a expressão facial dos bebés e dados fisiológicos da frequência cardíaca e da saturação de oxigénio (quando temos dor, o coração bate mais depressa e a saturação de oxigénio pode baixar).

A codificação facial é feita com software próprio que foi desenvolvido no Canadá e que permite quantificar a percentagem de tempo em que a criança apresenta um determinado comportamento, como o fechar dos olhos, ou a prega nasolabial.

Foi por isso que a professora da ESEnfC escolheu o laboratório de investigação da Universidade McGill, mas também porque o Grupo de Investigação da Dor Pediátrica do Canadá (PICH - Pain in Child He-

alth) «é a única estrutura multidisciplinar que tem esta área específica».

«Há muitos grupos em universidades e hospitais, mas não de uma forma tão alargada, porque o PICH envolve várias universidades do Canadá e dos Estados Unidos, além de pessoas de outros países, como é o meu caso, do Brasil, de França, da Europa e da Ásia», explica a professora Ananda Fernandes.

Em Maio de 2008 a professora Ananda esteve também no Canadá. Nessa altura, a pretexto do Congresso da Sociedade Canadiana de Dor, a docente da EEnfC frequentou um seminário sobre a advocacia na construção das políticas (foram convidadas pessoas que falaram da sua experiência sobre como defender uma ideia junto de quem toma decisões e sobre como fazer passar a mensagem).

A professora Ananda Fernandes diz-se «surpreendida» por «termos, às vezes, a noção de que estamos muito atrasados». «A verdade é que, apesar de nós termos pouca investigação clínica nesta área, nos cuidados de saúde não estamos muito atrás. Quando vemos países como o Canadá, que tem investigação sobre a dor na criança há duas dezenas de anos – é de lá e dos Estados Unidos que sai a maior parte da produção científica [sobre o tema] –, e quando vamos ver os estudos de prevalência da dor aguda e da dor crónica em crianças, percebemos que, afinal, nós não estamos tão mal assim», constata a inves-

tigadora.

As deslocações da docente ao Canadá têm constituído «uma aprendizagem extraordinária», desde «os aspectos substantivos – aquilo que se aprende nas conferências, nos trabalhos de grupo, no treino prático que se vai fazendo e na possibilidade de se manter actualizada, porque a produção acontece a uma velocidade incrível e uma pessoa lendo apenas não consegue estar a par – até aos aspectos de processos de organização para investigação, mas também para o ensino da Enfermagem».

«Às vezes digo: mesmo que não fizesse a tese de doutoramento eu aprendi tanta coisa que, só por isso, já valeu a pena», conclui a professora Ananda Fernandes.

Quando vemos países como o Canadá, que tem investigação sobre a dor na criança há duas dezenas de anos – é de lá e dos Estados Unidos que sai a maior parte da produção científica [sobre o tema] –, e quando vamos ver os estudos de prevalência da dor aguda e da dor crónica em crianças, percebemos que, afinal, nós não estamos tão mal assim»





Professoras Dulce Galvão e Rosa Pedroso no Brasil

A PROFESSORA Dulce Galvão participou por três momentos, em 2008, em encontros realizados no Brasil, sobre aleitamento materno e sobre cuidados a ter com o recém-nascido de baixo peso.

Numa fase inicial, a professora coordenadora da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESENfC) deslocou-se a Blumenau, para o I Congresso Sul-Brasileiro de Aleitamento Materno e Bancos de Leite Humano, realizado entre os dias 26 e 29 de Março de 2008.

A escolha do Brasil prendeu-se com o facto de ser um país que investe muito na promoção do leite materno.

«Os brasileiros têm uma taxa de mortalidade infantil muito elevada, quando comparada com a do nosso país, e nós sabemos como o aleitamento materno pode contribuir para a regressão dessa taxa de mortalidade, pelos seus benefícios, quer para a saúde das crianças, quer para a saúde da mãe, quer para a saúde da população na generalidade», afirma a docente da ESENfC.

Em Blumenau, a professora Dulce Galvão apresentou o poster “Conhecimento e Atitudes dos Adolescentes face à Amamentação”, em co-autoria com sete alunos do 4º ano do V Curso de Licenciatura em Enfermagem da ESENfC, e frequentou os cursos que decorreram durante o congresso: “Manejo Clínico em Aleitamento Materno” e “Método Mãe Canguru: Humanizando o Cuidado ao Recém-nasci-

do de Baixo Peso e suas Famílias”.

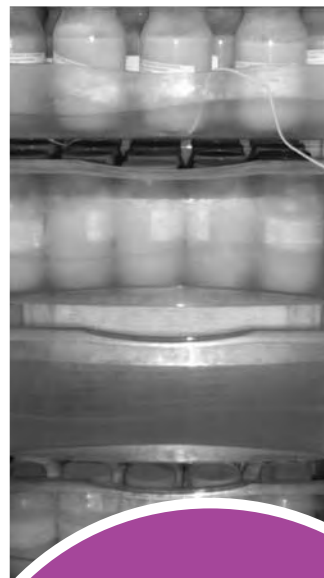
Nessa altura, a professora Dulce Galvão teve a oportunidade de conhecer a Dra. Zaira Custódio, psicóloga da Maternidade do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina, que coordena a implementação do Método Mãe Canguru nesse mesmo hospital e que é consultora do Ministério da Saúde no Método Mãe Canguru.

A professora da ESENfC procurou inteirar-se da forma como o Método Mãe Canguru está a ser implementado no Brasil e de como o pretendem alargar a todas as unidades neonatais no país.

Sumariamente, trata-se de um método destinado a crianças recém-nascidas prematuras e de baixo peso, que consiste em estarem 24 horas em contacto directo, pele a pele, com a mãe. Este método permite que as crianças cresçam o mais depressa possível, junto das mães, sendo uma forma de mais rapidamente adquirirem peso.

Nesta ida ao Brasil, a professora Dulce Galvão voltou a estar com o coordenador da Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano, Dr. João Aprígio, que já conhecia de encontros científicos em Tenerife, e conheceu o famoso pediatra Marcus Renato, coordenador do site “aleitamento.com”.

Conheceu, também, o pediatra Luís Tavares, que elaborou a escala de observação da mamada do prematuro, e teve a oportunidade de visitar o Banco de Leite Humano de Blumenau.



Uma excelente fonte de aprofundamento e aquisição de conhecimentos, de desenvolvimento de competências no lidar com crianças recém-nascidas de baixo peso e suas famílias e na promoção do aleitamento materno

Para a professora Dulce Galvão, cujo doutoramento versou, justamente, a “Amamentação bem-sucedida: alguns factores contribuintes para o sucesso da amamentação”, também em Portugal os bancos de leite serão «uma excelente aposta, principalmente para os nossos meninos prematuros, porque as mães não têm capacidade de produzir o leite para eles, principalmente nos primeiros tempos».

Dois meses depois, em Maio, a docente e investigadora da ESEnfC voltou ao Brasil, desta feita com a professora Rosa Pedroso, para participarem, entre os dias 21 e 24, no X Encontro Nacional de Aleitamento Materno, em Belém do Pará.

Neste encontro, as professoras Dulce Galvão e Rosa Pedroso proferiram cada uma sua comunicação, respectivamente sobre “Promoção da Amamentação na Primeira Hora Após o Parto” e sobre “O Conhecimento sobre Amamentação dos Estudantes de Enfermagem: dos mitos à realidade

Ali frequentaram o curso pré-encontro, subordinado ao tema “Aconselhamento em Amamentação”, e conheceram a Dra. Keiko e o Dr. José Vinagre, pediatras defensores e promotores do aleitamento materno.

Curso sobre “Método Canguru”

Já em Novembro, de volta ao território brasileiro, as professoras Dulce Galvão e Rosa Pedroso participaram no “Curso de Atenção Humanizada ao

Recém-Nascido de Baixo Peso - Método Canguru”, que decorreu em Florianópolis, nos dias 17, 18 e 19.

Este curso representou, para as docentes da ESEnfC, uma excelente fonte de aprofundamento e aquisição de conhecimentos, de desenvolvimento de competências no lidar com crianças recém-nascidas de baixo peso e suas famílias, na promoção do aleitamento materno e no desenvolvimento de técnicas, nomeadamente a técnica de administração de leite à criança por “fingerfeeding”.

As professoras Dulce Galvão e Rosa Pedroso foram recebidas pela Enfermeira Directora do Hospital Universitário da Universidade de Santa Catarina, que as honrou com uma visita ao estabelecimento de saúde, cuja Unidade de Cuidados Especiais Neonatais ficaram a conhecer, assim como a Escola de Enfermagem.

A Organização Mundial de Saúde preconiza a amamentação exclusiva até aos seis meses de idade e a manutenção da prática da amamentação com alimentos complementares até aos 2 anos de idade ou mais. Como ainda estamos aquém destas metas, tanto em Portugal como no resto do mundo, «há a necessidade de todos tentarmos incentivar a prática da amamentação», salientam as professoras Dulce Galvão e Rosa Pedroso.

Com uma “excelente” opinião para futuros estágios na Grécia

A PROFESSORA Cidalina Abreu e o professor Alfredo Lourenço estiveram, de 26 a 30 de Novembro de 2008, numa missão de ensino na Grécia, no Technological Educational Institute (TEI) of Thessaloniki e no Technological Educational Institute of Athens.

No TEI de Salónica e de Atenas os docentes visitaram as instalações, conheceram os equipamentos e as formas de organização, tanto ao nível científico, como pedagógico e de investigação.



60

Nesta deslocação, ao abrigo do programa de bolsas Erasmus para a mobilidade de docentes, os professores da ESEnC leccionaram conteúdos de Enfermagem e de Psicologia relacionados com a prática pedagógica dos docentes. Transmitiram a sua experiência no que toca ao contributo das Ciências Sociais e Humanas para o desenvolvimento do conhecimento em Enfermagem, e deram também a conhecer a ESEnC a nível organizacional e de funcionamento científico-pedagógico.

PROFESSORA CIDALINA INTEGRA CONSELHO EDITORIAL DO INTERNATIONAL JOURNAL OF CARING SCIENCES

No âmbito da aproximação da ESEnC ao ATEI, a professora Cidalina integra o Conselho Editorial do International Journal of Caring Sciences, revista do Departamento de Enfermagem do ATEI de Salónica, da qual também fazem parte professores do Reino Unido, de Singapura, dos Estados Unidos da América, da Turquia, da Alemanha, da Bélgica e de Chipre. Trata-se de uma revista interdisciplinar, que aceita artigos científicos e de investigação nas áreas da Enfermagem, da Medicina e de outras ciências da saúde.

A divulgação e o intercâmbio de informação científica relacionada com os cuidados de saúde justificam a sua existência.

Esta publicação aceita artigos de educação, de prática baseada na evidência, de saúde pública, de políticas de saúde e de investigação, assim como anúncios e pequenas comunicações.

O International Journal of Caring Sciences está disponível para consulta nas bibliotecas dos dois pólos da ESEnC.



Em Salónica apresentaram a comunicação “Nursing Education and learning competencies in Portugal” e uma aula teórica subordinada ao tema “Students education in palliative care/Psychosociological Contributions”.

A temática dos cuidados paliativos foi pedida pela instituição de acolhimento e pela coordenadora das Relações Internacionais de Salónica, professora Filomila Obessi, aquando da sua visita à ESEnfC, em 1997, no âmbito do “Projecto Intensivo – Fórum Europeu Pluridisciplinar”. Nessa altura, a professora Filomila Obessi visitou o serviço de cuidados paliativos do Instituto Português de Oncologia de Coimbra, o que lhe suscitou o maior interesse pela temática.

Em Atenas, a missão de ensino da professora Cidalina Abreu e do professor Alfredo Lourenço teve a ver com a participação em sessões lectivas teórico-práticas e práticas de Enfermagem de Saúde Infantil e Pediatria.

Paralelamente, os professores Alfredo Lourenço e Cidalina Abreu visitaram o General Hospital Thessaloniki Papageogiou, designadamente as consultas

Conhecer uma nova realidade permitiu constatar que «muita da nossa prática», em Coimbra, está no bom caminho, ainda que sempre possa ser melhorada e aperfeiçoada», consideram os professores Alfredo Lourenço e Cidalina Abreu.

externas, a unidade de obstetrícia e ginecologia, bem como a respectiva sala de partos e sala de operações, a unidade de pediatria, a unidade de cuidados intensivos neonatais, a neonatologia e urgências.

Os docentes da ESEnfC destacam as condições físicas e humanas do hospital para a aprendizagem dos estudantes, que lhes deixaram uma excelente opinião para futuros estágios dos estudantes da ESEnfC queiram realizar programa de mobilidade Erasmus.

Conhecer uma nova realidade permitiu constatar que «muita da nossa prática», em Coimbra, está no bom caminho, ainda que sempre possa ser melhorada e aperfeiçoada», consideram os professores Alfredo Lourenço e Cidalina Abreu.

Apesar de algumas barreiras linguísticas, culturais ou financeiras, o enriquecimento profissional e cultural resultante destes programas de mobilidade justificam a sua manutenção. Podendo, na óptica destes docentes, a ESEnfC continuar a estabelecer contactos futuros com estas instituições, seja para acções de mobilidade de estudantes ou de professores.

Professor Manuel Rodrigues no 11.º Congresso Brasileiro dos Conselhos Regionais de Enfermagem

O PROFESSOR Manuel Alves Rodrigues participou, de 31 de Agosto a 3 de Setembro de 2008, no 11.º Congresso Brasileiro dos Conselhos Regionais de Enfermagem (CBCENF), para o qual se inscreveram perto de oito mil profissionais de Enfermagem. De acordo com o professor da ESEnfC, o congresso «foi uma extraordinária festa de enfermeiros e de estudantes de enfermagem brasileiros», que se reuniram no Centro de Convenções e Feiras da Amazônia, na capital do Estado do Pará, sob o lema “Cuidando do ser humano, cuidando do meio ambiente”.

«Delegações dos 27 Conselhos Regionais de Enfermagem do Brasil estiveram em Belém do Pará, numa verdadeira mistura de cores e alegria», relata o também coordenador da Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Domínio de Enfermagem, satisfeito por ter testemunhado aquele «encontro de gerações, de partilha de experiências e conhecimentos».

A convite do Presidente do Conselho Federal de Enfermagem, Manoel Carlos Neri da Silva, o “decano” da ESEnfC participou como palestrante naquele congresso: apresentou a comunicação “Investigação, cultura e partilha do conhecimento em Enfermagem”. O professor Manuel Rodrigues foi, ainda, chamado para a mesa de abertura do Congresso.

Na sessão inaugural a memória de Florence Nightingale (1820-1910) – enfermeira britânica pioneira no tratamento de feridos de guerra durante a guerra da Crimeia – foi lembrada, «através da caminhada até à mesa de uma estudante de enfermagem vestida de branco, transportando a “lâmpada” acesa, símbolo universal da Enfermagem», recorda o professor da ESEnfC.

«O meio ambiente, a sua preservação e resgate de componentes que buscam a implementação da sustentabilidade em todas as áreas da actuação, saúde e desenvolvimento do homem foi o eixo condutor de toda a grelha de programação do congresso» refere, também, o professor Manuel Rodrigues.



Professores João Apóstolo e Manuel Rodrigues estiveram em Israel

“Também é assim que a Escola se reforça”



OS PROFESSORES João Apóstolo e Manuel Rodrigues deslocaram-se, de 30 de Junho a 3 de Julho de 2008, a Jerusalém (Israel), onde participaram na “Conferência Internacional de Enfermagem: Encarando o desafio dos sistemas de saúde em transição”, organizada pela Sociedade Israelita para a Investigação em Enfermagem.

Os “embaixadores” da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnC) proferiram, respectivamente, as comunicações “Os efeitos da massagem no conforto dos doentes hospitalizados” e “Inovações nas estratégias de educação para a saúde das crianças”.

O professor João Apóstolo apresentou o resultado de um estudo feito com doentes internados, em que se comparou o conforto sentido pelas pessoas às quais eram feitas algumas sessões de massagens de conforto, com o conforto dos pacientes que não foram alvo dessa intervenção. Nos primeiros verificaram-se melhorias nalgumas dimensões do conforto. «Do ponto de vista de trabalhos científicos, apesar de no estrangeiro, sobretudo nos Estados Unidos, já

terem sido feitos alguns trabalhos que avaliam a eficácia dessa intervenção, não conheço em Portugal publicações nesta área. Uma coisa é fazer massagem de conforto e o doente sente-se bem. Outra coisa é fundamentar o quanto é que o doente se sente bem. E foi isso que nós tentámos demonstrar, com esse estudo que apresentámos no congresso em Israel. É mais um contributo para demonstrar que essas intervenções dos enfermeiros têm impacto, medindo esse efeito», explica o professor da ESEnC.

Este tipo de congressos, em que são apresentados resultados de estudos, novas propostas de intervenção, em que, no fundo, é partilhado o desenvolvimento do conhecimento que posteriormente vai sustentar a prática de enfermagem nos diferentes contextos, é o palco ideal para as instituições e os investigadores.

E qual é o balanço? «Verificamos que o nosso nível de investigação está a par com a que é feita pelas pessoas de outros países», constata o professor João Apóstolo.

No congresso em Israel estiveram enfermeiros de várias latitudes: desde a Sérvia, a alguns países do antigo bloco soviético, de Espanha, da América (Central, do Sul e do Norte).

Os professores de Coimbra conheceram pessoas e dialogaram com algumas teóricas da Enfermagem, como a professora Afaf Meleis (decana da Escola de Enfermagem da Universidade de Pensilvânia) e a vice-presidente da “Sigma Theta Tau International, Honor Society of Nursing”, Gwen Sherwood.

É este tipo de aproximação e a vontade de dar a conhecer a realidade da ESEnC que vai abrindo portas para que a escola seja reconhecida internacionalmente pela qualidade do trabalho que produz, nota, ainda, o professor João Apóstolo: «Também é assim que a escola se reforça».

E, acrescenta, cada vez mais a ESEnC terá de ser não apenas um pólo de transmissão do conhecimento, mas também um centro de produção do conhecimento para ser difundido.

Professor Pedro Parreira na Tailândia

O PROFESSOR Pedro Parreira participou, nos dias 25 a 27 de Junho de 2008, na conferência internacional “Healthy People for a Healthy World”, que se realizou na Tailândia e que teve por finalidade partilhar a visão e as acções programadas com vista à concretização dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio, através do repensar de estratégias para os cuidados de saúde primários.

No encontro, promovido pela Organização Mundial de Saúde (OMS), foi reclamada a necessidade de, tanto os governos, como os indivíduos e as instituições que intervêm nas tomadas de decisão, darem corpo a um conjunto de princípios e de medidas que permitam atingir esses Objectivos de Desenvolvimento do Milénio, lutando, ao mesmo tempo, contra todas as barreiras que se lhes oponham.

Oito Objectivos de Desenvolvimento do Milénio foram definidos em 2000, pelos Estados membros da Assembleia-Geral das Nações Unidas, a saber: Erradicar a pobreza extrema e a fome; Atingir o ensino primário universal; Promover a igualdade de género e a capacitação das mulheres; Reduzir a mortalidade infantil; Melhorar a saúde materna; Combater o HIV/SIDA, a malária e outras doenças; Garantir a sustentabilidade ambiental; Criar uma parceria global para o desenvolvimento.

O contributo do professor Pedro Parreira na conferência internacional “Healthy People for a Healthy World” foi dado através da apresentação da comunicação em formato de poster “Leadership complexity in the health context: an empirical study”.

Nesta comunicação é destacada uma abordagem à liderança, segundo um modelo paradoxal adequado

aos cenários complexos característicos do mundo actual. «Neste estudo, o modelo de liderança mostrou-se adequado para explicar a eficácia da organização hospitalar, contribuindo positivamente para resultados em Saúde», afirma o professor Pedro Parreira.

Nesta conferência internacional em Bangkok participaram para cima de 500 enfermeiros, além de outros profissionais de saúde, de 35 países das seis regiões da OMS, de representantes de universidades, de governos, de organizações não governamentais e do sector privado.

De acordo com o professor Pedro Parreira, deste encontro «emergiram pontos de concordância que se assumem como uma plataforma para impulsionar os governos dos diversos países a agirem e a monitorizarem as diversas acções desenvolvidas e a desenvolver».

E essas acções começam pelo fomento da responsabilidade social na promoção de pessoas saudáveis para um mundo saudável; pela implementação de estratégias inovadoras para assegurar competências adequadas com profissionais motivados, para melhorar o acesso e a equidade na saúde; ou pelo desenvolvimento da capacidade de liderança para aumentar a participação na criação de políticas a todos os níveis.

A integração de determinantes socioculturais da saúde na educação, na prática, na investigação e nas políticas, reafirmando a importância dos cuidados de saúde primários na capacitação dos sistemas de saúde, para responder às necessidades de saúde da população, constitui outra grande acção.





EEnfC inicia processo de constituição em capítulo da “Sigma Theta Tau International”

64

A ESCOLA Superior de Enfermagem de Coimbra (EEnfC) quer constituir-se como capítulo da “Sigma Theta Tau International, Honor Society of Nursing”. Trata-se de uma sociedade de investigação e de investigadores em Enfermagem – provavelmente, a maior nesta área a nível mundial –, com sede nos Estados Unidos da América, que tem por missão apoiar o desenvolvimento da ciência da Enfermagem que se faz em todos os continentes.

No último congresso da Sigma Theta Tau, em Julho de 2008, em Singapura, a EEnfC pediu formalmente para iniciar o processo de constituição em capítulo (como se chamam as secções da sociedade em cada país).

«A EEnfC fez um processo de intenção», explica

a professora Aida Mendes, ao salientar que, «há já algum tempo, alguns professores da Escola [de Coimbra], através da Unidade de Investigação, têm colaborado nos congressos internacionais» organizados pela Sigma Theta Tau, nos quais apresentam diversos resultados dos trabalhos de investigação que realizaram.

Porém, se a EEnfC já tem trabalho na organização de actividades de disseminação do conhecimento, num número de pelo menos duas por ano, o que pode ser contabilizado para efeitos de aceitação da proposta de constituição em capítulo, há outro conjunto de metas que terá de cumprir.

Durante um período probatório (de um ano), a EEnfC tem de constituir uma associação que en-

globe as pessoas consideradas líderes de investigação em Enfermagem na sua área de influência. Essa associação terá um total de 50 membros, entre professores, enfermeiros e estudantes.

Uma das metas obriga à filiação nessa estrutura de 25% dos melhores estudantes de licenciatura e de pós-licenciatura (dos que têm, na nomenclatura americana, “A”, que corresponde a 16 valores ou mais).

Por isso, «a escola», observa a professora Aida Mendes, «deve ter a capacidade de atrair estes bons alunos para as actividades de investigação e de disseminação».

Para a professora Aida Mendes, o processo de constituição em capítulo é, também, «uma maneira de nos ajudar a organizar algumas coisas que nós já fazemos, mas que às vezes fazemos de uma forma um pouco dispersa».

A organização do capítulo, que obriga ao estabelecimento de uma série de metas de desenvolvimento da investigação, é, por si só, um aspecto motivador. Mas, por outro lado, «o reconhecimento por uma associação com o prestígio da Sigma Theta Tau é, também, alguma coisa que confere credibilidade a uma determinada instituição», sublinha a professora Aida Mendes.

Resumindo as vantagens da adesão à Sigma Theta Tau: «É aproveitar, por um lado, a dinâmica a que obriga, de organização e, por outro lado, recolher o prestígio que nos dá».

Recentemente, na sequência de um convite, a ESEnfC participou na reunião dos capítulos europeus, que decorreu, em Novembro, em Utreque (Holanda).

Na foto podemos ver os professores Aida Mendes e José Carlos Santos, aquando dessa deslocação em Novembro.

A “Sigma Theta Tau International, Honor Society of Nursing” organiza diversos encontros centrados nas questões da investigação e atribui bolsas para investigação aos seus membros.

Não sendo a sua vocação principal, a Sigma Theta Tau também canalizou, em tempos, algumas energias para missões de apoio a países em desenvolvimento, ou que sofreram catástrofes (naturais ou de guerra).

É talvez a maior organização de coordenação e de desenvolvimento de investigação ao nível da Enfermagem.

Na Europa só existem três capítulos: País de Gales, Suécia e Holanda. Portugal seria o quarto.

E o quinto, provavelmente, a Irlanda, que também já demonstrou interesse.

A “Sigma Theta Tau International, Honor Society of Nursing” foi fundada em 1922 por enfermeiras da Escola de Enfermagem da Indiana University (USA). Esta organização tem cerca de 405.000 membros de 92 países.

Finalistas angolanos receberam formação na ESEnfC

AO LONGO de três meses foi para eles a escola, a casa e talvez mesmo uma extensão da família.

Uma dezena de estudantes angolanos esteve, entre Maio e Julho de 2008, na Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnfC), a desenvolver actividades curriculares e a aperfeiçoar técnicas e procedimentos no âmbito da Enfermagem.

Os finalistas do Instituto Superior de Enfermagem da Universidade Agostinho Neto, com idades entre os 24 e os 37 anos, receberam alguma formação na ESEnfC, em suporte básico de vida e em suporte imediato de vida, mas também participaram em variadas actividades de formação cívica promovidas pela instituição de Coimbra.



«Nós levamos daqui uma grande experiência. Foram momentos inesquecíveis, tanto ao nível da formação, como a nível pessoal», afirmou Tiago Abel, representante deste núcleo de quartanistas da Universidade Agostinho Neto, na hora do adeus.

Para este estudante, que à semelhança da generalidade dos colegas já exerce Enfermagem em Angola, na ESEnfC despertaram para «outras situações que servem para a vida futura de um profissional de Enfermagem, que vai lidar com o povo».

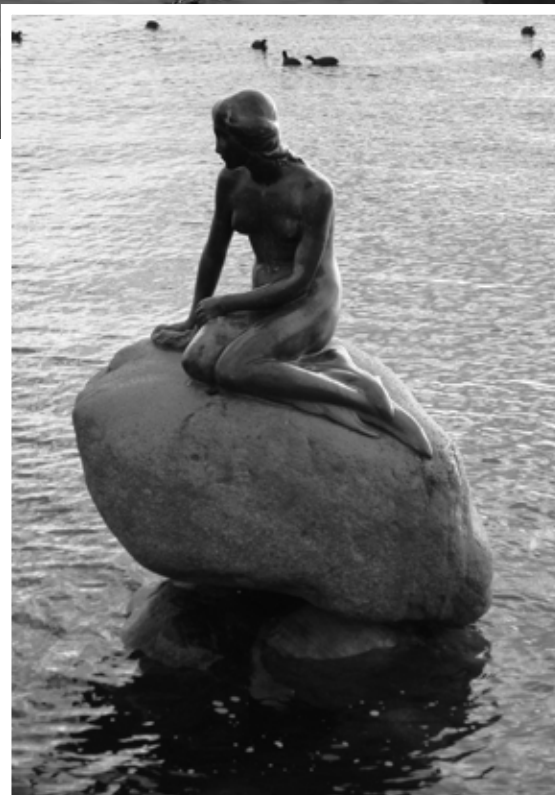
«Valeu a capacidade científica dos docentes que nos passaram vários conhecimentos relacionados com a Enfermagem. O enfermeiro tem de ter uma visão holística e é esta visão que encontrámos cá, nos enfermeiros e nos docentes de Enfermagem. Vamos transmitir isso aos nossos docentes», refere Tiago Abel.

«Continuem a ser o que são. Encontrámos um grupo muito acolhedor, muito batalhador, que nos mostrou que a Enfermagem não é só aquilo que nós vivemos num dado momento, mas aquilo que formos aprendendo ao longo do tempo».

Ana Sobral e Daniel Costa: uma experiência Erasmus em Copenhaga



66



ESTIVERAM, de Janeiro a Março de 2008, em ensino clínico em instituições de saúde dinamarquesas. Ana frequentou o serviço de Hematologia do Hospital de Herlev, muito direccionado para a área oncológica. Daniel esteve num centro de saúde (Møllebo Centre), onde fez a parte comunitária. Hoje já são enfermeiros e aceitaram falar ao Memo sobre o que consideram ter sido «uma experiência fantástica» enquanto ex-alunos da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnfC) que beneficiaram de um período de mobilidade ao abrigo do programa Erasmus.

A começar pela possibilidade de estudarem no estrangeiro e de contactarem outras realidades no domínio da Enfermagem, passando pela visita a «sítios espantosos» na capital Copenhaga, ou pela «simpatia» que encontraram na população daquele país do norte da Europa, Ana Sobral e Daniel Costa quase só realçam aspectos positivos do estágio na Dinamarca.

Ficaram muito bem impressionados com a integração que lhes proporcionaram nos serviços de saúde – apresentaram-nos a outros profissionais, mostraram-lhes os sectores e departamentos existentes – e com a «filosofia de cuidados».

«Todos se preocuparam imenso. Nós passámos por vários sítios. Fomos falar com várias pessoas responsáveis pelo hospital em termos de organização e de administração, para nos explicarem o funcionamento. A integração do enfermeiro naquele serviço demorava dois anos. E eles têm objectivos traçados para cada mês. A pessoa sabe que [ao fim de determinado tempo] tem de ser capaz de executar tarefas de forma autónoma e há sempre um apoio muito grande. Assim, as pessoas não se sentem tanto à deriva e não se cometem tantos erros. Nós sabemos que aqui, pela falta de enfermeiros que há, isso não é possível», constata Ana Sobral.

A ex-estudante da ESEnfC destaca também «o tipo de filosofia de cuidados». «Em relação a Portugal», diz, «têm o dobro de enfermeiros por habitante» e «têm uma preocupação muito grande em tornar a pessoa confortável».

Daniel Costa explica que «na Dinamarca o essencial é a prestação de cuidados em casa dos doentes». Nem que se trate de «uma simples ferida», ou «mesmo que seja só para preparar a medicação dos doentes que já não têm condições para o fazer».

Por outro lado, Daniel Costa notou que é dada «muita atenção àquilo que o próprio enfermeiro quer do seu futuro». «Há uma preocupação em ter as pessoas certas no lugar certo, em ter as pessoas satisfeitas, a fazerem o que querem», conclui.

Quanto à licenciatura em Enfermagem, o enfermeiro Daniel sublinha que, na Dinamarca, com «menos meio ano de curso», os estudantes «têm muito tempo livre para auto-investimento», o que diz não

sentir cá, que «temos muita carga horária para muitas disciplinas». «Têm uma liberdade imensa de pesquisarem sobre o que querem. Lá está: é aprender fazendo», insiste.

Também Ana Sobral destaca que «eles têm muita parte prática» e que «nós temos muito mais base teórica». O que não é necessariamente negativo. Se não vejamos: «Eles ficavam espantados com as coisas que nós sabíamos», afirma Ana Sobral.

Relativamente «àquele estereótipo de que as pessoas do Norte são mais frias e mais fechadas», Ana diz: «Nós não sentimos isso».

«Os dinamarqueses são bastante receptivos para com as pessoas estrangeiras. Às vezes nem precisávamos de pedir ajuda. Se percebiam que estávamos um bocado mais perdidos, eram eles que vinham ter connosco. Eram sempre simpáticas e amáveis», revela a enfermeira Ana Sobral.

A integração do enfermeiro naquele serviço demorava dois anos. E eles têm objectivos traçados para cada mês. A pessoa sabe que [ao fim de determinado tempo] tem de ser capaz de executar tarefas de forma autónoma e há sempre um apoio muito grande. Assim, as pessoas não se sentem tanto à deriva e não se cometem tantos erros. Nós sabemos que aqui, pela falta de enfermeiros que há, isso não é possível





p r o j e c t o s

Um serviço de apoio a novos licenciados

ACABEI O CURSO. E agora? Num mundo onde ter o “canudo” na mão já não é sinal de emprego garantido, nem sequer nas áreas da saúde, a Escola Superior de Enfermagem de Coimbra decidiu promover um conjunto de actividades no sentido de facilitar o acesso dos seus diplomados ao mercado de trabalho nacional e internacional.

Como? Através do Gabinete de Apoio a Novos Licenciados (GAL) da ESEnC, uma estrutura que iniciou funcionamento em Outubro de 2008 e que pretende, por meio da partilha de informação (divulgando as ofertas de emprego) e de acções de formação, prestar orientação aos jovens enfermeiros no que respeita a saídas profissionais e à inserção na vida activa.

Como resposta às incertezas que se colocam aos novos licenciados, entre outras iniciativas, o GAL propõe-se apoiá-los na construção e no desenvolvimento curricular.

O GAL funciona na dependência do Conselho Directivo da ESEnC. Fica localizado no Pólo A da instituição, na Avenida Bissaya Barreto, e está aberto às terças e quintas-feiras, das 14h00 às 17h00.

Coordenado pelo professor Luís Miguel Nunes de Oliveira e pela professora Rosa Cristina Correia Lopes (subcoordenadora), do GAL fazem parte mais 14 docentes da ESEnC, assim como um funcionário administrativo para apoio e secretariado.

Entre os dias 27 e 31 de Outubro, o GAL promoveu uma acção de formação de 15 horas (para cerca de 30 formandos), intitulada “Processo de procura de emprego”.

A iniciativa teve o apoio do Centro de Orientação e Emprego para Licenciados (COEL) da Universidade de Coimbra e do Instituto de Emprego e Formação Profissional.

A estrutura do curriculum vitae, as técnicas de procura de emprego, a preparação para uma entrevista

profissional de selecção, a identificação de fontes de divulgação, a mobilidade no espaço europeu, as medidas e programas de incentivo ao emprego e as perspectivas de um gestor de recursos humanos foram os temas por que se repartiu a formação.

Em Maio/Junho haverá outra acção subordinada a este mesmo tema.

No âmbito do apoio a prestar pelo GAL, serão também agendadas sessões individuais onde o recém-licenciado poderá desenvolver competências de carreira (intituladas “Aconselhamento de carreira”), promovendo o desenvolvimento de recursos promotores de integração e sucesso profissional.

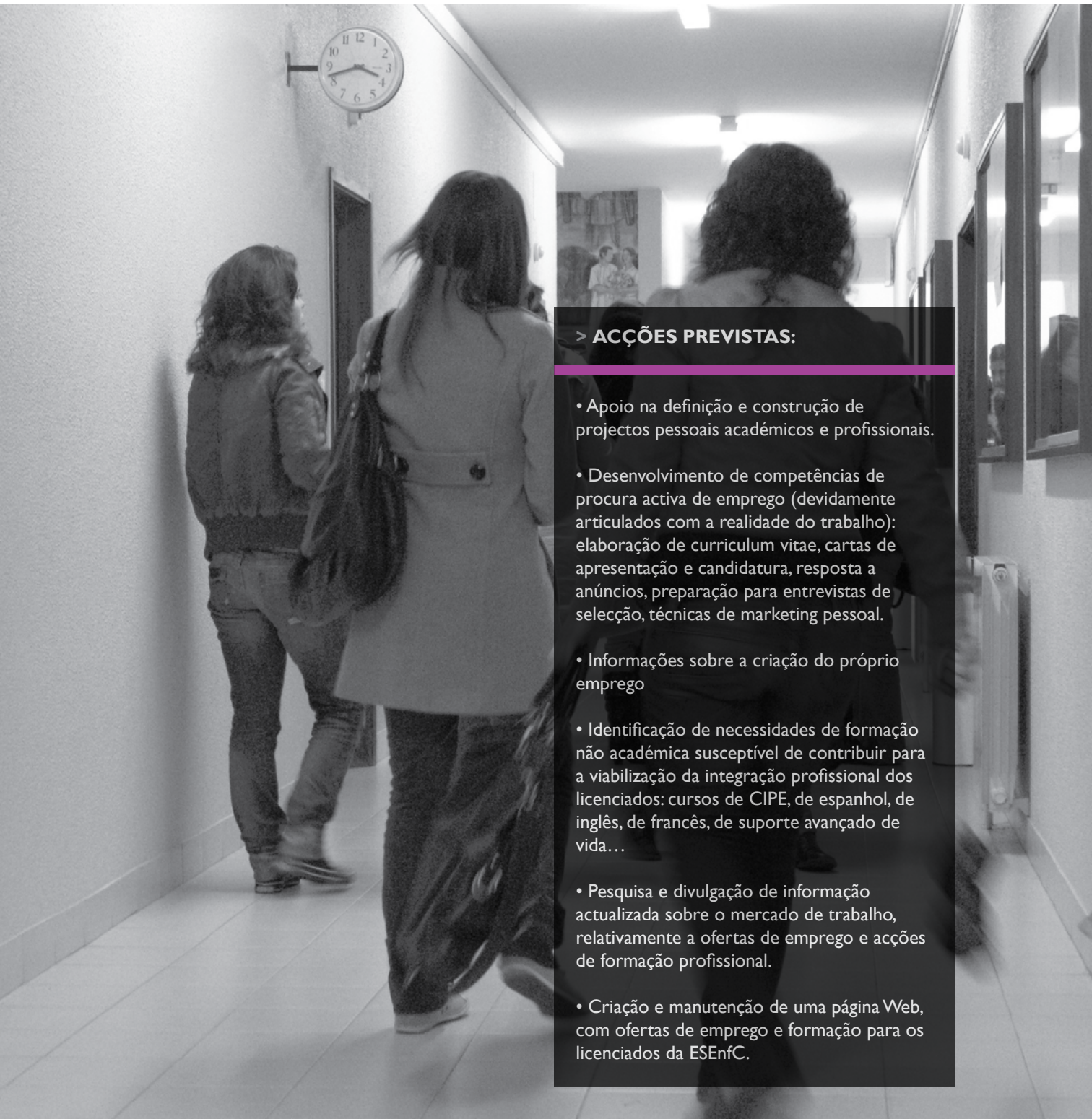
De acordo com o professor Luís Oliveira, «o principal objectivo é dar algum apoio aos jovens licenciados, de forma que possam fazer face a algumas dúvidas, por exemplo, sobre como se elabora um currículo, ou sobre como devem escrever ou apresentar-se para uma entrevista». Trata-se de ensinar estratégias com vista ao êxito.

Paralelamente, o GAL vai criar uma base de dados com informações sobre o percurso dos diplomados pela ESEnC, para avaliar se está «a ir pelo caminho

68

OS MEMBROS DO GABINETE

Amélia Castilho, Anabela Salgueiro Oliveira, Ana Paula Camarneiro, Helena Maria Almeida Macedo Loureiro, Helena Freitas, João Luís Alves Apóstolo, José Hermínio Gonçalves Gomes, Luís António Rodrigues Paiva, Luís Manuel de Jesus Loureiro, Luís Miguel Nunes de Oliveira, Margarida Alexandra Moreira Silva, Maria do Céu Mestre Carrageta, Maria da Conceição Giestas Baía Saraiva, Pedro Miguel Santos Dinis Parreira, Rosa Cândida de Carvalho Pereira de Melo, Rosa Cristina Correia Lopes



> ACÇÕES PREVISTAS:

- Apoio na definição e construção de projectos pessoais académicos e profissionais.
- Desenvolvimento de competências de procura activa de emprego (devidamente articulados com a realidade do trabalho): elaboração de curriculum vitae, cartas de apresentação e candidatura, resposta a anúncios, preparação para entrevistas de selecção, técnicas de marketing pessoal.
- Informações sobre a criação do próprio emprego
- Identificação de necessidades de formação não académica susceptível de contribuir para a viabilização da integração profissional dos licenciados: cursos de CIPE, de espanhol, de inglês, de francês, de suporte avançado de vida...
- Pesquisa e divulgação de informação actualizada sobre o mercado de trabalho, relativamente a ofertas de emprego e acções de formação profissional.
- Criação e manutenção de uma página Web, com ofertas de emprego e formação para os licenciados da ESEnC.

correcto», ou se é preciso mudar de estratégias. «Cabe-nos a nós, Escola, que temos cá estes estudantes durante quatro anos, com muitos dos quais criámos laços de amizade, manter alguma proximidade», acrescenta o professor Luís Oliveira, ao falar na vontade de constituir uma rede com o núcleo de jovens enfermeiros diplomados pela ESEnC que

estão no estrangeiro: em Inglaterra, em França, em África... Esses ex-alunos partilhariam com a ESEnC informações sobre a necessidade de enfermeiros nos países onde trabalham. Nesta altura, Espanha, França, Suíça e Irlanda são alguns dos países que mais precisam de enfermeiros, conclui o professor Luís Oliveira.



Enfermagem: Ver... para QUERER!

70

DEPOIS DE uma primeira bem sucedida iniciativa, em Maio de 2008, a Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESENFC) decidiu alargar o número de visitas de alunos do 3º ciclo do ensino básico e do secundário às suas instalações.

A equipa da Escola Aberta entendeu que valia a pena realizar um dia aberto por mês, cada qual subordinado a uma temática específica – seja o mês do coração, o Dia da Mulher, do Doente, do Enfermeiro, ou dos Direitos Humanos – e com vários ateliês, consoante a disponibilidade dos docentes envolvidos no projecto.

Nestas visitas, os jovens “viajam” pelos laboratórios de práticas simuladas, podem observar e aprender técnicas de suporte básico de vida, bem como assistir a uma simulação de trabalho de parto e de nascimento de um bebé – através de um sistema composto por manequins (mãe e feto) controlados informaticamente.

No laboratório de saúde materna, são feitas demonstrações de como vestir e despir o bebé e

enunciados vários outros cuidados que a criança de colo exige, como lavar, secar, limpar, ou colocar a fralda.

Noutros laboratórios é-lhes explicado o procedimento a ter numa situação de paragem cardiorespiratória, ou como fazer recolha de sangue.

A EQUIPA DA ESCOLA ABERTA

Ana Bela de Jesus Roldão Caetano, Ana Maria Poço dos Santos, Henrique José Mendes Nunes, João José de Sousa Franco, José Hermínio Gonçalves Gomes, Júlia Maria das Neves Carvalho, Luis António Rodrigues Paiva, Maria Clara Amado Apóstolo Ventura, Maria da Conceição Giestas Baía Saraiva, Maria de Lurdes Lopes de Freitas Lomba, Maria Vitória Pereira de Almeida, Paulo Alexandre Carvalho Ferreira, Rosa Cândida de Carvalho Pereira de Melo, Rui Carlos Negrão Batista e Teresa Maria de Campos Silva.



Os jovens contactam, assim, com alguns dos recursos e equipamentos tecnológicos utilizados, quer na formação ministrada na ESEnfC, quer na prática profissional da Enfermagem.

Com este tipo de iniciativas, a ESEnfC pretende sensibilizar para a formação em Enfermagem como um projecto profissional, ajudando os jovens dos níveis de ensino básico e secundário a, conscientemente, construírem um projecto de vida.

Nestas visitas à ESEnfC, Sob o lema “Enfermagem: VER... para QUERER!”, os alunos que estão a equacionar optar pela área da saúde poderão conhecer melhor a Escola e, quem sabe, vir a escolhê-la na altura do ingresso no ensino superior.

Com este tipo de iniciativas, a ESEnfC pretende sensibilizar para a formação em Enfermagem como um projecto profissional, ajudando os jovens dos níveis de ensino básico e secundário a, conscientemente, construírem um projecto de vida.

De acordo com a professora Vitória Almeida, coordenadora do projecto Escola Aberta, estamos perante uma iniciativa «muito importante, porque, muitas vezes, os estudantes chegam sem conhecerem bem o que se faz nas escolas de Enfermagem».

«Assim, sempre vêem “in loco” aquilo que eventualmente poderão fazer, o que os ajuda numa escolha mais esclarecida», argumenta.

Aquando da iniciativa em Maio de 2008, os estudantes de Cantanhede e os professores que os acompanharam fizeram um balanço positivo da visita.

Os quatro aspectos mais valorizados pelos estudantes foram, por ordem de preferência, “o parto e a obstetrícia”, os “cuidados com o bebé”, o “tirar sangue” e as “injecções”. Os jovens salientaram, ainda, o modo como foram acolhidos e a proximidade entre professores e estudantes da ESEnfC.

Melhorar o acesso das mulheres imigrantes à saúde

Facilitar o acesso das populações imigrantes aos serviços de saúde é objectivo de um projecto do movimento Graal apoiado pela ESEnfC



O movimento Graal e a Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnfC) apresentaram, no dia 10 de Março, o projecto “SauDar | saúde, género e migrações”, que se propõe facilitar o acesso e a prestação de serviços de saúde às populações imigrantes, muito especialmente às mulheres, promovendo a igualdade de oportunidades e de género.

Durante dois anos, vão ser diagnosticados problemas na relação das imigrantes com os serviços de saúde, bem como as suas causas, vai ser feita sensibilização junto de profissionais de saúde e dos próprios imigrantes – que muitas vezes desconhecem o seu direito aos serviços à saúde – e vão ser promovidas boas práticas para a prestação de serviços adequados e diferenciados às mulheres imigrantes (cuidados culturalmente sensíveis).

Todo o processo será desenvolvido com grupos de imigrantes, técnicos/as de saúde e peritos/as, dando-lhes voz e visibilidade. As mudanças a imprimir nas práticas de prestação de cuidados de saúde às mulheres imigrantes serão feitas de acordo com os problemas identificados e com as soluções propostas pelas próprias.

O projecto poderá levar à criação de um embrião de um gabinete de apoio às mulheres imigrantes ou de uma consulta específica para imigrantes, em colaboração com unidades de cuidados primários.

O “SauDar | saúde, género e migrações” é um projecto da iniciativa do Graal, co-financiado pelo Estado português e pelo Fundo Social Europeu, no âmbito da medida 7.3 - Igualdade de Género: Apoio técnico e financeiro às Organizações Não Governamentais, do POPH (Programa Operacional Potencial Humano) – QREN, gerido pela Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG).

Para este projecto, o Graal conta com a parceria da ESEnfC e de outras instituições: Salud y Familia (Barcelona), Centro Local de Apoio ao Imigrante de Coimbra e Associação Luso-brasileira de Apoio ao Imigrante.

O Graal é um movimento internacional de mulheres com a missão de “construir uma cultura do cuidado”, tendo em vista o futuro do planeta e a qualidade de vida da humanidade.

Em Portugal, o Graal tem procurado proporcionar contextos que promovam a capacidade de intervenção da mulher, visando a igualdade de género, a luta contra as discriminações e a cooperação com os PALOP.

Enquanto instituição de ensino superior de referência, empenhada na prestação de serviços à sociedade, a ESEnfC, herdeira da mais antiga formação em enfermagem em Portugal, procura também intervir no sistema de saúde e na comunidade.

Na apresentação do projecto estiveram, em representação do Graal, as doutras Natália Cruz e Ana Costa, e em representação da ESEnfC, as professoras Maria da Conceição Bento (presidente da Escola) e Ana Paula Monteiro.

Também a doutora Manuela Marinho (CIG) elogiou as dimensões do projecto.

Algumas das dificuldades no acesso à saúde e à adequada prestação de serviços a imigrantes resultam de aspectos como a falta de informação, as barreiras linguísticas e culturais, ou o modelo vigente na generalidade da investigação na área da saúde, que pressupõe que o doente/utente é um ser neutro, pensado por defeito como masculino, de classe média e português.

Acresce a vulnerabilidade característica das populações imigrantes, em especial das mulheres, que se nota na deficiente inserção comunitária, nas dificuldades linguísticas, nos níveis sociais e económicos baixos e, ainda, nos riscos de serem vítimas de violência, de tráfico e de exploração sexual.

“(O)Usar & Ser Laço Branco no Brasil

Pessoas de todas as nacionalidades, algumas das quais com lugares de destaque a nível mundial, usaram o *pin* e a pulseira com o logótipo do projecto “(O)Usar & Ser Laço Branco” que a Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnC) deu a conhecer no Brasil, durante o “Simpósio Global Engajando Homens e Meninos na Promoção da Igualdade de Género”, que se realizou, de 30 de Março a 3 de Abril, no Rio de Janeiro.

A comitiva da ESEnC, constituída por Maria Neto Leitão, Joana Fabião, Conceição Alegre (professoras) e Mónica Marques (estudante), representou Portugal neste encontro mundial que juntou 450 participantes de 78 países de todos os continentes em torno da Igualdade de Género.

No simpósio foi possível confrontar as boas práticas dos países com melhor nível de desenvolvimento com as realidades de países que enfrentam grandes desafios a este nível. Estiveram representadas várias organizações mundiais – exemplos da OMS, da UNICEF, ou da UNSIDA –, assim como decisores de políticas públicas de diferentes países, organizações não governamentais, instituições de ensino superior e activistas.

O grupo da ESEnC estabeleceu contactos com diversos organismos, como os Fundadores da Campanha do Laço Branco no Canadá, o Fundo das Nações Unidas para a População, o Instituto Promundo, o Instituto Papai, a MenEngage, além de representantes de países lusófonos (Brasil, Cabo Verde, Moçambique e Timor Leste).

Como foi referido no encontro por Alanna Armitage, representante do Fundo das Nações Unidas para o Desenvolvimento das Populações, «este encontro foi singular na história da humanidade».

No final do simpósio foi apresentada a Carta do Rio de Janeiro: Conclamação para Acção Global. A mensagem final foi elaborada por Michael Kaufmann, co-fundador da Campanha do Laço Branco/Canadá. Esta declaração de princípios, com a qual os governos são incentivados a comprometerem-se (com vista ao envolvimento de homens e rapazes na promoção e na busca pela igualdade de género), foi lida por pessoas de todos os países presentes, em diferentes línguas.

O projecto de prevenção e combate à violência nas relações de intimidade “(O)Usar & Ser Laço Branco” procura reduzir a violência exercida sobre as mulheres, a começar pela fase do namoro. Procura também promover ao máximo a igualdade de género e de oportunidades.

É por isso que o projecto contempla acções de sensibilização dirigidas, num primeiro momento, a jovens estudantes da ESEnC, cujo conteúdo, depois, transmitem a estudantes do ensino secundário, através da estratégia de educação pelos pares.

Este simpósio foi organizado por um comité gestor composto por 22 organizações de diferentes países. As instituições anfitriãs do I Simpósio “Engajando Homens e Meninos na Promoção da Igualdade de Género” foram: Promundo, Instituto Papai, secção canadense da Campanha do Laço Branco, Aliança MenEngage e Save the Children Suécia.



Uma boa aproximação ao quotidiano das unidades de internamento

A intenção de aproximar os estudantes da prática de enfermagem em contexto real levou a Escola a apetrechar o laboratório com os mais modernos equipamentos

O Laboratório José Pinto Teles foi um dos cinco laboratórios de práticas clínicas simuladas totalmente reformulados e apetrechados com as mais modernas tecnologias e equipamentos para o ensino de Enfermagem, inaugurados a 9 de Outubro de 2007, no âmbito da abertura solene do ano lectivo na Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.

Recebeu o nome de José Pinto Teles como homenagem a um antigo professor da Escola, que foi, igualmente, figura de relevo no desenvolvimento do ensino da Enfermagem em Portugal.

Neste espaço estão disponíveis os materiais mais recentes para dotar os estudantes de conhecimentos práticos sobre a maioria dos procedimentos que terão de desenvolver em situação de ensino clínico, permitindo uma boa aproximação ao quotidiano das unidades de internamento.

O Laboratório José Pinto Teles apoia as práticas de demonstração, execução e validação que fazem parte do programa da unidade curricular de Fundamentos de Enfermagem do 1.º ano do curso de licenciatura em Enfermagem.

Entre as novas aquisições, destacamos um equipamento para oxigenoterapia e aspiração com rampa fixa de gases, um carro de emergência e electrocardiografo (que podem ser deslocados para outros laboratórios consoante as necessidades de ensino/aprendizagem), um carro de medicação, um carro de processos clínicos e um cadeirão de levantar e utensílios de apoio à locomoção.

Segundo recorda a professora Elisabete Fonseca, «anteriormente, o Laboratório era um espaço amplo dotado de bancadas de trabalho, estufa e microscópios, concebido para aulas de microbiologia. A sua reformulação trouxe ganhos. A melhor estrutura física e a qualidade e número de equipamentos de que agora dispõe permite a professores criarem situações de ensino mais próximas da realidade, que, consequentemente, proporcionam melhores condições de aprendizagem dos estudantes».

Este laboratório dispõe ainda de cama articulada com comando, mesa-de-cabeceira, mesa de alimentação, televisão e manequins que permitem simular várias práticas: punções venosas, cateterismos vesicais, entubações nasogástricas, posicionamentos....



O “pai Teles”

SÃO DE sua responsabilidade e autoria os primeiros livros de Enfermagem escritos por enfermeiros, em áreas como o Bloco Operatório, as ligaduras, a anestesia e os cuidados ao doente – obras que foram editadas por volta da década de 50 do século XX. Falamos de José Pinto Teles, que foi enfermeiro nos Hospitais da Universidade de Coimbra e professor na Escola de Enfermagem Ângelo da Fonseca entre 1947 e 1965. Foi monitor chefe dos homens, enfermeiro chefe e enfermeiro geral.

José Pinto Teles procurou que os serviços de Enfermagem fossem mais humanizados e eficientes, era um homem que intervinha e que tinha posição sobre as coisas. «Era isso que nos encantava como alunas: ele era uma pessoa informada», recorda, hoje, a senhora enfermeira Ní-

dia Salgueiro, quando lhe pedimos que nos fale de mais uma personalidade marcante na história do ensino da Enfermagem.

Já Alberto Mourão escreveu, na “Crónica dos Hospitais da Universidade de Coimbra” (1994), citando o que sobre ele redigira o Enfermeiro Dr. Guimarães dos Reis, que José Pinto Teles «provocou o aparecimento de monitores, colocando os enfermeiros mais esclarecidos e estudiosos a ministrar demonstrações práticas e complementos da componente teórica».

Dada a importância que teve, justifica-se a homenagem de atribuição do nome de José Pinto Teles a um dos laboratórios de práticas clínicas simuladas da ESEnfC.

Porém, não foi um homem de quem todos gostassem. Sobre ele havia mesmo opiniões extremadas, uns exaltando-lhe as qualidades; outros os aspectos que foram motivo de desagrado.



José Pinto Teles procurou que os serviços de Enfermagem fossem mais humanizados e eficientes, era um homem que intervinha e que tinha posição sobre as coisas.

É «o espinho da chefia», analisa a senhora enfermeira Nídia Salgueiro, que considera que tal adveio dos cargos que José Pinto Teles ocupou e da atitude muito disciplinadora que imprimiu.

Enquanto sua ex-aluna (1952-1955), a senhora enfermeira Nídia Salgueiro lembra «o professor que sabe transmitir e exigir».

José Pinto Teles foi dos primeiros diplomados pela Escola de Enfermagem Ângelo da Fonseca. Possuía o curso geral e o curso complementar de Enfermagem, que concluiu em 1927 e que habilitava à categoria de enfermeiro chefe. Isto numa altura em que as aulas ainda estavam entregues aos médicos.

José Pinto Teles trabalhou muito com o professor Ângelo da Fonseca, director dos HUC que fez renascer a Escola de Coimbra, e formou um grupo coeso com as enfermeiras Repenicado Dias e Fernanda Rezende, que tinham vindo de Lisboa.

Terá sido dos primeiros enfermeiros a dar aulas teóricas.

«Ainda hoje recordo a sua postura a fazer um penso. Os tempos eram bem marcados, o respeito pela assepsia... Em tudo o que dizia respeito a sala de operações e a técnicas ele era para nós um modelo», testemunha a senhora enfermeira Nídia Salgueiro. Que recorda, ainda, a «pessoa muito recatada» e a Dona Silvina (a esposa) que o acompanhava sempre.

Por tudo isto, os alunos chamavam-no de pai Teles. «Porque era um pai profissional, um mestre», conclui a enfermeira Nídia Salgueiro.

O enfermeiro José Pinto Teles nasceu a 28 de Dezembro de 1901 e morreu a 14 de Outubro de 1982.



Mariana Diniz de Sousa: uma vida cheia ao serviço da Enfermagem

O seu nome ficará indelevelmente ligado à História, quer da Enfermagem, quer da saúde em Portugal. Através da sua acção, das suas palavras e exemplos influenciou o desenvolvimento do ensino da Enfermagem e muito contribuiu para a dignificação profissional dos enfermeiros. Foi subdirectora e directora-geral do Departamento de Recursos Humanos da Saúde, um cargo que desempenhou até à reforma, em 1993. Foi, ainda, a grande impulsionadora da criação da Ordem dos Enfermeiros e a sua primeira bastonária. Chama-se Mariana Dulce Diniz de Sousa e é mais do que justa e merecida a homenagem que com estas bem-intencionadas mas, por certo, incompletas linhas lhe queremos prestar.

A ENFERMEIRA Mariana Dulce Diniz de Sousa nasceu em Lisboa, em casa dos pais, na Avenida Tomás Ribeiro, nº 59, 2º esquerdo, corria o ano de 1929.

Fez parte da instrução primária numa escola na rua onde morava e depois numa escola das irmãs franciscanas Missionárias de Maria, embora tenha terminado a 4ª classe e feito a admissão ao liceu no Colégio Elias Garcia.

Com o avô materno, oficial da Marinha que tinha passado à reserva por ocasião da implantação da República, em 1910, aprendeu coisas que nunca mais esqueceu: como era a lua, quando nascia o sol...

Mais tarde, quando passou a frequentar o liceu Filipa de Lencastre, os pais mudaram de residência, para a Avenida de Berna, muito próximo da Igreja de Fátima, que na altura estava em construção.

Eram outros tempos. Nessa altura, era possível ver passar rebanhos à porta de casa e ir, descontraidamente, de bicicleta para o liceu, porque era escasso o tráfego automóvel.

Por insistência da mãe, foi, depois, para um colégio com educação religiosa. Entrou para o Colégio das Doroteias, onde viveu a época em que começavam a surgir os namoros – teria uns 14 anos – e em que os meninos iam à porta do colégio buscá-las.

Em jovem nunca esteve ligada à Acção Católica e, numa fase mais avançada da vida, embora tenha estado um tanto inclinada a filiar-se num partido político, também não o fez, porque se sentiria «apertada» e porque diz apreciar «um bocadinho mais de liberdade».

No 7º ano – em 1946 – foi para o Colégio Académico (colégio misto), também por sugestão da mãe, que receava que, mais tarde, a filha entrasse numa faculdade e, de repente, houvesse só rapazes.

Foi mais ou menos por essa altura que começou a ir ao baile no Alfeite (base da Marinha), um acontecimento muito especial para as raparigas de então.

Antes de escolher a Enfermagem como opção de estudo e de carreira, a enfermeira Mariana Diniz de Sousa entrou em Medicina, no ano lectivo de 1946/47. Para esta decisão pesou a influência de médicos que eram amigos da mãe: os professores Fernando da Fonseca e Pulido Valente. Em Medicina, chegou a passar para o 2º ano, mas considerou que o

ambiente era mau e até chocante nalguns aspectos. Achava «de um mau gosto sem limites» as partidas que se faziam às raparigas no anfiteatro de anatomia, com recurso às peças dos cadáveres.

O abandono do curso de Medicina foi quase uma tragédia. O pai teve um desgosto enorme e deixou mesmo de lhe falar durante algum tempo.

Decidiu, então, que queria ir para Enfermagem e gostou muito do curso. Era mesmo aquilo que queria: ajudar as pessoas e cuidar delas.

Concluído o curso em 1952, começou a exercer actividade no Instituto Português de Oncologia (IPO). Esteve lá durante dois anos. Gostou muito do trabalho em equipa e da visão de trabalho multidisciplinar. Saiu do IPO quando a Escola Técnica de Enfermeiras a convidou para ir leccionar, o que aceitou, depois

O abandono do curso de Medicina foi quase uma tragédia. O pai teve um desgosto enorme e deixou mesmo de lhe falar durante algum tempo. Decidiu, então, que queria ir para Enfermagem e gostou muito do curso. Era mesmo aquilo que queria: ajudar as pessoas e cuidar delas.

de alguma hesitação, devido à aliciante promessa de lhe atribuírem uma bolsa para ir estudar nos Estados Unidos. E assim foi. Em 1956 rumou à Universidade de Yale, onde a área da saúde estava muito desenvolvida. Foi tirar ensino e administração, com a aplicação na enfermagem e na obstetrícia, e estagiou num serviço de saúde pública em Boston.

Ainda nos EUA, em Nova Iorque visitou várias instituições relacionadas com a obstetrícia e com a saúde pública.

Ao regressar a Portugal, a enfermeira Mariana Diniz de Sousa ficou responsável pelo ensino de Enfermagem Obstétrica, mas também colaborava na formação dos alunos em Enfermagem Médica e Enfermagem Cirúrgica. Chegou igualmente a dedicar-se à Psiquiatria.

Nos primeiros anos da década de 60, foi trabalhar para a Direcção Geral dos Hospitais (DGH), estru-

tura entretanto criada no seio do também então recém-criado Ministério da Saúde. Foi convidada para o serviço de orientação e fiscalização das escolas de Enfermagem, dirigido pela Enfermeira Maria Fernanda Rezende. Trabalhou na alteração dos planos de estudos e dos programas para os cursos de Enfermagem, que, de seguida, ajudou a implementar nas escolas de Enfermagem do Ministério da Saúde. Tanto na formação inicial, como na formação pós-básica. Foi a chamada reforma de 1965. Manteve-se na DGH até 1974.

Entretanto, foi criada a Escola de Ensino e Administração de Enfermagem, a cuja comissão instaladora a enfermeira Mariana Diniz de Sousa presidiu (de 1967 a 1977), tendo sido também enfermeira directora.

Em 2008, a enfermeira Mariana Diniz de Sousa participou, enquanto personalidade externa, na Assembleia para a revisão dos Estatutos da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.



Dessa comissão instaladora também fizeram parte a Dra. Maria dos Prazeres Beleza (jurista) e a enfermeira Costa Macedo.

Em 1973 frequentou o curso de Administração Hospitalar, na Escola Nacional de Saúde Pública, juntamente com o Dr. Santos Cardoso.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades. Com o 25 de Abril de 74 veio outro director geral, que transferiu o serviço de supervisão do ensino da Enfermagem para o Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge.

Ali, a enfermeira Mariana Diniz de Sousa ajudou a criar o Departamento de Ensino de Enfermagem, que mais tarde transitou para o Departamento de Recursos Humanos do Ministério da Saúde. Esteve no Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge até 1983, de onde saiu para ser assessora do ministro da Saúde, Maldonado Gonelha, para os assuntos de Enfermagem.

No exercício destas novas funções, desenvolveu conhecimentos na área do pessoal da saúde. Consequência disso, foi nomeada, em Abril de 1985, Subdirectora-Geral do Departamento de Recursos Humanos da Saúde e, mais tarde, em Junho de 1988, Directora-Geral, nomeada pela então ministra Leonor Beleza. Desempenhou essas funções até Janeiro de 1993, quando pediu a aposentação voluntária da função pública.

Nesse mesmo ano, em Junho, deu conta ao ministro da Saúde, Arlindo de Carvalho, da intenção de se avançar para a criação da Ordem dos Enfermeiros. Em 1996, já era ministra Maria de Belém, a enfermei-

ra Mariana Diniz de Sousa foi nomeada membro do Conselho de Reflexão sobre a Saúde, criado pelo Conselho de Ministros.

Foram precisos pelo menos quatro anos de trabalhos, de muita discussão, de reuniões e idas à Assembleia da República – a Ordem dos Médicos queria que se chamasse Associação Profissional – até que fosse constituída a Ordem. E Mariana Diniz de Sousa foi a sua primeira Bastonária, entre 1999 e 2004.

Em 2008, a enfermeira Mariana Diniz de Sousa participou, enquanto personalidade externa, na Assembleia para a revisão dos Estatutos da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.

Em Setembro do mesmo ano, o Júri do Prémio Nacional de Saúde deliberou atribuir-lhe o galardão, pelos contributos inequívocos prestados no decurso do seu exercício profissional.

O Prémio Nacional de Saúde visa distinguir anualmente, pela relevância e excelência no âmbito das Ciências da Saúde, nos seus aspectos de promoção, prevenção e prestação de cuidados, uma personalidade que tenha contribuído, inequivocamente, para a obtenção de ganhos em saúde ou para o prestígio das organizações no âmbito do Serviço Nacional de Saúde.

A enfermeira Mariana Diniz de Sousa está perto de concluir 80 primaveras. Parabéns por uma vida cheia ao serviço da Enfermagem!

Grande parte dos dados reunidos neste texto foram retirados de uma entrevista a Mariana Diniz de Sousa, publicada na Faces de Eva, nº 13, Edições Colibril Universidade Nova de Lisboa.

As três melhores médias no ano lectivo 2007-2008



JÁ GOSTAVA desta área antes de aceder à licenciatura em Coimbra. Não sabendo do ofício, aplicou «muitos cuidados de Enfermagem antes [mesmo] de os aprender», quando, durante dois anos, teve de cuidar de uma avó que sofrera de AVC.

Xénia Ferreira Medeiros foi a aluna da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnFC) com melhor média no último ano lectivo (2007-2008). Terminou o 3º ano da licenciatura com 17,23 valores.

Como conseguiu? Uma vez que é açoriana, e pelo facto de estar cá sozinha, diz que acaba por dedicar-

se «mais aos trabalhos e ao estudo do que a outras coisas».

Além disso, momentos como a recuperação de um doente – quando está em ensino clínico –, ou um telefonema a dar-lhe a notícia de que atingiu os melhores resultados escolares no último ano lectivo, «também fazem com que uma pessoa crie motivação para conseguir ir mais longe». A isto acresce que Xénia não perde uma aula.

A estudante natural de S. Miguel (Ribeira Grande), onde fez toda a formação até ao ensino secundário confessa que muito raramente sai à noite, ou mes-



Xénia
Ferreira
Medeiros - 17,23
valores

mo durante os fins-de-semana. Uma ida ao cinema só de longe a longe.

Regrada, gosta de desporto, mas não vai ao ginásio, porque isso representaria mais uma despesa. A bolsa que recebe vai directa para as propinas.

Para contornar algum défice de exercício físico, faz umas caminhadas pela cidade e em vez de ir de autocarro ao centro comercial vai a pé.

Saudades de casa e da “ilha mágica”

Xénia Ferreira Medeiros está num apartamento com mais duas colegas, mas nem isso a desvia da linha do horizonte: «A Enfermagem é a minha paixão e o meu objectivo é ser a melhor profissional possível».

É por isso que quando lhe perguntamos se estuda muito, responde que o seu «tempo livre é quase todo para o estudo e para trabalhos».

Xénia teve oportunidade de fazer permuta, de voltar para os Açores, mas preferiu ficar em Coimbra. Queria dedicar-se ao curso. E lá, explica, «sabia que não ia ter o tempo suficiente que a Enfermagem requer para se ser um bom profissional».

O namorado está nos Açores. Fala com ele muito tempo ao telemóvel. Em todas as pausas lectivas está de volta a S. Miguel para matar saudades da família. «É uma ilha fantástica, mágica...» Se a deixamos muito tempo a falar, Xénia mais facilmente promove o arquipélago do que a ESEnfC.

E é, justamente, nos Açores que Xénia gostaria de exercer Enfermagem.

«Acho que é mais fácil a colocação lá. Aqui está difícil, também porque as pessoas não querem sair dos grandes centros. Lá há muito trabalho. Mas se no primeiro ano eu não conseguir [lugar] num hospital ou num centro de saúde, há pessoas que eu sei que precisam de alguém que vá ao domicílio. É um trabalho de Enfermagem que, muitas vezes, não é valorizado, mas que é importante para muita gente», sustenta a estudante açoriana. Xénia também se envolve em acções de voluntariado e participa no projecto O(U)sar & ser Laço Branco, de prevenção da violência sobre as mulheres a começar pelo namoro.

Com uma média muito próxima da Xénia, destacam-se duas colegas, que obtiveram 16,95 valores, também no 3º ano da licenciatura: Ana Carolina Lobo dos Reis Aleixo e Carla Patrícia Rosa Marques.

“Eu tento conciliar tudo”

Ana Carolina Aleixo diz que para se ser boa aluna, «antes de mais, é preciso muita motivação, gostar de estudar e saber estudar».

Mas como é que é isso de saber estudar? Na óptica de Ana Carolina Aleixo, em primeiro lugar há que ir às aulas. Um «problema de muitos alunos é que, às vezes, se baldam muito», verifica a estudante residente em Coimbra.

Depois disso, é necessário tentar «compreender o que é falado nas aulas, fazer um resumo e, se não se



Ana Carolina
Lobo dos Reis
Aleixo - 16,95
valores

percebeu alguma coisa, fazer uma pesquisa bibliográfica». A partir daí, há novos resumos e esquemas para compreender a matéria. «E estudo diário, claro», enfatiza Carolina Aleixo.

No entanto, não um estudo obsessivo, que não deixa tempo para mais nada.

«O americano criou aquele estereótipo do “nert”, que passa o dia em casa a estudar, mas eu penso que para se ser bom aluno isso não é necessário. Eu tento conciliar tudo: eu estudo, eu corro e vou ao ginásio, eu namoro, eu saio à noite. Eu acho que dá para tudo. E até agora tem resultado», testemunha Ana Carolina Aleixo.

A estudante agora finalista sempre teve boas notas – 15,8 no 1.º ano e 16,5 no 2.º ano – e por isso os colegas pedem-lhe ajuda. Organizada, tem «os dossiers muito bem sintetizados», os colegas gostam desse trabalho e solicitam-na. E ela, sempre que pode, empresta.

Fim-de-semana é para a família

Por sua vez, Carla Patrícia Rosa Marques diz que não se esforça para ser a melhor a aluna, mas sim para atingir os seus objectivos pessoais.

«Se o for, tanto melhor. Sabe bem e é gratificante, mas não trabalho para isso», afirma ao “Memo”, acrescentando, logo de seguida, que faz uma vida académica normal: «Vou a convívios, chateio uns caloirinhos, vou beber café, vou ao cinema... Gosto de sair, de ter a minha vida social e os meus amigos».

Todavia, reconhece possuir uma «capacidade de memória [que] não é má» e que, indo às aulas, consegue reter alguma informação.

De qualquer forma, tem de se aplicar. Não segue uma metodologia muito rígida, não é de estudar logo desde o primeiro dia, mas faz alguns esquemas e, se tem uma frequência, não estuda na véspera.

Dois ou três dias antes também não é boa política.

Carla Marques gosta de ir às aulas e de tirar as suas próprias notas. «O meu estudo passa por reler os apontamentos», conta-nos, ao sublinhar que «cada pessoa tem o seu método, de acordo com as suas características e capacidades».

Além do estudo, a quartanista de Ansião dedica-se a actividades de voluntariado: o projecto O(U) sar & ser Laço Branco, que lhe ocupa grande parte do tempo livre, e as campanhas a favor da Acreditar (Associação de Pais e Amigos das Crianças com Cancro).

Em 2008, fez voluntariado no Hospital Pediátrico de Coimbra, passando algumas horas por semana com as crianças em internamento.

Um dos desejos que tinha quando veio para o ensino superior era fazer voluntariado. Para se «sentir realizada», fazendo «algo de importante».



Carla
Patrícia Rosa
Marques - 16,95
valores

Carla não quer servir de modelo para os colegas, mas admite que, por vezes, a abordam colocando algumas questões.

«Para ser modelo teria de ser muito melhor, em todos os sentidos e não apenas na vertente académica», salienta.

Sem ter uma área muito específica de eleição, gosta muito de urgências, mas não põe de parte a Pediatria. Carla Marques mora em Avelar, Ansião. De segunda a sexta-feira está em Coimbra, numa casa que partilha com colegas. Não dispensa um fim-de-semana em família, haja frequência ou não haja.

Estudantes da EEnfC organizaram III Jornadas de Educação pelos Pares



A ASSOCIAÇÃO de Estudantes daEEnfC organizou, nos dias 9 e 10 de Janeiro, as III Jornadas de Educação Pelos Pares.

Reflectir sobre as estratégias de Educação pelos Pares (modelo em que membros do mesmo grupo social ou com características semelhantes se educam mutuamente) e divulgar os projectos da EEnfC que utilizam esta metodologia de formação – “Atelier de Expressividade” e “O(U)sar & Ser laço Branco” – foram objectivos da iniciativa.

Na ocasião, o adjunto do governador civil de Coimbra, Dr. Paulo Valério, destacou «a seriedade e o rigor científico» dos projectos do Atelier de Expressividade da EEnfC, coordenados pela professora Irma Brito.

Paulo Valério, que interveio na sessão de abertura das Jornadas, afirmou que «a Escola toma a iniciativa de, após cada intervenção, vir prestar contas» e «demonstrar os resultados obtidos», o que «dá garantias» ao Governo Civil de que está «a apostar num bom projecto».

Paulo Valério referiu-se, em concreto, ao projecto “Antes que te Queimes”, de aconselhamento e de avaliação da alcoolemia dos participantes nas festas académicas (Queima das Fitas e Festa das Latas), e de prevenção de outros riscos associados aos momentos de recreio dos jovens, como o sexo desprotegido.

O adjunto do governador civil de Coimbra disse, ainda, que «se conseguirmos trilhar bem o caminho do ponto de vista da prevenção vamos diminuir a pressão na afectação de recursos noutros domínios» do direito à saúde.

O programa das III Jornadas de Educação Pelos Pares incluiu conferências, workshops – com temas como o “Treino de Assertividade” às “Dinâmicas de Grupo”, a “Avaliação de Projectos (Medição em Saúde)” e as “Comunidades Indígenas” – e um concurso de bebidas sem álcool.

O “Atelier de Expressividade” (Grupo de Educação pelos Pares em Saúde) funciona, desde 2002, na EEnfC, a partir do trabalho voluntário de estudantes de Enfermagem, que, coordenados por docentes e mediante formação adequada, desenvolvem acções de promoção da saúde dirigidas a jovens.

Já o projecto “O(U)sar & Ser laço Branco”, implementado em 2008 sob coordenação da professora Maria Neto, procura reduzir a violência, a começar pela exercida sobre as mulheres durante o namoro, e promover a igualdade de género e de oportunidades.

As Jornadas contaram com o apoio da EEnfC e do Instituto Português da Juventude.



Uma AE para os estudantes

MANTER E REFORÇAR as boas relações entre a Associação de Estudantes (AE) da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra e os órgãos de governo da instituição, além de ajudar a elevar o nome da actividade profissional. Estes foram dois dos objectivos anunciados pela nova equipa da AE liderada por Ricardo Manuel do Vale Martins para o mandato iniciado a 2 de Fevereiro de 2009.

O novo presidente da AE da ESEnFC disse querer, ainda, aproximar os estudantes da sua Associação e, para isso, prometeu actividades de ordem cultural e desportiva, mas também o esclarecimento sobre todos os assuntos que constituam preocupação para o colega.

No discurso de tomada de posse, Ricardo Martins sublinhou que os estudantes também querem colaborar na construção da ESEnFC, que ambicionam que seja a melhor escola, não só ao nível das instalações, mas igualmente em termos pedagógicos e científicos.

Na direcção da AE Ricardo Martins é coadjuvado pelos vice-presidentes Edimar Márcio Pires Cardoso e Catarina Isabel Sousa Santos.

Da direcção fazem, ainda, parte, Ana Mafalda Pereira Ribeiro Fernandes (tesoureira), Ana Catarina Alves Gonçalves e Fidélia dos Anjos Brás (secretárias) e os vogais Melanie Duarte da Mota, Rita Isabel Figueira Rebola, Luís André Matos Abrantes, Vítor Emanuel Ferreira de Oliveira e Joana Rita Ramalheira Mendes.

Quanto à Mesa da Assembleia Geral, é presidida por Rui Pedro Dinis Borges, tendo como vice-presidentes Joana Catarina Andrade Leal e Pedro Daniel Santos de Almeida.

Soraia Vanessa da Silva Dinis e Ivo Cristiano Soares Paiva são secretários.

Por fim, o Conselho Fiscal é constituído por Cláudia Daniela Carvalho Silva (presidente), João Carlos Lourenço Fonseca (vice-presidente) e Célia Maria Santos (vogal).



Orientação de teses

QUEIRÓS, Paulo (2008), “Burnout e coping nos enfermeiros de pediatria, oncologia e psiquiatria”. Lic. Maria Jacinta Oliveira Vizinha. Mestrado em Saúde Mental. Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Médicas, 21 de Outubro.

Mestrados Concluídos

PAIVA, Luís (2008), «SUPERVISÃO EM ENSINO CLÍNICO DE ENFERMAGEM. O stresse dos tutores e a influência no apoio percebido pelos estudantes», Departamento de Didáctica e Tecnologia Educativa, Universidade de Aveiro.

Doutoramentos Concluídos

FABIÃO, Joana (2009) «Mães Adolescentes: Percursos de Vida». Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto, Fevereiro.

APÓSTOLO, João (2008) «O imaginário conduzido no conforto de doentes em contexto psiquiátrico», Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto, Maio.

LOUREIRO, Luís (2008) «Representações Sociais da Loucura: Importância para a Promoção da Saúde Mental», Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto, Setembro.

MARTINS, José Carlos (2008) “O Direito do Doente à Informação: Contextos, Práticas, Satisfação e Ganhos em Saúde”, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto, Novembro.

RODRIGUES, Rogério (2008) «Avaliação comunitária de uma população de idosos: da funcionalidade à utilização de serviços», Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto, Julho.

Monografias - Capítulos de Livros

BATALHA, Luís “Dor – guia orientador de boa prática” - Dor – guia orientador de boa prática, Ordem dos Enfermeiros, Lisboa, p5 - 55, ISBN/ISSN: ISBN978-972-99646-9-5 Depósito Legal: 277637/08

VENTURA, Maria “Independência funcional em doentes com acidente vascular cerebral esquerdo ou direito” - Thesaurus, Coimbra, p3 – 103.

Publicação de capítulos de livros

GRAVETO, João “The Role of Nurses and Patients’ Involvement in Clinical Decision Process” - The Proceeding of International Conference: Health and Changing Word, Praboromarajchanok Institute, Ministry of Public health, Thailand, Edith Cowan University, Australia and The Association of Indonesian Nurse Education Center, Indonesia, Bangkok - Tailândia , p1 - 8, ISBN/ISSN: 978-974-378-013-4

GRAVETO, João; MARINHEIRO, Providência; APÓSTOLO, Jorge; LOMBA, Maria; ALMEIDA, Ana; MELO, Elsa “Growing up healthily: risk behaviours assessment in adolescent - Recreational Culture as a tool to prevent risk behaviours” - The Proceeding of International Conference: Helth and Changing Word,

Praboromarajchanok Institute, Ministry of Public health, Thailand, Edith Cowan University, Australia and The Association of Indonesian Nurse Education Center, Indonesia, Bangkok - Tailândia , p1 (Room A) - 8 (Room A), ISBN/ISSN: 978-974-378-013-4

QUEIRÓS, Paulo (2008), Prefácio do livro “Transições e contextos multiculturais: contributos para a anamnese e recurso aos cuidadores informais”, da autoria do Professor Doutor Wilson Abreu. Edições Formasau, Formação e Saúde Lda. Pag 5-13. (Outubro)

Publicação em Revistas Científicas

APÓSTOLO, João “O conforto nas teorias de enfermagem – análise do conceito e significados teóricos” - Número: 9, Série: IIª Série, Coimbra, p61 - 67, ISBN/ISSN: 0874.0283

CAMARNEIRO, Ana “Qualidade de vida em doentes submetidos a cirurgia valvular cardíaca” - Psicologia, Saúde e Doenças, Número: Volume 9, nº1, Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde, Lisboa, p155 - 164, ISBN/ISSN: 1654-0086 Depósito Legal: 156692/00

FRANCO, João “As práticas laboratoriais no ensino de enfermagem: estudo exploratório” - Referência, Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Domínio de Enfermagem, Coimbra, p7 - 15, ISBN/ISSN: 0874.0283 Depósito Legal: 119318/98

FRANCO, João “Da unidade à diversidade: os planos de estudo do Curso de Licenciatura em Enfermagem” - Referência, Número: 7, Série: II, Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Domínio de Enfermagem, Coimbra, p53 - 66, ISBN/ISSN: 0874/0283 Depósito Legal: 119318/98

FRANCO, João “Os tipos de ensino no Curso de Licenciatura em Enfermagem: opinião dos estudantes do 4º ano” - Referência, Número: 9, Série: II série, Coimbra, p5 - 11, ISBN/ISSN: ISSN: 0874.0283 Depósito Legal: 119318/98

GALHARDO, Rosa Moreira (2008), Do fazer ao pensar: que autonomia? Dinâmica das práticas dos Enfermeiros Especialistas em Enfermagem de Saúde Materna e Obstétrica, Revista Investigação em Enfermagem, Nº 18, Agosto.

GRAVETO, João “Vivências Comunicacionais de enfermeiros face a crianças com surdez profunda” - Referência, Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Domínio de Enfermagem, Coimbra, ISBN/ISSN: ISSN 0874 0283 Depósito Legal: 119318/98

GRAVETO, João; SILVA, Margarida “Modelo Conceptual Versus “Modelo Oculto” para a(na) prática da Enfermagem “ - Pensar Enfermagem, Número: Volume 12, Nº2, Série: I, Unidade de Investigação em Enfermagem - Escola F. Resende - Lisboa, Lisboa, p67 - 70, ISBN/ISSN: ISSN 0873-8904

LOMBA, Lurdes; MENDES, F. (2008) Representaciones “positivas” y “negativas” sobre el éxtasis en un grupo de consumidores en Coimbra (Portugal) – Adicciones, vol. 20; n. 1. p. 81-88. Sociedad Científica Española de Estudios sobre el Alcohol, el Alcoholismo y las otras Toxicomanías.

LOMBA, Lurdes (2008) Consumo de drogas recreativas e comportamentos de risco associados. Tema da actualidade. In Exit: comportamentos e factores de risco, Ano 5, n.º 15. p. 9-11. Associação Dianova Portugal – intervenção em Toxicodependências.

LOMBA, Lurdes et al (2008) Consumos e comportamentos sexuais de risco na noite de Coimbra. In Revista Toxicodependências, vol 14, n.º 1. p. 31–41. Ministério da Saúde – Instituto da droga e da Toxicodependência.

LOUREIRO, Helena et al (2008), «Burnout no trabalho». Referência. Revista Científica da Unidade de investigação e Ciências da Saúde. II Série. Nº7. Coimbra: ESEnC. p. 33-42.

MARTINS, José “Investigação em enfermagem: alguns apontamentos sobre a dimensão ética” - Pensar En-

fermagem, Número: Volume 12, nº 2, UI&DE da Escola Superior de Enfermagem de Lisboa, Lisboa, p62 - 66, ISBN/ISSN: 0873-8904

Publicação em Actas de Eventos Científicos

ALMEIDA, Maria (2009), “Bem-estar, Qualidade de vida e Apoio Social dos Idosos com mais de 75 anos”, IV congresso Saúde e Qualidade de Vida - Livro de Actas, Escola Superior de Enfermagem do Porto - Núcleo de Investigação em Saúde e Qualidade de Vida, Porto, p 66 - 75, ISBN/ISSN: ISBN: 978-989-96103-0-9

APÓSTOLO, Jorge “6 th National Nursing Education Congress” - KOK YAYINCILIK, Istanbul, ISBN/ISSN: 978-975-499-479--7 Depósito Legal: KOK YAYINCILIK

APÓSTOLO, Jorge; Graveto, João; Marinheiro, Providência; Melo, Elsa; Lomba, Maria; Almeida, Ana “Growth and Healthily: Risk Behaviours Assessment in Adolescence” - 6th National Nursing Education Congress - Abstract Book, Kok yayincilik, Istanbul, ISBN/ISSN: 978-975-499-479-7 Depósito Legal: KOK YAYINCILIK

CAMARNEIRO, Ana “Vinculação Pré-natal: estudo com casais no 2º trimestre de gestação, na região centro do país.” - Actas do I congresso Luso-brasileiro de psicologia da saúde. , SPPS, Faro

CARRAGETA, Maria “TUTOR NURSE – THE PROFILE IN THE CONCEPTION OF NURSING STUDENTS” - Plovdiv

CARRAGETA, Maria; AMADO, Regina; FREITAS, Helena; LEITÃO, Maria; NEVES, Marília; BRITO, Irma; VIDIGUEIRA, Paula; MELO, Rosa; LOPES, Rosa; PEDROSO, Rosa “Diz-me o que comes...” - Revista Brasileira de Epidemiologia, ABRASCO, Porto Alegre, Brasil

CAVALEIRO, Alberto “O Mais Adulto institucionalizado com redução de Autonomia - Testemunhos de Vivências após AVC” - Resumo de Comunicações do Encontro de Enfermagem - Testemunhos de Vivências após AVC, Lisboa, p41 - 41, ISBN/ISSN: 978-989-8269-00-3

COUTO, António “Learning experiences with peer-education: case study with nursing students” - Plovdiv - Bulgária, p73 - 74, ISBN/ISSN: ISBN 978-954-516-837-6

DUARTE, Susana “O papel do enfermeiro em Cuidados Continuados Domiciliários: afirmar a continuidade” - Ponta Delgada, Açores

DUARTE, Susana (2008) “The nurse’s role in caregiver’s voice” - Viena

GRAVETO, João; LOMBA, Maria; MARINHEIRO, Providência; APÓSTOLO, Jorge; MELO, Elsa; ALMEIDA, Ana “Growing up healthily: risk behaviours assessment in adolescent - Recreational Culture as a tool to prevent risk behaviours” - BOOK OF ABSTRACTS - 9th Annual Interdisciplinary Research Conference 5th-7th November, 2008 - School of Nursing and Midwifery Trinity College Dublin, Congresso Internacional 9th Annual Interdisciplinary Research Conference 5th-7th November, 2008 , Dublin, p112 - 113, , Depósito Legal: School of Nursing and Midwifery Trinity College Dublin

LOPES, Rosa “Jovens Portugueses – influências e preditores no consumo e abuso de álcool” “ - Revista Brasileira de Epidemiologia, ABRASCO, Porto Alegre, Brasil

LOMBA, Maria; APÓSTOLO, João; MENDES, Fernando “Safeguarding youngsters that attend Portuguese night recreational settings from risky behaviours (Drugs & Alcohol consumption and risky sex)” - Children and young People in a Changing World, School of Nursing and Midwife, Belfast, p92 - 93

MARINHEIRO, Providência “VALIDATION OF THE PAEDIATRIC ASTHMA CAREGIVER’S QUALITY OF LIFE QUESTIONNAIRE – PACQLQ” - Instituto de Salud Carlos III - Unidade de coordinación y desarrollo de la investigación en Enfermería, Madrid, ISBN/ISSN: 10-978-84-691-6757-1

MELO, Rosa; LOPES, Rosa; BRITO, Irma; FREITAS, Helena; CARRAGETA, Maria; LEITÃO, Ma-

ria; **NEVES, Marília; VIDIGUEIRA, Paula; AMADO, Regina; PEDROSO, Rosa** “Álcool, tabaco e outras drogas: consumos nos estudantes de Enfermagem” - Revista Brasileira de Epidemiologia, ABRASCO, Porto Alegre, Brasil

MENDES, Isabel “Maternal-fetal attachment: implications to midwifery practice” - Libro de ponencias/Conference Book - Eliminando las barreras del conocimiento, Instituto Salud Carlos III - Unidad de Coordinación y desarrollo de la Investigación en Enfermería (Investeen-iiisc), Madrid, p311 - 313, ISBN/ISSN: 10-978-84-691-6757-1

MENDES, Isabel “Lived experience of first-time fathers to the postpartum period” - Libro de ponencias/Conference Book - Eliminando las barreras del conocimiento, Instituto Salud Carlos III - Unidad de Coordinación y desarrollo de la Investigación en Enfermería (Investeen-iiisc), Madrid, p81 - 83, ISBN/ISSN: 10-978-84-691-6757-1

MONTEIRO, Ana “Social Support and mental health in Eastern Europe immigrants in Portugal” - XIV Congresso Mundial de Psiquiatria, Praga, 20 a 25 de Setembro., Praga

NEVES, Marília; VIDIGUEIRA, Paula; LEITÃO, Maria; FREITAS, Helena; BRITO, Irma; CARRAGETA, Maria; AMADO, Regina; LOPES, Rosa; MELO, Rosa; PEDROSO, Rosa “Sexualidade: vivências e risco em estudantes de enfermagem” - Revista Brasileira de Epidemiologia, ABRASCO, Porto Alegre, Brasil

NEVES, Marília; CARRAGETA, Maria; FREITAS, Helena; AMADO, Regina; BRITO, Irma; LEITÃO, Maria; Lopes, Rosa; MELO, Rosa; PEDROSO, Rosa; VIDIGUEIRA, Paula “Nursing: conceptions of the students at the beginning of their training” - 7th European Conference of Nurse Educators: What about Educators' Competences, FINE, Plovdiv, Bulgária

PAIVA, Luis; MENDES, Aida; PEREIRA, Anabela “Assertiveness, students stress and perceived supervision support” - Psychology and Health, Routledge, Bath, p201 ISBN/ISSN: 0887-0446

PARREIRA, Pedro “The importance of leadership in the management of portuguese culture: an empirical study conducted in hospital context” - Não referenciada, Antalya - Turkey

PARREIRA, P.; SALGUEIRO, A.; ARREGUY, C.; CANAIS, J.; DUARTE, L.; CARVALHEIRO, L; PATRÍCIO, M. L.; MENDES, S.; & SANTOS, M. (2008) Procedures and good practice in peripheral venous catheterization: an empirical study conducted in hospital context.” Book of Abstracts. School of Nursing and Midwifery Trinity College Dublin. Dublin. 2008, p.215-216.

ROXO, José “El Toque En La Práctica de Enfermería En Cuidados Intensivos” - Organização do Evento, Cordova

ROXO, Maria “Reacções Emocionais Face ao Cuidar o Doente com Sida” - Livro de Resumos do I Simpósio de Enfermagem do ISE- UAN, Luanda

SANTOS, José “Family intervention and parasuicide” - Horatio Festival of Psychiatric Nursing: the age of dialogue, Malta, p34 - 34, ISBN/ISSN

SALGUEIRO, A.; PARREIRA, P., ARREGUY, C.; CANAIS, J.; DUARTE, L.; CARVALHEIRO, L; PATRÍCIO, M. L.; MENDES, S.; & SANTOS, M. (2008) Peripheral Venous Catheter Insertion and Phlebitis Occurrence in a University Hospital: An Empirical Study on the Impact of Adopted Procedures.” Book of Abstracts. School of Nursing and Midwifery Trinity College Dublin. Dublin, p.239-240.

SARAIVA, Carlos; SANTOS, José; VEIGA, Francisco “Attempted suicide, structural equation model, and expressed emotion” - XIV World Congress of psychiatry, Abstracts, Praga, p520 - 520, ISBN/ISSN: 1212-0383

QUEIRÓS, Paulo “Intervenções de Enfermagem por relaxamento e hipnose” - Sociedade portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental, Porto

QUEIRÓS, Paulo (2008), “Intervenções de Enfermagem por relaxamento e hipnose”. Resumo do curso. Actas do Congresso de Saúde Mental e Equilíbrio Social. Edição da Sociedade Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental. Pag 261-266. (28 de Outubro)

Comunicações Científicas

ALMEIDA, Maria (2009) “O auto cuidado na perspectiva do Idoso e do Enfermeiro” (2009)- II Congresso Luso-Galaico em Gerontologia, Instituto Superior do Vale do Ave, Mesa redonda, ISAVE - Póvoa do Lanhoso, Março

ALMEIDA, Maria (2009) “Bem-estar, Qualidade de vida e Apoio Social dos Idosos com mais de 75 anos” , IV Congresso de Saúde e Qualidade de Vida , Escola Superior de Enfermagem do Porto - Núcleo de Investigação em Saúde e Qualidade de Vida , Mesa redonda, Porto, Fevereiro

ALMEIDA, Maria (2008) “O papel do enfermeiro do Centro de Saúde: a perspectiva do Idoso.” Colóquio “Promoção do Envelhecimento saudável”, Associação Nacional dos Enfermeiros Promotores do Envelhecimento Saudável, Mesa-redonda. Coimbra, Outubro

AMARAL, António(2008) “A CIPE e a produção de conhecimentos em Enfermagem” - XIV Jornadas de Cardiologia de Santarém, HDS, Mesa redonda, Óbidos

AMARAL, António (2009) “Os ganhos em saúde sensíveis aos cuidados de enfermagem “ - simpósio, Formasau, Conferência

ANTUNES, Maria Teresa Calvário; BRED, João Pedro; ALMEIDA, Nuno Daniel; CARNEIRO, Ricardo Alexandre (2008), “Sexual Attitudes and Self Concept of Portuguese Higher Education Students”, 7th European Conference of Nurse Educators em Plovdiv, Bulgária, 9 - 10 Outubro.

ANTUNES, Maria Teresa Calvário; RODRIGUES, Joana Rita; AGOSTINHO, Marisa Isabel; CADIMA, Mónica Patrícia (2008), “Patrones de Consumo de bebidas alcohólicas en adolescentes”, XI Encuentro Internacional de Investigación en Enfermerie, Cordoba, Espanha, 12 - 15 Novembro.

APÓSTOLO, João; LOMBA, Maria de Lurdes; MENDES, Fernando (2008). Consumo de Álcool e Drogas & Comportamentos Sexuais de Risco nos Ambientes Recreativos Nocturnos de Coimbra. Congresso Internacional “Cidades, Saúde e Segurança”, Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra (UC), 8 de Julho. Poster

APÓSTOLO, João (2009) “Depressão, ansiedade e stress em Cuidados Primários” - IV FÓRUM LUSO-BRASILEIRO DE PSIQUIATRA CONSILIAR/LIGAÇÃO e PSICOSSOMÁTICA , GRUPO PORTUGUÊS DE PSIQUIATRIA, Comunicação oral, Porto

BRITO, Luisa (2008) – «Promoção e saúde mental/profilaxia da senilidade», Seminário sobre Envelhecimento Activo, Escola Superior de Educação de Coimbra, 21 Abril.

BRITO, Luisa (2008) – «Stresse do prestador de cuidados», Colóquio Promoção do Envelhecimento Saudável» da Associação de Enfermeiros Promotores do Envelhecimento Saudável, Coimbra, 01 Outubro.

BRITO, Luisa (2008) - «Grupos psicoeducativos multifamiliares: primeiros resultados de um estudo experimental sobre uma intervenção de Enfermagem em Psiquiatria», 10ª Conferência Internacional de Investigação em Enfermagem, Porto, 02 Outubro.

CAMARNEIRO, Ana (2009) “Vinculação Pré-natal: estudo com casais no 2º trimestre de gestação, na região centro do país.” - I Congresso Luso-Brasileiro de Psicologia da Saúde, Poster, Faro

CAMARNEIRO, Ana (2009) “Vivências da mulher primigesta face à perda de um filho por interrupção espontânea da gravidez, no primeiro trimestre gestacional: um estudo fenomenológico.” - Instituto Piaget de Viseu e APELO, Comunicação oral, Viseu

CAMARNEIRO, Ana (2009) “A ampliação pelo nascimento e parentalidade” - 1º congresso Luso-Brasileiro de Psicologia da Saúde, Sociedades Portuguesa e Brasileira de Psicologia da Saúde, Comunicação oral, Faro

CARDOSO, Pedro; PAIS, Rui; COSTA, Jacinto; FERREIRA, Joana; MARTINS, Ana; ALMEIDA, Ricardo; SANTOS, Sandra; MENDES, Aida (2008) “Ansiedade: uma intervenção multidisciplinar com recurso ao termómetro do distress” - I Encontro de Enfermagem de Cirurgia de Cabeça e Pescoço, Serviço de Cirurgia de Cabeça e Pescoço do IPOCFG, EPE, Comunicação oral

CARRAGETA, Céu; AMADO, Regina; FREITAS, Helena; BRITO, Irma; LEITÃO, Maria; NEVES, Marília; LOPES, Rosa; MELO, Rosa; PEDROSO, Rosa; VIDIGUEIRA, Paula (2008). «Diz-me o que comes...», XVIII Congresso Mundial de Epidemiologia e VII Congresso Brasileiro de Epidemiologia – Epidemiologia na Construção da Saúde para Todos: métodos para um mundo em transformação, Porto Alegre/Rio Grande do Sul – Brasil de 20 a 24 de Setembro. Poster

CARRAGETA, Céu (2008). «Tutor Nurse – the profile in the conception of nursing students» NURSE EDUCATION ON THE MOVE, What about Educators’ Competences?, 7th European Conference of Nurse Educators, Plovdiv – Bulgária de 9 a 10 Outubro.

CARRAGETA, Céu (2008). «O Enfermeiro Tutor - Representações de Estudantes e Docentes de Enfermagem», 10ª Conferência Internacional de Investigação em Enfermagem: da Produção à Utilização do Conhecimento, Porto, de 30 de Setembro a 3 de Outubro.

DUARTE, Susana (2008): Home health care for chronic patients: the Nurse’s role by the informal caregivers voices. 13 th Research Conference of the Workgroup of European Nurse Researchers (WENR). Viena, 2-5 Setembro.

DUARTE, Susana (2008): Cuidados Continuados: Afiramar a Continuidade. Cuidados Continuados: Realidade ou Utopia? Ponta Delgada, 17-18 Outubro.

FERNANDES, Maria (2009) “Questões Éticas do Quotidiano do Enfermeiro na UCI” - Congresso de Enfermagem Médico-Cirúrgica, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, Mesa redonda, Coimbra

GALHARDO, Rosa Moreira (2008), «Haptonomia - A Ciência da Afectividade». - I Jornadas de Enfermagem em Obstetrícia: Por uma Vida Melhor, Escola Superior de Saúde de Vale do Ave - Famalicão, 23-24 Outubro.

GONÇALVES, Rui; LOBÃO, Catarina; QUEIRÓS, Eduardo (2008), Investimento corporal na pessoa com ostomia de eliminação intestinal, II Jornadas Internacionais de Enfermagem Primavera 2008, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, 17-19 Abril. Comunicação livre

GONÇALVES, Rui; LOBÃO, Catarina (2008), Imagem corporal e suas alterações, I Encontro de Enfermagem de Cirurgia de Cabeça e Pescoço, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, 25 Outubro. Comunicação livre

GONÇALVES, Rui; LOBÃO, Catarina; QUEIRÓS, Eduardo (2008), Pessoa com ostomia de eliminação intestinal: processo e adaptação às alterações da imagem corporal, II Jornadas Internacionais de Enfermagem Primavera 2008, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, 17-19 Abril. Poster

GONÇALVES, Rui; LOBÃO, Catarina (2008), O Enfermeiro no processo de Reimagem Corporal, I Encontro de Enfermagem de Cirurgia de Cabeça e Pescoço, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, 25 Outubro. Poster

GONÇALVES, Rui; LOBÃO, Catarina (2008), Reimagem Corporal vs. Investimento Corporal, I Encontro de Enfermagem de Cirurgia de Cabeça e Pescoço, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, 25 Outubro. Poster

GONÇALVES, Rui; MELO, António; BAPTISTA, Ana (2009) “O PORTFOLIO REFLEXIVO E CRITICAL FRIENDSHIP: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA EM CONTEXTO DE ENSINO CLÍNICO” - X CONGRES-

GRAVETO, João (2009) “Amigos amigos, pressões à parte” - Workshop, Associação de estudantes da ESEnfC, Moderação de debate, Coimbra

LOMBA, Lurdes; APÓSTOLO, João (2008). Saúde e Segurança em Ambientes Recreativos de Coimbra. Congresso Internacional “Cidades, Saúde e Segurança”, Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra (UC). 8-07-2008

LOMBA, Lurdes; APÓSTOLO, João; MENDES, Fernando (2008). Drugs & Alcohol Consumption and Sexual Risk Behaviours In Coimbra Night Recreational Settings. Conferencia Internacional “Club Health 2008”, Ibiza, Espanha, 23 de Junho. Poster

LOMBA, Maria; APÓSTOLO, João (2009) “Consumo de álcool e drogas e Percepção da Saúde e Bem-Estar nos Jovens Portugueses que Frequentam Ambientes Recreativos Nocturnos” - IV Congresso saúde e qualidade de vida, Escola Superior de Enfermagem do Porto - Núcleo de Investigação em saúde e qualidade de vida, Comunicação oral

LOMBA, Maria; APÓSTOLO, João (2009) “Consumo de álcool e drogas e comportamentos sexuais de risco nos jovens portugueses que frequentam ambientes recreativos nocturnos” - IV Congresso saúde e qualidade de vida, Escola Superior de Enfermagem do Porto - Núcleo de Investigação em saúde e qualidade de vida, Comunicação oral

LOMBA, Maria; APÓSTOLO, João; MENDES, Fernando (2009) “Safeguarding youngsters that attend Portuguese night recreational settings from risky behaviours (Drugs & Alcohol consumption and risky sex)” - Children and young People in a Changing World. 1st International Conference, School of Nursing and Midwife - Belfast University, Poster, Belfast

LOUREIRO, Helena (2008), «Influência da doença crónica nos comportamentos de saúde adoptados pela família», Simpósio Internacional Enfermagem de Família, Escola Superior de Enfermagem do Porto, 12 Maio.

LOUREIRO, Helena (2008), «O Idoso diabético: particularidades do ensino do auto-cuidado». 6º Curso Pós-Graduado sobre envelhecimento, Serviço de Medicina - HUC, 18-19 Setembro.

LOUREIRO, Cândida (2008), “Compulsory Admission in Mentally Ill Patients in Portugal”, Horatio: European Festival of Psychiatric Nursing - The age of dialogue, Corinthia San Gorg Hotel, St George’s Bay, Malta, 5th-9th November

MARTINS, José (2008) “Satisfaction with the information about the disease and health outcomes in cancer patients” - 13th Research Conference of the Workgroup of European Nurse Researchers, Workgroup of European Nurse Researchers (WENR), Poster

90

MARTINS, José; SIMÕES, Isabel (2008) “Intervenção nutricional em doentes submetidos a cirurgia de cabeça e pescoço: importância da avaliação e monitorização nutricional” - I Encontro de Enfermagem de Cirurgia de Cabeça e Pescoço, Serviço de Cirurgia de Cabeça e Pescoço e Urologia do Instituto Português de Oncologia de Coimbra Francisco Gentil, EPE, 25 de Outubro de 2008, Mesa redonda

MARTINS José e SIMÕES Isabel (2008), “Intervenção nutricional em doentes submetidos a cirurgia da cabeça e pescoço. Importância da avaliação”. I Encontro de Enfermagem de Cirurgia de Cabeça e Pescoço. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, 5 Outubro.

MELO, Rosa; LOPES, Rosa; BRITO, Irma; FREITAS, Helena; CARRAGETA, Céu; LEITÃO, Maria; NEVES, Marília; VIDIGUEIRA, Paula; AMADO, Regina; PEDROSO, Rosa (2008). «Álcool, Tabaco e outras Drogas: Consumos nos Estudantes de Enfermagem», XVIII Congresso Mundial de Epidemiologia e VII Congresso Brasileiro de Epidemiologia – Epidemiologia na Construção da Saúde para Todos: métodos para um mundo em transformação, Porto Alegre/Rio Grande do Sul – Brasil de 20 a 24 de Setembro. Poster

MENDES, Aida; APÓSTOLO, João; MARTINS, Maria(2008) “Conforto/desconforto em doentes internados em clínica psiquiátrica” - Comunicação oral, Porto

MENDES, Aida; VAZÃO, Cristiana; PEREIRA, Dora; SANTOS, Inês(2008) “Adherence to treatment: a study with youths insulin-dependent diabetes mellitus” - Sigma Theta Tau International, Comunicação oral, Singapura

MENDES, Aida (2008) “Investigação: ciclos de estudos” - Aprender a investigar, APE, Mesa redonda, Porto

NEVES, Marília; CARRAGETA, Céu; FREITAS, Helena; AMADO, Regina; BRITO, Irma; LEITÃO, Maria; LOPES, Rosa; MELO, Rosa; PEDROSO, Rosa; VIDIGUEIRA, Paula (2008). «Enfermagem: que conceito detêm os estudantes em início de formação?», VI Jornadas Internacionales de Cultura de los Cuidados - Familia, Cultura Y Cuidados: De la diversidad a la particularidad. IX Reunión de Investigación Cualitativa, Alicante, Espanha, 12 e 13 de Junho. Poster

NEVES, Marília; CARRAGETA, Céu; FREITAS, Helena; AMADO, Regina; BRITO, Irma; LEITÃO, Maria; LOPES, Rosa; MELO, Rosa; PEDROSO, Rosa; VIDIGUEIRA, Paula (2008). «Sexualidade: Vivências e Riscos em estudantes de Enfermagem», XVIII Congresso Mundial de Epidemiologia e VII Congresso Brasileiro de Epidemiologia – Epidemiologia na Construção da Saúde para Todos: métodos para um mundo em transformação, Porto Alegre/Rio Grande do Sul – Brasil de 20 a 24 de Setembro. Poster

NEVES, Marília; CARRAGETA, Céu; FREITAS, Helena; AMADO, Regina; BRITO, Irma; LEITÃO, Maria; LOPES, Rosa; MELO, Rosa; PEDROSO, Rosa; VIDIGUEIRA, Paula (2008). «Nursing: Conceptions of the Students At the Beginning of Their Training». 7th European Conference of Nurse Educators - What about Educators' Competences? Plovdiv (Bulgária), 9 a 10 de Outubro. Poster

NEVES, Marília et al (2008), «Conceptualização da Enfermagem pelos estudantes no início e final da licenciatura». 10ª Conferência Internacional de Investigação em Enfermagem. Da Produção à Utilização do Conhecimento. Porto: Associação Portuguesa de Enfermeiros, 30 de Setembro a 3 de Outubro.

PAIVA, Luis; PEREIRA, Anabela; MENDES, Aida(2008) “Assertiveness, students stress and perceived supervision support” - Poster, Health Psychology Conference, Bath, England 9-12 September.

PARREIRA, Pedro (2008) Leadership complexity in the Health Context: An empirical study In Abstract Book (p.59) The 2008 International Conference “Healthy People for a Healthy World” June 25-27, Faculty of Nursing, Mahidol University, Bangkok, Thailand.

PARREIRA, Pedro (2008) Augusto, B.; Nogueira, A.; Mendes, M.; Reis, S.; Silva, S.; Ribeiro, I.; Marques, A. Ferreira, J.; Reis, M.; Faia, R.; & Dias, D.; Santos, V. Assessment of Nursing care quality: a descriptive study of the prevalence of pressure ulcer risk in a Neurology unit. In Abstract Book The 13th Research Conference of the Workgroup of European Nurse Researchers (WENS) Chronic Illness Management, Vienna, Austria 2nd to 5th September.

PARREIRA, Pedro (2008) The importance of leadership in the management of Portuguese culture: an empirical study conducted in hospital context In Abstract book International Nursing Management Conference 13 to 15 October, Antalya, Turkey.

PARREIRA, Pedro (2008) Salgueiro, A.; Arreguy, C.; Canais, A.; Duarte, L.; Carvalheiro, L.; Patrício, M.; Mendes, S.; Santos, M. Procedures and good practice in peripheral venous catheterization: an empirical study conducted in hospital context In Abstract Book (p.141). 9th Annual Interdisciplinary Research Conference, School of Nursing and Midwifery Trinity College Dublin, Ireland 5- 7 November.

PARREIRA, Pedro (2008) Organizational effectiveness in health context: The importance of leadership complexity, Erasmus Program, 12 June, Plovdiv, Bulgaria.

POÇO, Ana (2008) “Ser mulher na menopausa - um estudo baseado na vivência de mulheres”. Seminário “Menopausa... uma nova fase”, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, 17 de Outubro.

QUEIRÓS, Paulo (2008), “Experiências em cuidados paliativos”. Moderação de mesa no âmbito do Simpósio de Enfermagem Cuidados Continuados – necessidade/ oportunidade. Fórum da Maia. (20 de Setembro)

QUEIRÓS, Paulo (2008), “Risco de lesões músculoesqueléticas na prática de cuidados e o papel dos enfermeiros especialistas em enfermagem de reabilitação”, no âmbito do seminário “Ergonomia, biomecânica e risco de lesões músculoesqueléticas”. Universidade do Minho – Escola Superior de Enfermagem (10 de Outubro)

QUEIRÓS, Paulo (2008), “1º Encontro de Editores de Revistas Científicas Portuguesa de Enfermagem”, coordenação e relator de conclusões, no âmbito do “10º Aniversário da Revista Referência”. UICISA-dE – Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (17 de Outubro)

QUEIRÓS, Paulo (2008), “Intervenções de Enfermagem por relaxamento e hipnose”. Curso pré-congresso do “Congresso de Saúde Mental e Equilíbrio Social”. Org. Sociedade Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental. Fórum Municipal de Gondomar. (28 de Outubro)

SALGUEIRO, A.; PARREIRA, Pedro (2008) Vigilance of peripheral venous catheters. An empirical longitudinal study conducted in hospital context In Abstract book The 13th Research Conference of the Workgroup of European Nurse Researchers (WENS) Chronic Illness Management, Vienna, Austria 2nd to 5th September. **Poster**

SALGUEIRO, A.; PARREIRA, P.; ARREGUY, C.; CANAIS, J.; DUARTE, L.; CARVALHEIRO, L; PATRÍCIO, M. L.; MENDES, S.; & SANTOS, M. (2008) Peripheral Venous Catheter Insertion and Phlebitis Occurrence in a University Hospital: An Empirical Study on the Impact of Adopted Procedures. 9th Annual Interdisciplinary Research Conference. School of Nursing and Midwifery Trinity College Dublin. Dublin. 5 a 7 de Novembro. **Poster**

SANTOS, José; SARAIVA, Carlos; VEIGA, Francisco (2008) “Attempted suicide, structural equation model, and expressed emotion” - XIV World Congress of Psychiatry, World Psychiatric Association, Comunicação oral, Praga

SANTOS, José; NEVES, Ema (2008) “A perspectiva sistémica nas tentativas de suicídio – a importância da família” - 7as Jornadas sobre Comportamentos Suicidários, Consulta de prevenção do suicídio dos HUC e Sociedade Portuguesa de Suicidologia, Coimbra

SIMÕES, Isabel (2008), “Informal caregivers continued cares”. Programa Erasmus, Tempere - Pirkanmaan Ammattikorkeakoulu Piramk – University of Applied Sciences, 5-9 Maio